CINEMA & VÍDEO

SET

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

EDITORA AZUL

ISSN 0104-1592

5633 - Abril, 1994 - Ed. 82 - Ano VII - Nº 04 - CR$ 4.300,00

CADERNO DE VÍDEO

Harrison Ford e Tommy Lee Jones duelam em **O FUGITIVO**

E MAIS 55 LANÇAMENTOS

Madeleine Stowe, Andie MacDowell, Mary Stuart Masterson e Drew Barrymore em **BAD GIRLS**

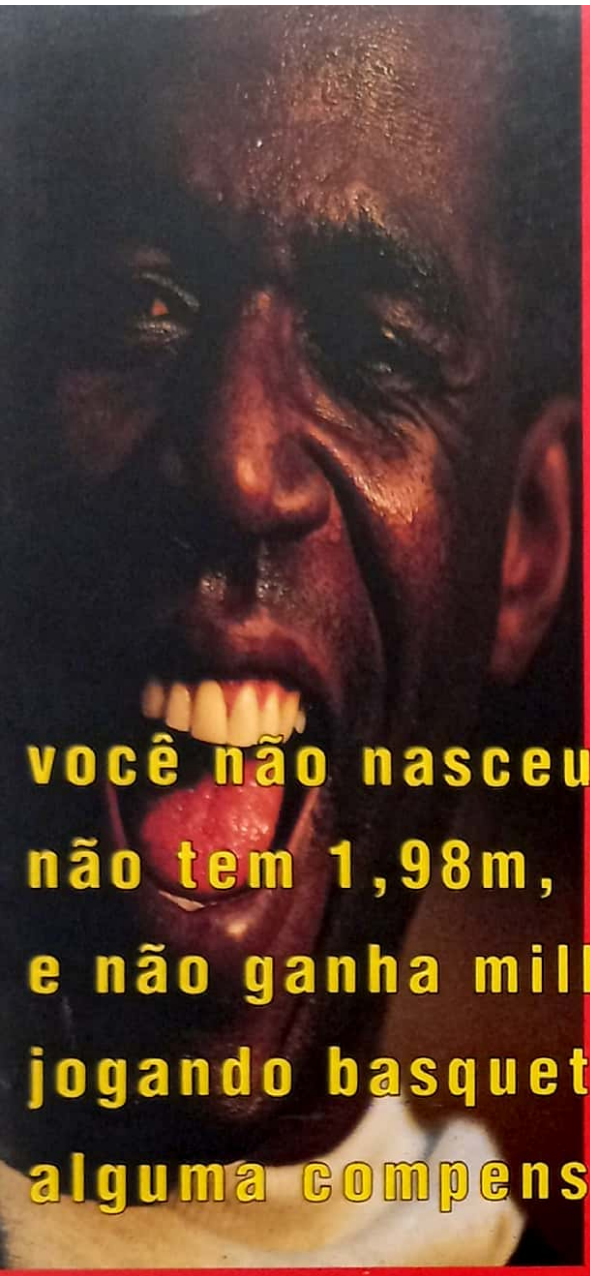
O FAROESTE TOMA HOLLYWOOD

ESTRELAS E DIRETORES ADEREM À NOVA ONDA DO BANGUE-BANGUE

MEL GIBSON

KEVIN COSTNER

SHARON STONE



STREETBALL

adidas

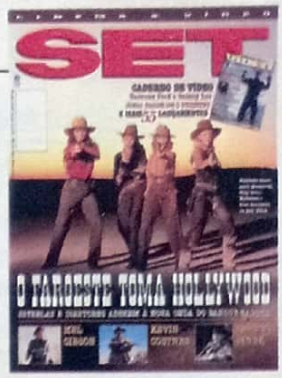
**você não nasceu no Harlem,
não tem 1,98m, não é famoso
e não ganha milhões de dólares
jogando basquete.
alguma compensação você tinha que ter.**

Acaba de chegar dos EUA o tênis Adidas com o design e o acabamento perfeitos para jogar Streetball. Streetball é o basquete de rua que todo cara desconhecido como você joga antes de ficar rico e famoso. Já que você não é um ídolo como o Joe Dumars, nem alto como o Mutombo, nem milionário como o Christian Laettner, pelo menos use um tênis para empatar com o deles. Streetball da Adidas. Um lançamento tão perfeito como os lançamentos dos jogadores americanos.

adidas streetball

adidas

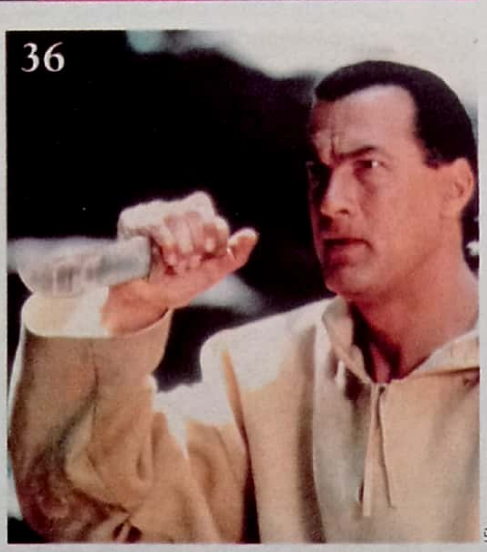
Programa



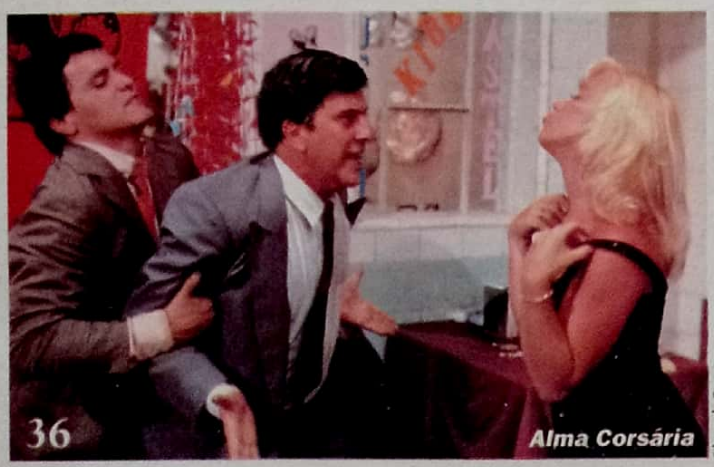
NA CAPA: Madeleine Stowe, Andie MacDowell, Mary Stuart Masterson e Drew Barrymore em *Bad Girls* (Fox), Mel Gibson em *Maverick* (Warner), Kevin Costner em *Wyatt Earp* (Warner), e Sharon Stone em *The Quick and the Dead* (Columbia); capa de vídeo: Harrison Ford em *O Fugitivo* (Warner) e Tom Cruise em *A Firma* (UIP)

Henry Fonda, Gregory Peck, Gary Cooper, James Stewart e, claro, John Wayne: há algumas décadas, astro que se prezasse não dispensava um bom faroeste em seu currículo. E agora, depois de longos anos como o gênero mais fora de moda do cinema, o western conseguiu a façanha de se reerguer. Nos anos 90, depois da febre provocada por *Dança com Lobos* e *Os Imperdoáveis*, é a vez de Kevin Costner, Mel Gibson, Sharon Stone e outras estrelas de poder de tiro variado colocarem seu prestígio a serviço do renascimento do Oeste. Afinal, como diz o crítico Inácio Araujo na seção *Mito* deste mês, mesmo que Hollywood não tivesse produzido nada de valor, a aventura do cinema americano continuaria de pé enquanto pudéssemos ver um caubói atravessando o deserto montado em seu cavalo.

Fox



UFI



Filmes do Estação

4 TAKES
Bruce Willis fica nu no thriller erótico *Color of Night*

12 WESTERN
Kevin Costner, Sharon Stone, Mel Gibson, Andie MacDowell, Madeleine Stowe, Kurt Russell e Paul Hogan aderem à nova onda do faroeste
O western spaghetti faz trinta anos

26 PERDIDOS NA NOITE
Dustin Hoffman, Jon Voight e John Schlesinger relançam o clássico *Midnight Cowboy*

28 FREE SHOP
A Sony lança o Marine Pack, estojo à prova d'água para Handycams

30 OS MELHORES DE 1993
Leitores e crítica elegem os destaques do ano

34 OSCAR 94
Os vencedores da Academia

36 NOVOS FILMES
Steven Seagal estréia na direção com *Em Terreno Perigoso*;
***A Marca da Maldade*, de Orson Welles;**
A Casa dos Espíritos*; *Alma Corsária

44 MITO
John Wayne, o maior caubói americano

46 FILMOGRAFIAS

48 CONEXÃO L.A.
José Emilio Rondeau explica como as estrelas controlam sua imagem

49 CADERNO DE VÍDEO
***O Fugitivo* e *Risco Total* estão entre os 55 lançamentos**

70 CARDÁPIO
Todos os ganhadores do Oscar em vídeo

76 CARTAS

78 NOSTALGIA

IVORY/MERCHANT

EM PARIS

Enquanto saboreiam os frutos do sucesso de *Vestígios do Dia*, a dupla mais elegante do cinema atual, **James Ivory/Ismail Merchant**, já arregaçou as mangas para iniciar um novo projeto. Em março começaram as filmagens de *Jefferson in Paris*, que vai mostrar o período em que Thomas Jefferson foi embaixador na França. Para o personagem-título, o grandalhão **Nick Nolte**. A seu lado, a loiraça **Greta Scacchi**. Toda a equipe está reunida na "cidade-luz", lugar bem apropriado para James Ivory treinar seu requinte e elegância.

Ivory e Merchant, à direita

Stills

Como é que pode ficar pelado e de tênis dentro de uma piscina, hein Bruce?

BRUCE WILLIS

MOSTRANDO AS PARTES

Parece que o maridinho de Demi Moore resolveu dar um tempo nas explosões, demolições, chutes e pontapés. Quem não deve estar gostando muito do novo filme de **Bruce Willis** é Demi. É que ele contracena com a ninfeta **Jane March** (isso mesmo, a bonitinha de O *Amante*) no thriller erótico *Color of Night* (de Richard Rush, *Air America – Loucos pelo Perigo*). Além de seu personagem cair em tentação por uma bela e misteriosa *femme fatale* (March), ainda mostra a bundinha, pelado e de tênis.

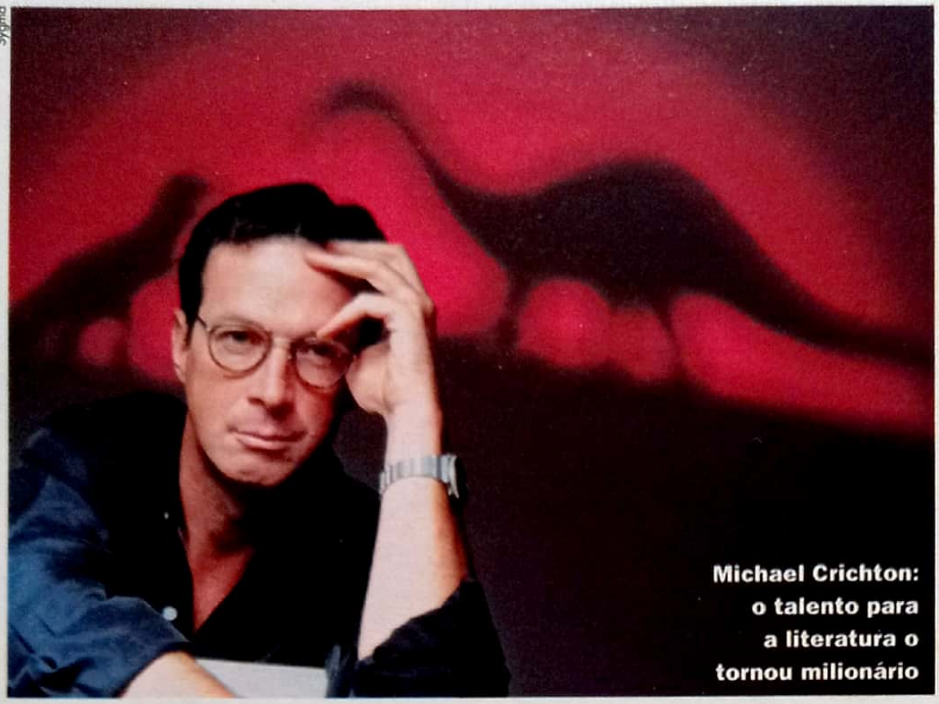
•

Em contrapartida, **Demi Moore** deixou de lado as propostas indecentes e está pensando em aceitar o papel de Hester Prynne, a heroína de A *Letra Escarlate*, romance de 1850 do escritor americano Nathaniel Hawthorne. A história é sobre uma mulher que, certa de que seu marido morreu,tem um filho ilegítimo. A primeira versão do romance é de 1926 e tem Lillian Gish no papel de Hester. Demi Moore pretende entrar nos sets de filmagens em junho, cinco meses depois de dar à luz.

AMOR A TRÊS

A MALDIÇÃO DOS BALDWIN

Depois que Billy Baldwin e Kelly Linch disputaram Sherilyn Fenn em *As Amantes*, virou mania formar triângulo amoroso. O próximo formado no celulóide é com **Lara Flynn Boyle**, **Stephen Baldwin** e **Josh Charles** (na foto) em *Threesome*. Só que o diretor/roteirista Andrew Fleming modificou um pouquinho a história: estarão os dois rapazes apaixonados por Boyle, ou um pelo outro? Parece uma maldição do clã Baldwin.



Michael Crichton: o talento para a literatura o tornou milionário

MICHAEL CRICHTON

SUCESSO ABSOLUTO

Nada como ter o dom das letras. **Michael Crichton**, o autor de *O Parque dos Dinossauros* e *Sol Nascente*, mal acabou de lançar seu último livro (sobre um executivo que sofre assédio sexual de sua chefe) e já chegou ao topo dos dez mais vendidos nos Estados Unidos. *Disclosure* é um sucesso e está em pré-produção para virar filme. **Michael Douglas** é o nome mais cotado para interpretar o executivo; entre as estrelas, a lista vai de **Sharon Stone** a **Glenn Close**, apesar de a primeira a ser pensada tenha sido Annette Bening, que declinou por estar grávida do segundo filho de Warren Beatty.

•

Michael Crichton, aliás, deve estar com um sorriso de orelha a orelha. A Paramount divulgou sua intenção de filmar *Congo*, livro escrito por ele há quinze anos. Para a direção, o estúdio pensa em **Frank Marshall**, ex-produtor de Steven Spielberg.

PERRY FARRELL

EXORCISMO

Volta e meia o cinema oficial reserva alguma surpresa. A Warner fonográfica desembolsou US$ 100 mil para realizar um dos mais viscerais e violentos filmes sobre a degradação provocada pelo uso de drogas. *Gift* é a estréia na direção do cantor e compositor **Perry Farrell** (ex-Jane's Addiction, atual líder da banda Porno for Pyros) em parceria com sua ex-companheira **Casie Nicolli**. É uma espécie de *Sid & Nancy* e relata experiências semi-autobiográficas desta dupla bem ex: ex-casal, ex-grupo e groupie, ex-viciados. O filme, claro, é barra pesada – curiosamente, "gift" significa em inglês "dom/habilidade", e em alemão "veneno". Sugestivo...

ORNELLA/TIMOTHY

MATANDO A SAUDADE

No final do mês de fevereiro, o ator que já teve a honra de ser 007 foi internado num hospital londrino com fortes dores no estômago. **Timothy Dalton** se encontra em Londres para as filmagens da minissérie *Scarlett*, que dá continuidade a *...E o Vento Levou*, em que interpreta o personagem Rhett Butler. Há exatos catorze anos, Timothy foi o Príncipe de Arboria no filme *Flash Gordon*, de Mike Hodges. Ao seu lado na luta contra o mal, a bela **Ornella Muti**, como a Princesa Aura. Atualmente, Ornella, que acabou de desfazer um casamento de quinze anos, se dedica à custódia dos dois filhos, Naike e Carolina. Também foi eleita uma das mulheres mais bonitas de 1993 numa pesquisa na Itália. Na lista também estão as beldades Kim Basinger, Cindy Crawford e Madonna.

UIP

Winona vai às compras e leva Ethan (ao fundo) consigo

GENERATION X

PRIMEIRO ENCONTRO

Winona Ryder causou apreensão quando decidiu colocar seus serviços à disposição do diretor iniciante **Ben Stiller**. Mas a comédia romântica *Reality Bites* – primeiro filme sobre a geração pós-yuppie, centrado no triângulo formado por Winona, **Ethan Hawke** e o próprio Stiller (que atuou em *Sem Amanhã*, ao lado de Andrew McCarthy) – até que não foi tão mal recebida pela crítica.

•

Na "Bolsa de Cinema" da revista *Entertainment Weekly* obteve média B-, e o crítico Owen Gleiberman chega a elogiá-lo várias vezes: "Um dos prazeres de *Reality Bites* é como ele supera as expectativas"; "Winona, tão boa quanto em *A Época da Inocência*, tem sua primeira verdadeira performance como estrela"; "Ethan de repente se revela um ator magnético".

•

Por outro lado, o repórter John Clark, da revista *Premiere*, visitou o set e começa seu texto com a seguinte frase: "A realidade não morde. Enjoa". Clark também se irritou com Winona, que não o deixou assistir às filmagens de suas cenas. E vai mais longe, deixando uma pergunta no ar: seria "O *Reencontro* da Generation X?".

•

Já a *Newsweek* avisa em sua crítica que "o perigo dos filmes que tentam definir uma geração é que eles quase sempre se tornam genéricos". Mas, para sorte da equipe, David Ansen continua afirmando que "Ben Stiller nunca cai no erro de se levar a sério", apesar de *Reality Bites* conter todos os jargões de uma geração – lares desfeitos, desilusão com o mundo adulto, excesso de responsabilidade etc. Parece que, entre mortos e feridos, todos se saíram bem.

EPIDEMIA

O FIM DA HUMANIDADE

Dois filmes lidando com um tema quase idêntico – um vírus letal que foge ao controle dos cientistas e ameaça dizimar a humanidade – estão sendo desenvolvidos por dois estúdios diferentes. **Arnold Kopelson** – o homem que deu ao mundo *O Fugitivo* – prepara na Warner Bros. *Outbreak*, que **Wolfgang Petersen** (*Na Linha de Fogo*) dirigirá. Na 20th Century Fox, enquanto isso, **Lynda Obst** produzirá *Crisis in the Hot Zone* para **Ridley Scott** dirigir. Curiosamente, tanto Kopelson quanto Obst querem **Robert Redford** no elenco.

•

Os dois longas são muito parecidos. Ambos lidam com médicos militares que precisam conter o avanço de um vírus mortal. Mas somente Obst admite que se inspirou numa recente reportagem publicada pela revista *New Yorker*, sobre uma ameaça parecida detectada num laboratório militar de pesquisa biológica em Maryland.

•

Em tempo: a produtora **Gale Anne Hurd** (ex-mulher de James Cameron e parceira dele nos dois *O Exterminador do Futuro*) também está desenvolvendo um filme sobre vírus. Só que este *Vírus* é eletrônico, e ameaça partir de um laboratório oriental para destruir todos os sistemas de computação do mundo.

ESTÚDIOS DISNEY

MIL E UMA NOVIDADES

Com um cronograma intenso, que inclui a produção de versões em desenho animado do clássico *O Corcunda de Notre Drame* e da ópera *Aida* (esta a cargo de Elton John e Tim Rice, o mesmo time que trabalhou nas canções do desenho que o estúdio lançará em junho, *The Lion King*), a Disney escalou **Jason Scott Lee** para ser Mogli, o menino-lobo, numa nova interpretação de *The Jungle Book*, que será filmada (e não desenhada) na Índia e na Carolina do Sul. Para quem não lembra, Jason foi Bruce Lee na recente cinebio do astro das artes marciais.

•

Como *The Lion King* só chega nos EUA no meio do ano e aqui no Brasil provavelmente em dezembro, damos uma prévia do que será esta animação:

1. Segundo o chefe dos estúdios Disney, "este é o filme mais engraçado que já realizamos";

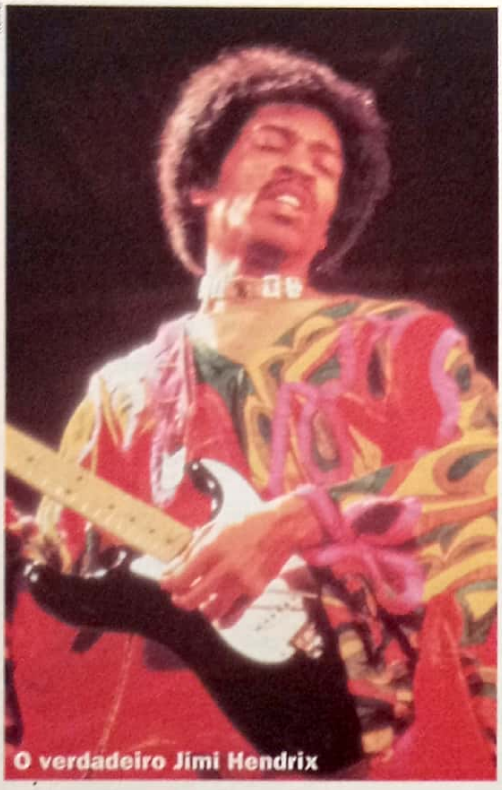
2. **Jeremy Irons** empresta sua voz para o personagem principal – o vilão Scar, tio do leão Simba;

3. **Whoopi Goldberg** ficou responsável por dar vida à histérica hiena Shenzi.

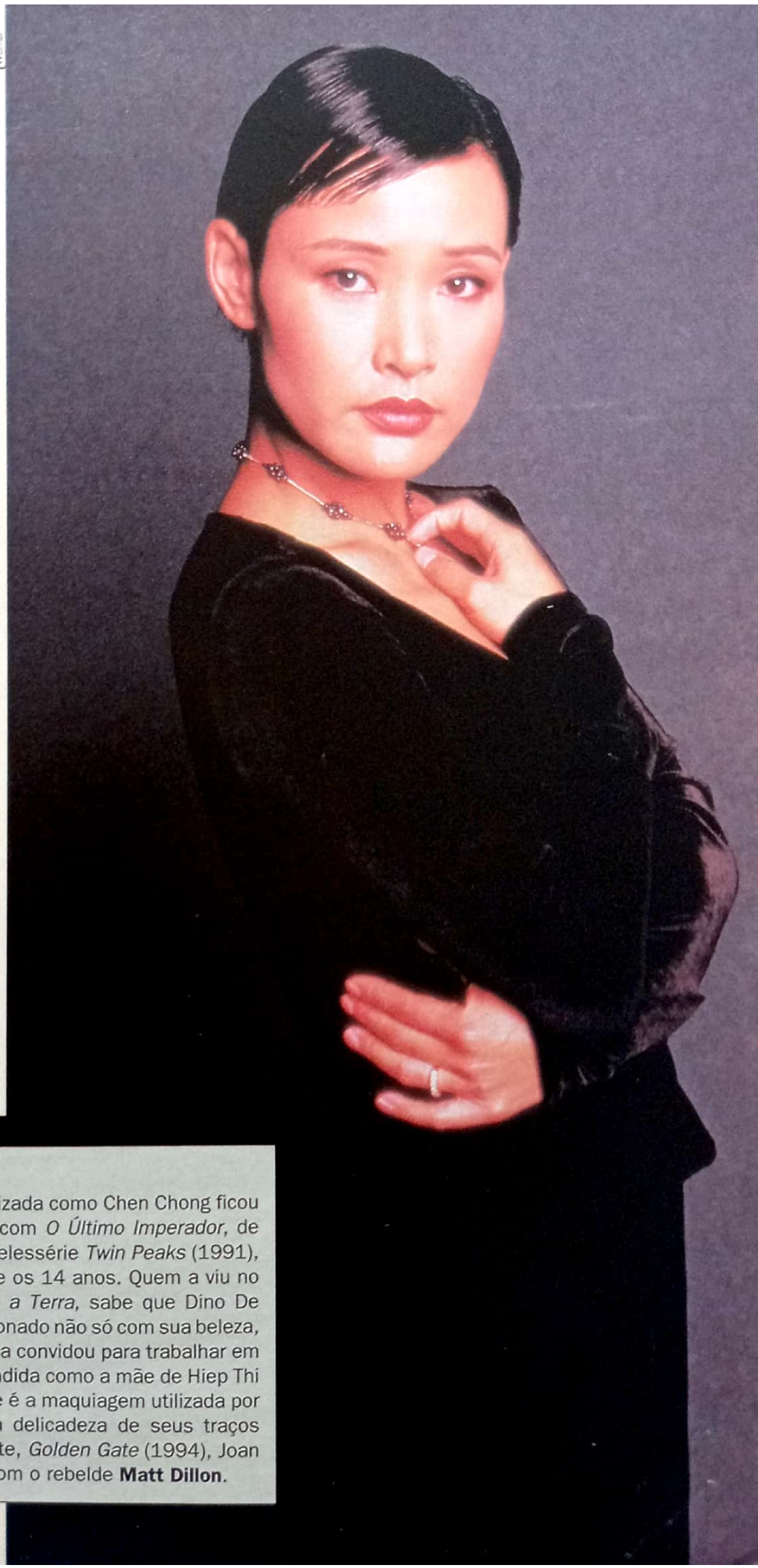
LARRY FISHBURNE

ENCARNA JIMI HENDRIX

Larry Fishburne encarnou brilhantemente o marido de Tina Turner, Ike, na cinebiografia *Tina*. Gostou tanto da experiência que agora vai viver o lendário guitarrista **Jimi Hendrix**. O ator também é o responsável pela produção de *Scuse Me While I Kiss the Sky*, baseado na biografia oficial de David Henderson. Só existe um porém: o estúdio responsável é a Disney, que pode brecar uma descrição detalhada da vida "bandida" de Hendrix.



O verdadeiro Jimi Hendrix



JOAN CHEN

CHINA GIRL

A boneca de porcelana chinesa batizada como Chen Chong ficou conhecida do público brasileiro com *O Último Imperador*, de Bernardo Bertolucci (1986), e com a telessérie *Twin Peaks* (1991), mas vem batalhando como atriz desde os 14 anos. Quem a viu no filme de Oliver Stone, *Entre o Céu e a Terra*, sabe que Dino De Laurentiis tinha razão ao ficar impressionado não só com sua beleza, mas também com seu talento quando a convidou para trabalhar em *Tai Pan* (1986): **Joan Chen** está esplêndida como a mãe de Hiep Thi Le. No entanto, o mais impressionante é a maquiagem utilizada por seu personagem, capaz de ocultar a delicadeza de seus traços orientais. Em seu trabalho mais recente, *Golden Gate* (1994), Joan Chen vive um romance escandaloso com o rebelde **Matt Dillon**.

REMAKES

OBRAS ETERNAS

Na falta de idéias novas, os bons filmes de outrora servem de inspiração para as produções atuais. É o caso de *Tarde Demais para Esquecer*, realizado por Leo McCarey em 1957, com Cary Grant e Deborah Kerr vivendo o romance do título, que está sendo refilmado com o casal **Warren Beatty** e **Annette Benning**.

•

Outro grande sucesso a ser adaptado é *Amar É minha Profissão* (1958), filme francês de Claude Autant-Lara que revelou a nudez da belíssima Brigitte Bardot. A tarefa de trazer a história do advogado que se apaixona por sua cliente dos anos 50 para os 90 está a cargo de **Roselyne Bosch** (roteirista de *1492*), e a direção será de **Sydney Pollack**. Ainda não se sabe quem encarnará os personagens que foram de Bardot e Jean Gabin.

•

A vida trágica de Joana D'Arc já foi contada de várias formas em 25 cinebiografias – as mais famosas são de Carl Dreyer, Otto Preminger e Victor Fleming. A mais recente foi apresentada no Festival de Berlim, em fevereiro, e é assinada por **Jacques Rivette**, com **Sandrine Bonnaire** no papel-título. Esta cinebio de Rivette é dividida em duas partes – batalhas e prisões – e tem quase cinco horas de duração.

HOMENAGENS

LFI

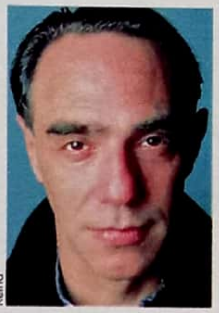
JOHN CANDY

Um ataque cardíaco fulminou **John Candy** aos 43 anos em 4 de março, durante as filmagens de *Wagons East*, no México. Seu maior sucesso no Brasil é *Antes Só do que Mal Acompanhado* (1987), onde atazana Steve Martin. Teve também uma participação pequena e muito engraçada em *Esqueceram de Mim* (1990), como o líder de uma banda de polka.

MELINA MERCOURI

Stills

A atriz grega **Melina Mercouri** não resistiu ao câncer nos pulmões e faleceu em 6 de março, aos 70 anos. Ela entrou para a história do cinema com *Nunca aos Domingos* (1960), dirigido pelo então futuro marido Jules Dassin. Melina não atuava desde 1983, quando participou do filme alemão *Keine Zufällige Geschichte*, e foi ministra da Cultura da Grécia de 1981 a 1989, voltando ao cargo no ano passado.


Retna

DEREK JARMAN

Derek Jarman faleceu em 19 de fevereiro, aos 52 anos, vítima de complicações resultantes da Aids. Suas últimas contribuições artísticas foram o filme *Blue*, um exercício cromático sobre sua incapacidade de enxergar em decorrência da doença, e o livro *Chroma*, que escreveu no hospital, com ensaios sobre arte e cinema. Jarman foi um dos poucos cineastas experimentais a encontrar exibição no circuito comercial pós-anos 70. Alcançou status de cult com *Magnicídio* (1977) e consagrou-se com a cinebiografia bastante livre *Caravaggio* (1985) e com o premiado *Eduardo II* (1991).

Jean Gabin não acredita no que está vendo: Brigitte Bardot quase nua em *Amar É Minha Profissão*

PROMOÇÃO

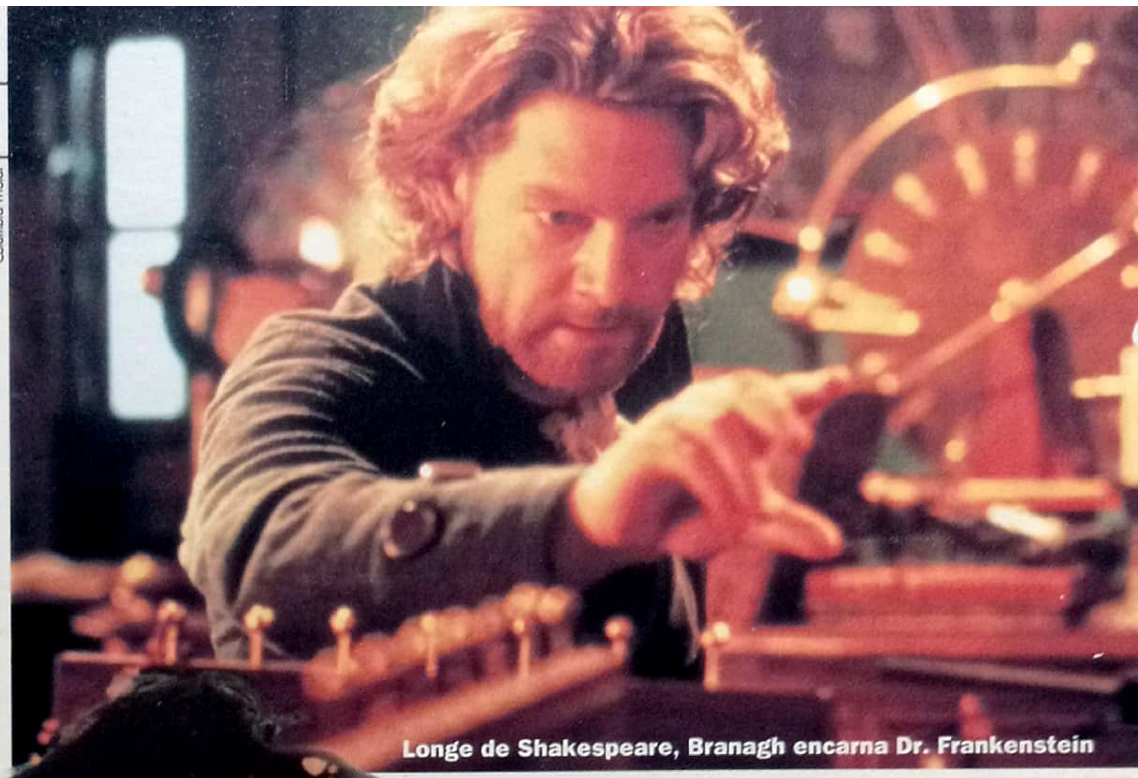
Veja a seguir o gabarito com as respostas do teste sobre o Oscar publicado na edição nº 81, março de 1994, de SET.

1) b (em 1935)
2) c (quatro)
3) a (doze vezes)
4) b (em 1936)
5) c
6) b
7) a (em 1961, por *Desafio à Corrupção/The Hustler*, e em 1970, por *Patton, Rebelde ou Herói?*)
8) a (seis vezes)
9) c (por *A Garota do Adeus/The Goodbye Girl* e *Momento de Decisão/The Turning Point*, em 1977)
10) b
11) a
12) c (por *Os Amores de Henrique 8º/The Private Life of Henry VIII*)
13) b
14) b
15) c (concorreu a onze Oscar e levou dez)
16) a (dez vezes)
17) b
18) a (pela canção "I Just Called to Say I Love You", em 1984)
19) b
20) c

KENNETH BRANAGH

DR. TERROR

O mais shakespeariano dos atores da atualidade se dedica agora à história clássica da escritora Mary Shelley. **Kenneth Branagh** e **Robert DeNiro** interpretam o Dr. Victor Frankenstein e A Criatura, respectivamente. Kenneth também é responsável pela direção desta nova versão e promete manter o espírito gótico da obra literária de Shelley. No elenco estão **Helena Bonham Carter**, **Tom Hulce**, **Aidan Quinn** e **John Cleese**. Francis Ford Coppola, James V. Hart e John Veitch cuidam da produção.



Columbia TriStar

Longe de Shakespeare, Branagh encarna Dr. Frankenstein

CINEBIOGRAFIA

SUBLIME MARLENE

Os direitos para cinema da escandalosa biografia da atriz **Marlene Dietrich** escrita por sua filha **Maria Riva** foram comprados pela MGM. Quando Riva lançou *I Never Loved My Mother* o mundo estremeceu com as revelações da única filha do "anjo azul": ela odiava a mãe, que descreve como autoritária e exploradora. O estúdio chamou o francês **Louis Malle** para a direção, que provavelmente saberá usar muito bem o lado "picante" do livro.

JAMES SPADER

NA TEIA DA VIÚVA NEGRA

Depois de se enroscar todo com Susan Sarandon em *Loucos de Paixão*, **James Spader** cai nas armadilhas do amor com **Madchen Amick** em *Dream Lover*. Spader de novo encarna o tipo "desprotegido". Faz um arquiteto bem-sucedido que freqüenta os lugares mais elegantes e sofisticados. Fragilizado com o recente divórcio, apaixona-se pela bela Madchen e rapidamente se casam. Como o amor é cego, ela se revela uma pessoa muito diferente daquela por quem Spader se apaixonou, e as coisas ficam *muito* complicadas para o seu lado.

Stills

FESTIVAIS

A EUROPA PRESENTE

O 44º Festival Internacional de Cinema de Berlim e o 19º Prêmio César (o Oscar francês) agitaram a Europa em fevereiro – em Berlim de 10 a 21, e o César no dia 26. Berlim consagrou o filme de Jim Sheridan, *Em Nome do Pai*, como o grande vencedor. Foi também no encontro berlinense que o diretor Krzysztof Kieslowski, premiado com o Urso de Prata de diretor com *Trois Couleurs: Blanc*, anunciou que se aposenta ao terminar a trilogia. A seguir, todos os premiados.

Stills

O diretor Alain Resnais, o mais premiado com o César

CÉSAR

- **FILME**: *Smoking/No Smoking*, de Alain Resnais
- **DIRETOR**: Alain Resnais
- ATOR: Pierre Arditi, por *Smoking/No Smoking*
- **ATRIZ**: Juliette Binoche, por *A Liberdade É Azul*, de Krzysztof Kieslowski
- **ATOR COADJUVANTE**: Fabrice Luchini, por *Tout Ça...Pour Ça*, de Claude Lelouch
- **ATRIZ COADJUVANTE**: Valérie Lemercier, por *Les Visiteurs*, de Jean-Marie Poire
- **FILME ESTRANGEIRO**: *O Piano*, de Jane Campion
- **ROTEIRO**: Agnès Jaoui e Jean-Pierre Bacri, por *Smoking/No Smoking*
- **FOTOGRAFIA**: Yves Angelo, por *Germinal*, de Claude Berri
- **FIGURINO**: Sylvie Cautrelet, Caroline de Vivaise e Bernardette Villard, por *Germinal*
- **CENÁRIO**: Jacques Quinternet e Marc Pinquier, por *Smoking/No Smoking*
- **SOM**: Zbigniew Preisner, por *A Liberdade É Azul*
- **MONTAGEM**: Jacques Witta, por *A Liberdade É Azul*
- **CANÇÃO**: Khaled, por "Un Deux Trois Soleil"
- **ATOR REVELAÇÃO**: Olivier Martinez, por *Un Deux Trois Soleil*, de Bertrand Blier
- **ATRIZ REVELAÇÃO**: Valéria Bruni-Tedeschi, por *Les Gens Normaux N'ont Rien d'Exceptionnel*, de Laurence Ferreira Barbosa

BERLIM

- **URSO DE OURO, MELHOR FILME**: *Em Nome do Pai*, de Jim Sheridan
- **URSO DE PRATA**: *O Ano do Cão*, de Semjon Aranowitsch
- **PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI**: *Morango e Chocolate*, de Tomás Gutiérrez Alea e Juan Carlos Tabío
- **MELHOR DIRETOR**: Kryzysztof Kieslowski, por *Trois Couleurs: Blanc*
- **MELHOR ATOR**: Tom Hanks, por *Filadélfia*, de Jonathan Demme
- **MELHOR ATRIZ**: Crissy Rock, por *Ladybird, Ladybird*, de Ken Loach
- **MENÇÃO ESPECIAL**: Rosie Perez, por *Sem Medo de Viver*, de Peter Weir
- **MAIOR CONTRIBUIÇÃO INDIVIDUAL**: Alain Resnais, por *Smoking/No Smoking*
- **PRÊMIO ANJO AZUL**: *O Jovem Juiz*, de Alessandro di Robilant

AS OUTRAS FMS VOCÊ OUVE.

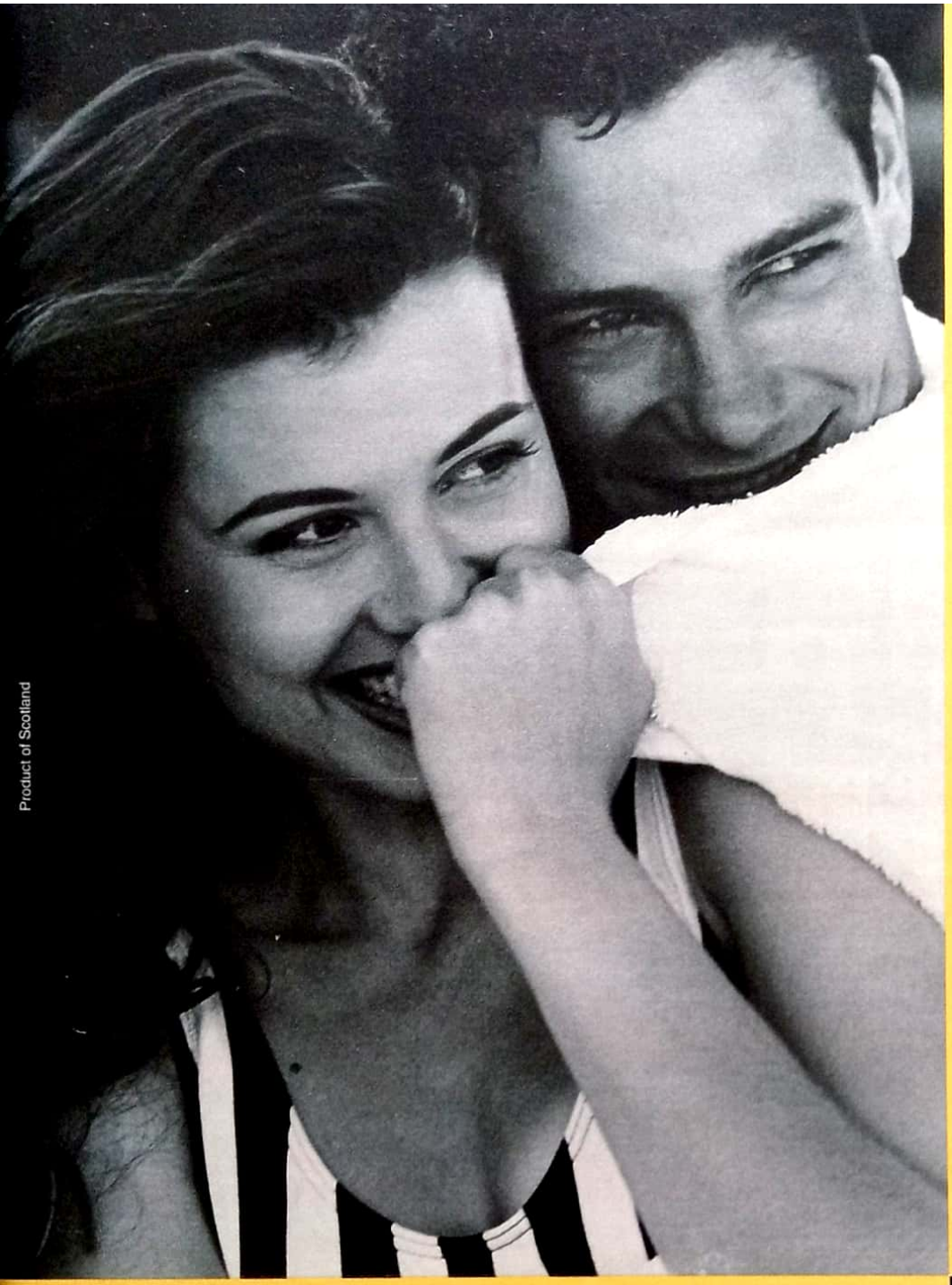
A ALPHA FM VOCÊ VÊ.

A diferença da Alpha FM para as outras rádios é fácil de ver. Está nas músicas selecionadas, no jornalismo dinâmico, nas mais atualizadas informações econômicas e culturais. No trânsito, em casa, no trabalho, enfim, onde existe gente de estilo, dá prá ver que tem ouvinte Alpha FM.

ALPHA FM

101,7 MHZ

FREQÜÊNCIA DE CLASSE



Product of Scotland

Cadê o gato?

DPZ

Cadê o JB que tava aqui?
O gato bebeu.
Cadê o gato?
Tá no colo.
Cadê o colo?
Já tem dona.
Cadê a dona?
Tá preparando outro JB pro gato beber.

Justerini & Brooks.

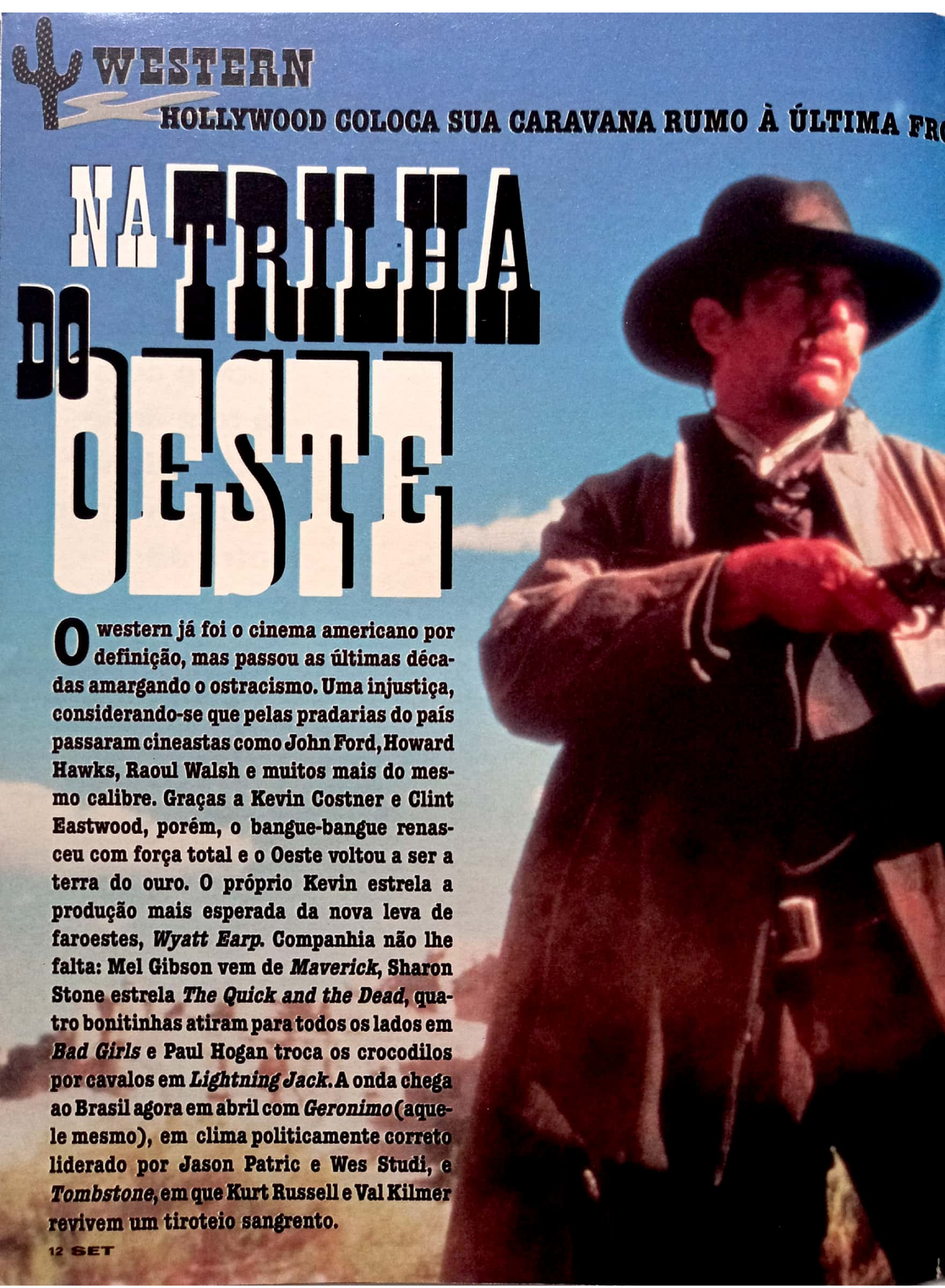
J&B Rare Scotch Whisky

J&B

WESTERN

HOLLYWOOD COLOCA SUA CARAVANA RUMO À ÚLTIMA FR

NA TRILHA DO OESTE



O western já foi o cinema americano por definição, mas passou as últimas décadas amargando o ostracismo. Uma injustiça, considerando-se que pelas pradarias do país passaram cineastas como John Ford, Howard Hawks, Raoul Walsh e muitos mais do mesmo calibre. Graças a Kevin Costner e Clint Eastwood, porém, o bangue-bangue renasceu com força total e o Oeste voltou a ser a terra do ouro. O próprio Kevin estrela a produção mais esperada da nova leva de faroestes, *Wyatt Earp*. Companhia não lhe falta: Mel Gibson vem de *Maverick*, Sharon Stone estrela *The Quick and the Dead*, quatro bonitinhas atiram para todos os lados em *Bad Girls* e Paul Hogan troca os crocodilos por cavalos em *Lightning Jack*. A onda chega ao Brasil agora em abril com *Geronimo* (aquele mesmo), em clima politicamente correto liderado por Jason Patric e Wes Studi, e *Tombstone*, em que Kurt Russell e Val Kilmer revivem um tiroteio sangrento.

NTEIRA EM BUSCA DE ALGUNS DÓLARES A MAIS – E SEM FUROS

WYATT EARP

CORAÇÃO DE MATADOR

Kevin Costner volta ao Oeste e calça as botas do lendário homem da lei Wyatt Earp

Wyatt Earp vem a reboque do peso e prestígio de Kevin Costner – seu *Dança com Lobos* é considerado por muitos o catalizador do renascimento do faroeste em Hollywood. Ou seja, este novo filme – que ele estrela e co-produz – entra direto na categoria dos grandes eventos. Wyatt Earp, para quem não sabe, era um ex-xerife que, em 1879, chegou à cidade de Tombstone, no Arizona, disposto a virar comerciante e chefe de família, mas acabou liderando um sangrento combate contra os vilões que aterrorizavam o local. O episódio, que ficou conhecido como "o tiroteio do OK Corrall", inspirou dois faroestes dos bons tempos: *Paixão de Fortes* (1946), de John Ford, e *Sem Lei e Sem Alma* (1957), de John Sturges.

Nesta nova fornada de westerns, *Wyatt Earp* não é o primeiro a explorar a vida do lendário homem da lei – *Tombstone*, com Kurt Russell e Val Kilmer, chegou antes às telas americanas, no final do ano passado, enquanto o filme de Costner estréia nos EUA apenas em julho (no Brasil, em outubro). Mas nem é preciso dizer qual dos dois deve fazer mais bonito na bilheteria.

Wyatt Earp é uma reunião de velhos amigos trabalhando novamente num gênero que conhecem bem: o diretor Lawrence Kasdan comandou Costner em O *Reencontro* (em que cortou todas as suas cenas) e no western *Silverado*, e o produtor Jim Wilson é o mesmo de *Dança com Lobos*. Kevin também fez questão de se cercar de astros: Dennis Quaid é Doc Holliday, o fiel e cínico companheiro de Wyatt, e Gene Hackman – inimigo de Costner em *Sem Saída* – é Nicholas, o patriarca da família Earp. O roteiro segue a vida de Wyatt da infância à meia-idade. No percurso, conhecemos os amigos – Bat Masterson (Tom Sizemore) –, os amores – Urilla (Annabeth Gish), a esposa que morre de febre tifóide um ano após o casamento, e Josie (Joanna Going), jovem liberada de San Francisco por quem ele se apaixona – e os inimigos – o bando Clanton, do qual fazem parte os irmãos McLaury (Adam Baldwin e Rex Linn) – de Wyatt e de seus companheiros (Mary Steenburgen é Big Nose Kate, a namorada de Doc Holliday).

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

Kevin Costner testa sua mira em *Wyatt Earp*, de Lawrence Kasdan

MAVERICK

O BARALHO FURADO

Mel Gibson e o diretor Richard Donner retomam sua parceria na versão para o cinema do seriado de TV, com um herói mais afeito à mesa de jogo que às armas

O foco desta adaptação do famoso seriado de TV dos anos 60 é o estranho triângulo (não necessariamente amoroso) formado pelo jogador bonitão Maverick (Mel Gibson), a bela Annabelle Bradsford (Jodie Foster) e o xerife Zane Cooper (James Garner), que usa seu relacionamento com a mulher para meter a mão na fortuna acumulada pelo protagonista. Quem dirige é Richard Donner, que já conhece Mel da série *Máquina Mortífera*. Os americanos vêem o filme em 20 de maio; no Brasil, a estréia deve acontecer em julho.

A inclusão de James Garner no elenco – ainda mais no papel de vilão – é uma brincadeira das mais bem-humoradas. Para quem não lembra, James era o próprio Maverick no seriado de TV, que, afinal, catapultou o ator em direção à fama internacional.

Também Donner é um veterano da telinha: dirigiu episódios de *The Twilight Zone*, *O Fugitivo*, *O Agente da U.N.C.L.E.* e *Kojak* no passado, antes de mudar-se de vez para o cinema (ele só retornaria à TV a cabo HBO). Como de costume, o diretor escalou um time técnico de primeiríssimo escalão para trabalhar em *Maverick*: o diretor de fotografia Vilmos Zsigmond (*Contatos Imediatos do Terceiro Grau*), o designer de produção Tom Sanders (*Drácula de Bram Stoker*) e o roteirista William Goldman (veterano dos westerns e autor do clássico *Butch Cassidy*).

Dado a destruir cenários, casas e prédios inteiros (como em *Máquina Mortífera 2* e *3*), desta vez Richard Donner optou pelo caminho inverso: não contente em construir um barco movido a pás, no estilo antigo, para filmar enquanto percorria o rio Columbia, ele mandou erguer toda uma cidade cenográfica às margens do lago Powell, no Arizona.

J.E.R.

Warner

Montado em um burrico, Mel Gibson chega para arrasar as rodas de pôquer e o coração de Jodie Foster

THE QUICK AND THE DEAD

ARDIDA COMO PÓLVORA

Sharon Stone faz mira em Gene Hackman no novo filme do udigrudi Sam Raimi

Machos fogosos que se cuidem! Catherine Tramell trocou o picador de gelo por um revólver Smith & Wesson. Ou quase: em *The Quick and the Dead*, ao invés da vilã devoradora de homens vista em *Instinto Selvagem*, desta vez Sharon Stone é a mocinha, uma forasteira que precisa derrotar o inimigo Herod (Gene Hackman, em seu quarto faroeste em três anos), com quem ela trava um duelo à moda antiga na cidade fictícia de Redemption.

O diretor Sam Raimi (*Darkman*, *Uma Noite Alucinante*) foi escolha da própria Stone – uma demonstração do poder de barganha da estrela, hoje a maior atração feminina de Hollywood. "Quando Sharon Stone olha nos seus olhos e diz 'eu quero você' ", lembrou Sam numa entrevista ao *The Los Angeles Times*, "não há como dizer não". "Ele era o único na minha lista", admitiu Sharon na mesma reportagem, "e sem ele acho que não teria feito este filme".

Para Sharon, *The Quick and the Dead* – que estréia no outono americano – vai contra o estereótipo da mulher no Velho Oeste. "Aliás, a maneira como as mulheres são mostradas no cinema não passa de uma piada; é mais uma fantasia masculina", afirma a estrela. Talvez, então, seja uma fantasia feminina o fato de a heroína ganhar dois namorados neste filme: um da mesma idade dela (o australiano Russell Crowe), e o outro, bem garotinho (o adolescente Leonardo DiCaprio, de *What's Eating Gilbert Grape*, de escassos dezenove aninhos).

Sharon aproveitou também para praticar um pouco de nepotismo e acabou arranjando um papel – sem falas – para seu irmão em *The Quick and the Dead*. Michael Stone, de 42 anos, tem currículo para interpretar um fora-da-lei: na década de 70, passou dois anos na prisão por posse de cocaína.

J.E.R.

Columbia

Sharon Stone espera pela hora de seu duelo com Gene Hackman

BAD GIRLS

AS QUATRO PISTOLEIRAS DO APOCALIPSE

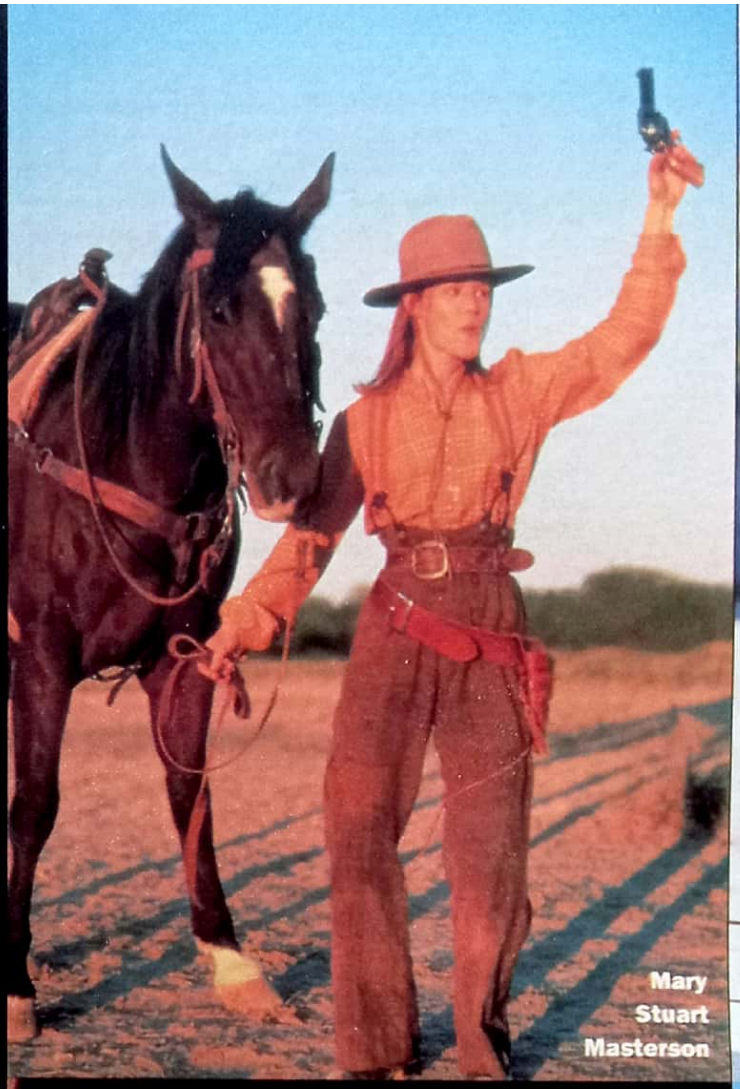
Madeleine Stowe, Andie MacDowell, Drew Barrymore e Mary Stuart Masterson mostram tudo que sabem fazer com uma arma na mão

Faroeste feminista? O aparente paradoxo adquire forma em *Bad Girls*, em que quatro prostitutas viram pistoleiras para recuperar o dinheiro que lhes é devido. No papel das heroínas, Madeleine Stowe (*O Último dos Moicanos*), Mary Stuart Masterson (*Tomates Verdes Fritos*), Andie MacDowell (*Feitiço do Tempo*) e Drew Barrymore (a garotinha de *E.T.*, agora crescida e que pôde ser vista há pouco em *Relação Indecente*). Madeleine encarna o tipo estranha-sem-nome; Mary vive uma pioneira de boa família, enquanto Andie é uma filha de fazendeiro acostumada à vida rude das pradarias. E Drew faz a linha impetuosa. A direção é de Jonathan Kaplan (*Obsessão Fatal*), e Lynda Obst (*Sintonia de Amor*) produz. A estréia acontece em maio nos EUA.

Antes das filmagens – realizadas em Sonoma (Califórnia), aos pés das montanhas de Sierra Nevada, Água Dulce (Novo México) e Brackettville (Texas) – todas as atrizes passaram por três semanas de treinamento num "cowgirl camp", onde aprenderam a mascar tabaco, manusear armas e montar cavalos. "Chegou uma hora", lembra Walter Scott, coordenador de cenas perigosas e diretor de segunda unidade, "que elas já eram capazes de conduzir uma tropa de cavalos sozinhas". Scott deve saber do que fala: ele é um veterano de westerns, tendo trabalhado com Sam Peckinpah em *Pat Garret e Billy The Kid* e *Elite de Assassinos*. Walter também foi dublê de Clint Eastwood em *Josey Wales, o Fora-da-Lei* e *A Marca da Forca*.

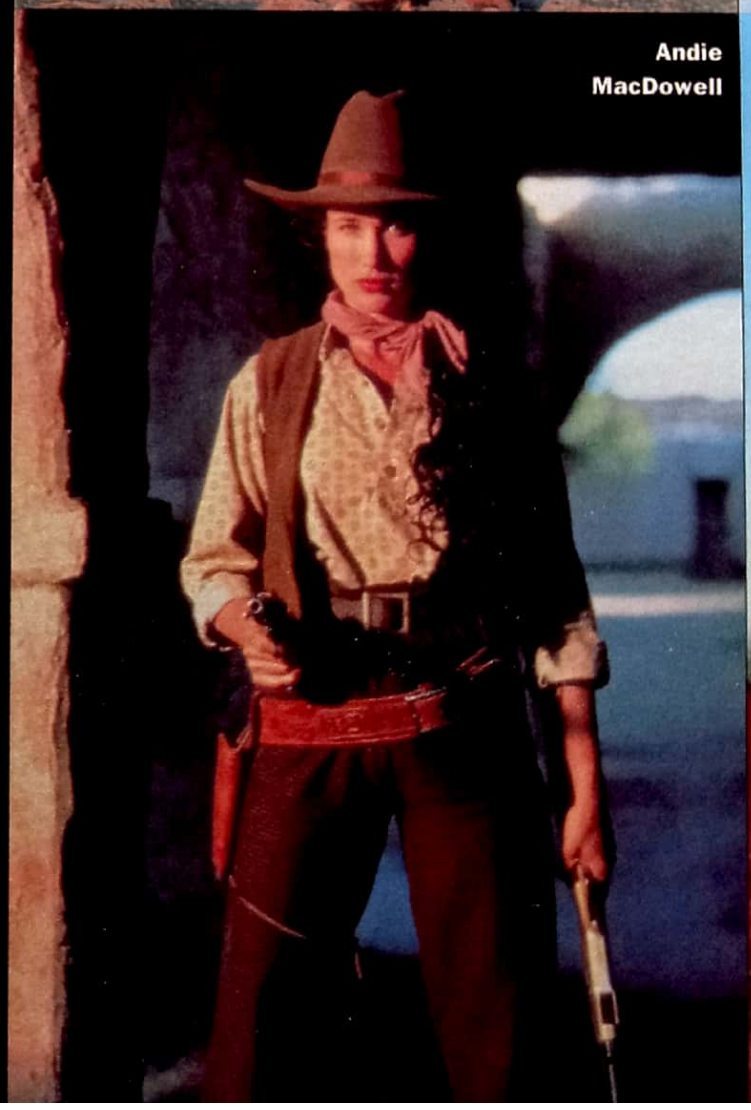
Um detalhe histórico: a cidade cenográfica utilizada em Água Dulce é o mesmo set em que John Wayne filmou *O Álamo*, em 1957.

J.E.R.



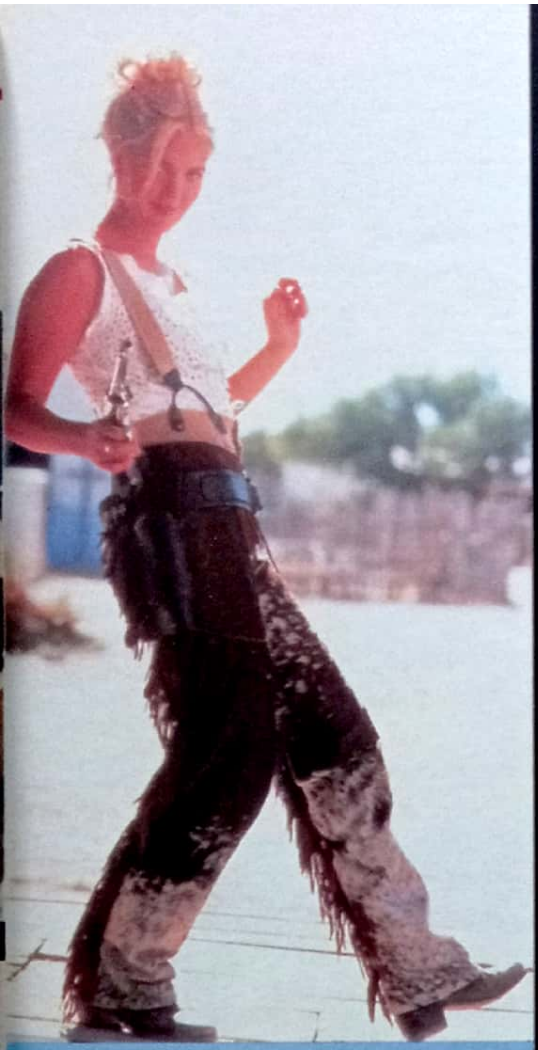
Mary Stuart Masterson

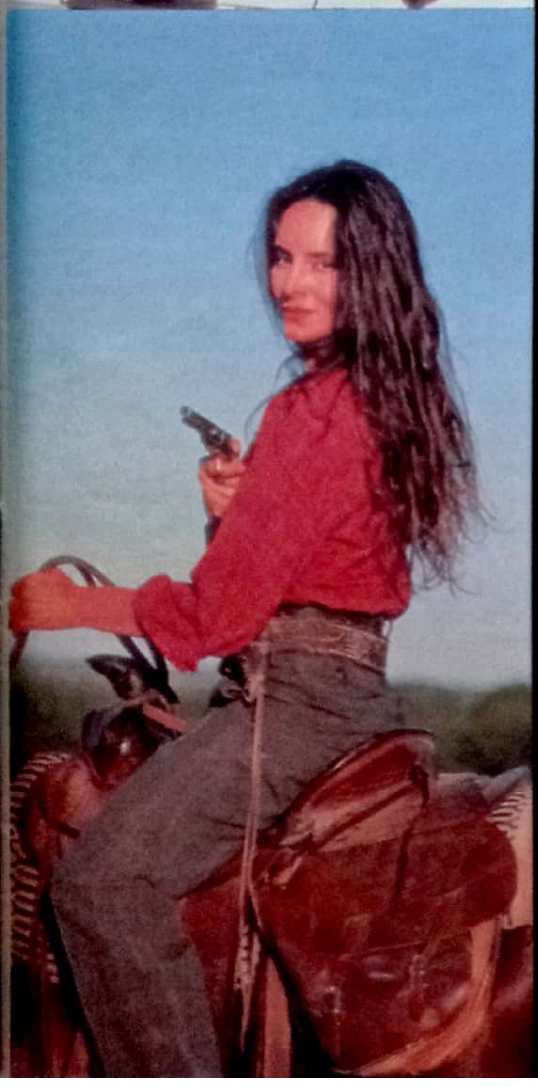
Drew Barrymore



Andie MacDowell

Madeleine Stowe





TOMBSTONE
A JUSTIÇA ESTÁ CHEGANDO

NO TEMPO DOS BIGODES

Kurt Russell e Val Kilmer apelam para o figurino no faroeste pop dirigido por George "Rambo" Cosmatos

Tombstone – A Justiça Está Chegando pode não ter a profundidade e a sabedoria doída de *Os Imperdoáveis* ou o alcance épico e a pinta de clássico de *Dança com Lobos*, mas também não chega a ser um desastre embaraçoso para os envolvidos. Crimes piores já foram cometidos contra o faroreste: haja visto a dobradinha de filmes *Young Guns* (*Os Jovens Pistoleiros* e *Jovens Demais para Morrer*) e a subseqüente série de TV, uma mistura de caubóis "gatos" e linguagem MTV que por pouco não desmoralizou por completo os westerns.

Sem o ranço politicóide de *Geronimo* e resistindo à tentação de se entregar à estilização afetada dos "young guns" da vida, *Tombstone* (com estréia no Brasil prevista para 29 de abril) segue praticamente à risca a trajetória de Wyatt Earp – a mesma história do filme estrelado por Kevin Costner. Kurt Russel vive o ex-homem da lei que chega ao Arizona para se aposentar do combate ao crime mas acaba tendo que retomar a velha profissão, com a ajuda do amigo Doc Holliday (Val Kilmer, aqui com mais cara de D'Artagnan do que de pistoleiro) e dos irmãos Morgan (Bill Paxton) e Virgil (Sam Elliott). Enquanto isso, Wyatt depara-se com um elenco de moradores e inimigos veramente variado, da dançarina de cabaré Josephine (Dana Delany) ao rancheiro Henry (Charlton Heston) e o frágil ajudante Billy (Jason Priestley, do seriado *Barrados no Baile*).

Não chega a ser "O *Poderoso Chefão* a cavalo", como gostaria o diretor George P. Cosmatos (o mesmo de *Rambo* e *Cobra*, portanto um especialista em cinema pop) – que enxerga na história "a saga de uma família americana". Mas quem quiser um faroeste tradicional, feijão-com-arroz, repleto de ação, bigodes de época e tiroteios, pode procurar aqui que acha. Prova disso é que, nas seis primeiras semanas de exibição nos EUA, *Tombstone* arrecadou US$ 40 milhões.

J.E.R.

Columbia

Val Kilmer, Sam Elliott, Bill Paxton e Kurt Russell não deixam pedra sobre pedra em *Tombstone*

ENTREVISTA

WALTER HILL

O ÚLTIMO MACHÃO

O diretor de *48 Horas* volta às telas brasileiras com *Geronimo*, a história do índio que enfrentou o Exército americano. No elenco, Jason Patric, Gene Hackman, Robert Duvall e Wes Studi

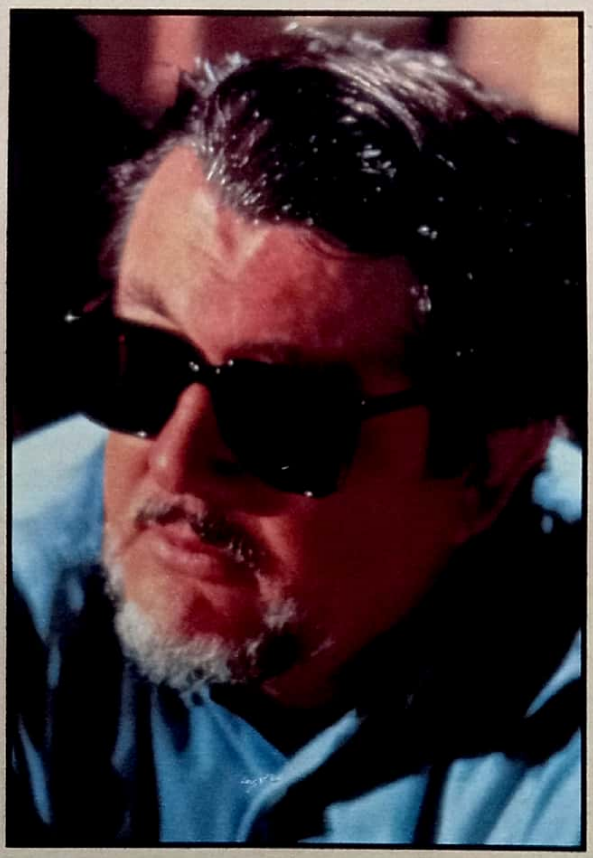
Walter Hill se reclina na cadeira e se espreguiça. Está nitidamente de saco cheio. O coitado está sendo verbalmente sodomizado por três jornalistas européias, que o questionam sobre o suposto "machismo" e "preconceito contra o sexo feminino" de seu novo filme, o western *Geronimo*. "Não há mulheres nessa história", protesta uma jornalista italiana. Uma austríaca reclama da ausência da personagem Pena Branca, uma guerreira que lutou ao lado de Geronimo até o fim.

Walter Hill não sabe o que fazer. Ele coça a barriga protuberante, ajeita os óculos escuros de mafioso e desconversa, educadamente. A impressão é de que a qualquer momento ele vai se levantar, dar um porrada na mesa e expulsar as três malas. Aprendam de uma vez por todas: Walter Hill não é Truffaut, Walter Hill não é sensível. Mulheres em filmes de Walter Hill ou são escravas sexuais ou alvo de tiros. E ele não tem vergonha disso.

O que as três arrogantes senhoras parecem não saber é que Hill é uma espécie em extinção. Ele é um dos últimos diretores machões do cinema americano, sobrevivente de uma linhagem que incluiu John Ford, Don Siegel, Robert Aldrich e John Huston e que teve seu apogeu nos anos 70, com o todo-poderoso Sam Peckinpah e outros trogloditas como John Frankenheimer e William Friedkin.

Se as três feministas tivessem assistido a *Lutador de Rua* ou a *Warriors – Os Selvagens da Noite*, provavelmente não fariam esse tipo de cobrança a Walter Hill. Elas perceberiam que ele é um diretor deslocado no tempo, cuja carreira se iniciou numa época em que Hollywood não era o marasmo politicamente correto de hoje. Quando ele começou, no final dos anos 60, se faziam filmes de ação para agradar ao público. Hoje a preocupação é não desagradar ninguém.

Para continuar trabalhando, Hill teve que sofrer um processo de "adaptação à Hollywood dos anos 90". Depois de dirigir filmes meia-bomba como *Inferno Vermelho*, acertou em cheio com o sucesso *48 Horas Parte 2* e se tornou o que os estúdios chamam de um "diretor economicamente viável". Tanto que conseguiu arrancar da Columbia Pictures um orçamento astronômico (fontes não-oficiais falam em US$ 40 milhões) para a superprodução *Geronimo*, história do líder apache que lutou contra o Exército americano no final do século passado.



Fotos Columbia

"Sempre fui fascinado pela história de Geronimo", diz Hill entre um chilique e outro das malas européias. "Ele é um herói americano que continua esquecido. Sua história nunca foi ensinada nas escolas." Por que será? Porque Geronimo é uma mancha na "história oficial" americana.

Geronimo foi o líder indígena que não se conformou em dar sua terra de mão beijada aos caras-pálidas. Durante anos o Exército americano tentou capturar o índio e chegou a deslocar cinco mil homens – um quarto de suas tropas – só para persegui-lo.

"É óbvio que os brancos são os bandidos dessa história, mas não é um filme maniqueísta", diz Hill. "Tentei mostrar que havia brancos bons, como Gatewood (tenente Charles Gatewood, interpretado por Jason Patric), que realmente admiravam Geronimo por sua coragem e simpatizavam com sua causa."

A história do filme é centrada nos últimos anos da famosa "Campanha Geronimo", verdadeira blitz que o Exército americano promoveu pelos desertos do Oeste para tentar capturar o indígena. O filme começa em 1886, ano em que Geronimo, interpretado por Wes Studi (*O Último dos Moicanos*), se rendeu pela primeira vez às tropas do brigadeiro George Crook (Gene Hackman). Logo após sua rendição, Geronimo baleou um soldado e fugiu para as monta-

Geronimo (Wes Studi) e o tenente Gatewood (Jason Patric) consolidam sua amizade

GERONIMO

HISTÓRIA INTERESSANTE E PERSONAGENS FROUXOS

*Walter Hill tem uma carreira curiosa: começou como "bad boy", produzindo e escrevendo filmes impactantes para diretores como Sam Peckinpah (*Os Implacáveis, *1972). Durante quinze anos, trabalhou em filmes ótimos, mas que quase nunca renderam boas bilheterias (exceção para os dois primeiros filmes da série* Alien *que ele produziu). A virada em sua carreira se deu em 1990, ano do megassucesso* 48 Horas Parte 2, *com Eddie Murphy e Nick Nolte (seqüência de* 48 Horas, *de 1982). Hill virou o mais novo queridinho de Hollywood.*

Ele não está mais dirigindo aquelas maravilhas de baixo orçamento que fez no início da carreira, como Lutador de Rua *(1975) e* Warriors *(1979), dois filmaços que passaram ignorados. Hoje ele tem nas mãos um orçamento de US$ 45 milhões e a obrigação de fazer filmes mais "digeríveis".*

Por isso não é de estranhar que o truculento Hill aceitasse dirigir Geronimo, *história do líder apache que guerreou o Exército americano. O roteiro parece feito sob medida para a nova fase "mainstream" de Hill: une um tema facilmente assimilável à possibilidade de bolar cenas de tiroteios, coisa de que o diretor não abre mão.*

No filme, Geronimo *(Wes Studi, de* O Último dos Moicanos*) é perseguido pelas tropas do brigadeiro George Crook (Gene Hackman). O tenente Charles Gatewood (Jason Patric) é um dos líderes do pelotão de buscas e acaba se impressionando com a coragem e a sensibilidade de Geronimo. Gatewood e o apache se tornam amigos.*

Como tudo que Hill já dirigiu, Geronimo *é bem realizado. Nota-se a intenção de fazer um western épico com cenas grandiloqüentes, centenas de extras e complicados tiroteios. As imagens lembram comerciais de Marlboro, com largas paisagens e aquele clima de "tanta terra a conquistar".*

Mas a necessidade de reduzir uma história tão complexa a duas horas de filme não deu tempo a Hill de explorar devidamente os personagens. Ao contrário de westerns mais "introspectivos" – como Os Imperdoáveis *–,* Geronimo *conta a história do evento, mas se esquece de falar sobre os homens que participaram dele. Há cenas preciosas e a história do apache é fascinante, mas os personagens são frouxos e desinteressantes. Mesmo um personagem como Al Sieber (Robert Duvall), o caçador de prêmios que durante toda sua vida seguiu as pegadas de Geronimo, não é aproveitado como deveria. Nas mãos de Clint Eastwood ou Sergio Leone, a história de Sieber daria um filme formidável. Sob o comando de um adocicado Walter Hill,* Geronimo *acabou virando um western bom, mas convencional.*

A.B.

Geronimo: An American Legend, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Walter Hill ■ ROTEIRO: John Milius e Larry Gross ■ FOTOGRAFIA: Lloyd Ahern ■ MÚSICA: Ry Cooder ■ Com Jason Patric, Gene Hackman, Robert Duvall, Wes Studi, Matt Damon ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 115 min.

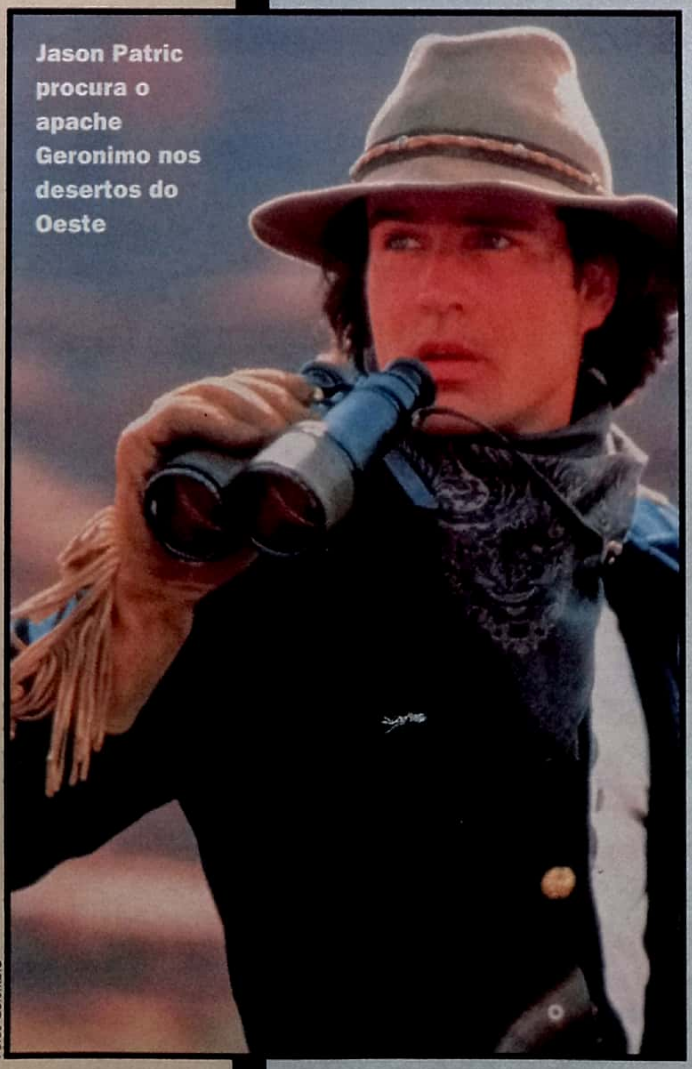
nhas, sendo então ferozmente perseguido pelo caçador Al Sieber (Robert Duvall) e finalmente capturado pelo tal tenente Gatewood.

"Era claro para mim que não conseguiríamos contar toda a história de Geronimo em apenas duas horas", diz Hill. "Por isso resolvemos nos limitar aos dois anos mais dramáticos de sua vida." De fato, o roteiro de John Milius (roteirista de *Apocalypse Now*) não tem aquele tom detalhista de "documento definitivo"; pula conscientemente episódios e ignora personagens da história.

"É um faroeste com teor social", profetiza Walter Hill, que aproveitou este filme para homenagear dois de seus maiores ídolos, Robert Aldrich e John Ford. A cena em que Al Sieber persegue a cavalo e mata vários indígenas a tiros de espingarda é praticamente um "remake" de cenas famosas de dois westerns de Aldrich, *O Último Bravo* (1954) e *A Vingança de Ulzana* (1972). O cinéfilo atento perceberá também semelhanças entre *Geronimo* e várias situações de filmes de John Ford. O próprio local escolhido para as filmagens – os canyons de Moab, no Utah – já havia sido usado por Ford em clássicos como *Rio Grande*.

Mesmo tendo gostado da experiência de dirigir um western, o que não fazia desde *Cavalgada de Proscritos* (1980), Hill diz que agora quer tentar outro gênero. "Gosto de variar, de tentar outras coisas", diz o diretor, que ficou famoso dirigindo filmes de ação e dramas violentos, mas que também já flertou com a ficção científica (produziu *Alien* e *Aliens – O Resgate*) e com a comédia. "Agora eu talvez faça mais um filme policial", diz Hill. Ele nega, no entanto, que vá dirigir a comentada adaptação hollywoodiana do filmaço policial *The Killer*, dirigido por John Woo. "Vi *The Killer* e adorei. Fiquei impressionado com a densidade do filme e com a seqüência de cenas de ação. Quanto a esse remake, não ouvi falar nada", jura.

André Barcinski, de Los Angeles



Jason Patric procura o apache Geronimo nos desertos do Oeste

Fotos Columbia

UM ATOR CALCULISTA

Jason Patric faz parte daquela leva de atores revelada em filmes juvenis dos anos 80, como O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas *e* Os Garotos Perdidos. *Dessa turma saíram vários nomes que hoje estão entre os atores mais bem pagos do cinema – Julia Roberts, Demi Moore, Rob Lowe etc. Patric, no entanto, nunca se tornou um astro mundialmente conhecido. A razão é simples: ele não quis. Jason preferiu seguir um caminho mais desafiador. E, mesmo tendo recebido inúmeras ofertas para estrelar projetos multimilionários, recusa-se a escolher papéis só por causa de possíveis vantagens econômicas. "Recebi muitas ofertas para trabalhar com diretores famosos", disse o ator à época do lançamento de* Geronimo, *"mas tenho que gostar do roteiro e sentir que posso fazer um bom trabalho."*

A lista de filmes de Patric confirma suas palavras: a maioria são produções pequenas que passaram despercebidas nos cinemas. Em A Fera da Guerra, *um dos filmes mais injustamente ignorados dos anos 90, Patric faz um soldado russo perdido no deserto afegão em plena guerra. Em* Rush, *contracena com Jennifer Jason Leigh na pele de um policial que se finge de viciado para tentar capturar traficantes. Ele trabalhou também no fracassado* Frankenstein Unbound, *último filme dirigido por Roger Corman, mestre do cinema de terror e ficção científica.*

Patric é tido como um ator de método, que ensaia horas e mantém uma mabalável concentração durante as filmagens. Matt Damon, que também trabalha em Geronimo, *diz ter ficado impressionado com a disciplina de Patric. "Ele acordava todo dia às cinco e meia da manhã para fazer exercícios", conta Damon. Patric explica: "Meu personagem, Gatewood, é um homem muito magro. Observando fotos daquela época, pude notar que a maioria dos soldados tinha músculos muito visíveis. Eu estava acima do peso ideal para o papel, por isso tive que fazer um pouco de ginástica".*

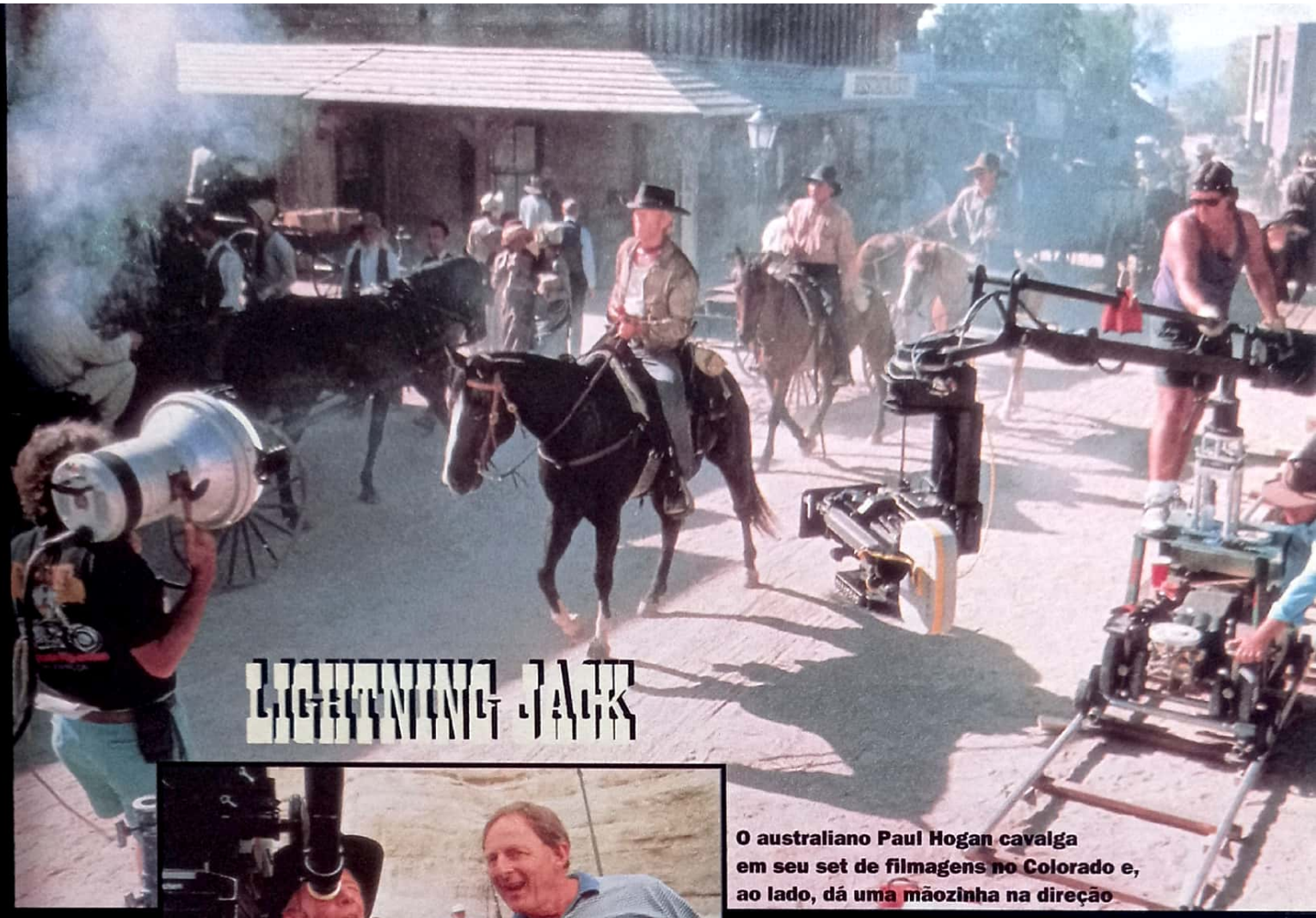
Seu método calculista de interpretação bateu de frente com o estilo relaxado e espontâneo de dois de seus coadjuvantes em Geronimo: *Gene Hackman e Robert Duvall. "Eles têm essa capacidade de se abstrair e ficar totalmente relaxados", admira-se Patric. "Meu pai e avô também eram assim (Jason é filho do ator Jason Miller e neto do famoso comediante Jackie Gleason). Eu ainda não tenho experiência suficiente para me sentir tão à vontade em um set", completa.*

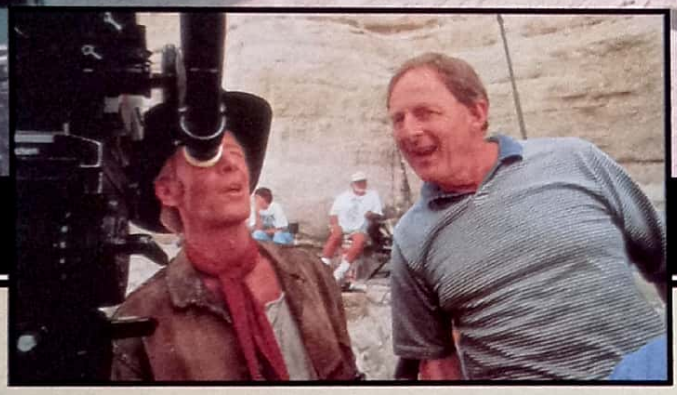
Jason diz que gostou de filmar um faroeste, mas não se empolga com a atual onda de filmes de caubóis. "Gostei de Os Imperdoáveis, *mas não vi muita coisa boa além desse. Acho que um filme de época como um western precisa ser feito com atenção, preservando os detalhes e os maneirismos dos personagens que viveram aquele período. Muitos dos westerns recentes parecem filmes de ação passados há 100 anos."*

Apesar de parecer um cara pouco afeito a brincadeiras, Jason às vezes fala de seu trabalho como se fosse um hobby. Ele parece não ter um plano definido para sua carreira e não tem pretensão a se tornar um astro. "Ganho suficientemente bem pelo meu trabalho. Faço filmes quando quero e não gosto de me sentir pressionado a aceitar determinado tipo de papel", diz o ator. Ele se dá ao luxo de tirar longos períodos de férias entre um filme e outro. "Minha meta é fazer um filme por ano e descansar bastante. Qual é a vantagem de ganhar bem se você não tem tempo nem para relaxar?"

Sua vida particular é mantida em segredo absoluto. Patric se aborrece com qualquer pergunta pessoal e não pode ouvir falar na história de seu conturbado romance com Julia Roberts – que largou seu então noivo, Kiefer Sutherland, dias antes do casamento para ficar com Patric, que era um dos melhores amigos de Kiefer. "Não sei por que alguém se importa com a vida de pessoas que nem conhece", diz sem paciência.

A.B.





O australiano Paul Hogan cavalga em seu set de filmagens no Colorado e, ao lado, dá uma mãozinha na direção

RÁPIDO NO GATILHO

Paul Hogan, o astro de *Crocodilo Dundee*, vendeu ações na Bolsa de Valores para financiar a história de um pistoleiro ciumento e brigão

"Queria fazer um western em que os caubóis fossem mais humanos. Nos filmes, eles são sempre tão imperturbáveis, e o mocinho sempre derrota o bandido. Queria ser um caubói *cool*, mas engraçado."

Quem fala é Paul Hogan, o roteirista/ator/produtor/diretor que deu ao mundo o caipira charmoso Crocodilo Dundee. Cercado pelo mesmo cenário usado em *White Buffalo* e *Comes a Horseman* – o rancho Buckskin Joe, no Colorado –, Hogan está tentando dar uma nova ótica a um gênero clássico. Com a ajuda do diretor Simon Wincer – que reacendeu o interesse por westerns nos EUA graças à minissérie *Lonesome Dove* –, Paul está acabando de filmar *Lightning Jack*, seu próprio script sobre um fora-da-lei talentosíssimo com a pistola mas péssimo de marketing.

"Tudo que ele quer na vida é uma boa crítica", explica Hogan num intervalo das filmagens em Buckskin Joe. "Jack adora ler seu próprio nome nos jornais, porém sempre o descrevem como sendo rápido no gatilho, mas desmiolado. Ele morre de ciúmes de Jesse James e Billy The Kid, porque sabe que é mais rápido que os dois, mas a imprensa só fala bem deles. E é sobre isso que é o filme: sobre a tentativa de Lightning Jack de ganhar uma boa crítica."

No filme, Jack dá uma virada em sua carreira quando um assalto a banco dá errado e ele faz um refém, Ben Doyle (Cuba Gooding Jr.). De refém, o jovem negro e mudo – e inteligentíssimo – passa a aliado de Jack.

"As comparações entre Jack e o Crocodilo Dundee serão inevitáveis, por mais que eu não concorde", diz Hogan, "mas eles são personagens bastante diferentes. Nada perturbava Dundee. Este sujeito, Jack, é uma bomba-relógio prestes a explodir. Dundee é um observador impassivo, amigável, enquanto Jack não é nada amigável – na verdade, ele é um babaca. E essas características precisam ser enfatizadas, porque senão, de fato, eu estaria fazendo *Crocodilo Dundee no Velho Oeste*".

Lightning Jack pode ser a chance de Paul renascer comercialmente. Depois de dois filmes protagonizados por Dundee, ambos de imenso sucesso, Hogan produziu e estrelou o fracassado *Quase um Anjo*, fantasia lançada pela Paramount em 1991 que se espatifou no solo pouco depois de ter decolado. Não muito mais tarde, Paul sumiu de circulação.

"*Quase um Anjo* não deu certo", admite Paul. "Com a maioria das pessoas, três dos

quatro filmes que elas fazem não dão certo. No meu caso, só um dos três que fiz deu errado, portanto não me senti como se estivesse cometendo suicídio. A imprensa errou ao noticiar que eu estava escondido, lambendo minhas feridas, porque não havia feridas para curar. Faço um filme a cada dois anos e *Lightning Jack* demorou mais porque foi mais difícil de organizar".

Ao concluir que nenhum estúdio em Hollywood lhe daria rédea solta para realizar *Lightning Jack* a seu modo, Hogan arquitetou um plano criativo e inédito: lançou ações do filme na Bolsa de Valores australiana e levantou fundos para a produção – 36 milhões de dólares australianos – graças a cinco mil diferentes investidores, "muitos deles pessoas comuns".

"Não queria fazer um filme para que ele fosse dos outros", explica Hogan, "em que se fariam mudanças sem minha participação no processo. A idéia era minha, e eu queria escolher o diretor e o elenco, mas quando fui pedir dinheiro os estúdios de Hollywood disseram não."

Por se tratar de um faroeste, Hogan pensou em Clint Eastwood para dirigir, inicialmente, "porque é uma questão de especialização, mas ele não costuma trabalhar como freelance nos filmes dos outros e está sempre muito ocupado. Pensei então em Simon Wincer, porque *Lonesome Dove* lembrou às pessoas que o faroeste era um gênero ainda vivo".

"É um filme bastante diferente", diz o diretor Wincer. "*Lonesome Dove* era bastante sério, e falava das conseqüências do desbravamento do Oeste americano. *Lightning Jack* é uma comédia, mas não chega ao pastelão. É uma comédia semelhante a *Crocodilo Dundee*, com um tipo de humor autogozador. E tem uma atitude romântica em relação ao faroeste, ao contrário da atitude revisionista que tem prevalecido."

E se *Lightning Jack* não reacender a carreira e o prestígio de Paul Hogan como se espera, o Crocodilo Dundee renasceria? "Há tempos já descartei a possibilidade de um terceiro filme com Dundee", diz Paul, "mas não por completo, porque o personagem me dá prazer. Eu poderia até fazer um terceiro episódio só pelo dinheiro, mas não preciso. Além do mais, é difícil criar roteiros para ele, porque ele não é um policial ou um agente da CIA que é mandado a lugares exóticos para desvendar crimes. Não significa que eu não vá fazê-lo, mas ainda não sei se existem mais duas ou dez seqüências para *Crocodilo Dundee*".

J.E.R.

SET

ENQUANTO ISSO, NO MESMO CENÁRIO...

As outras produções que pegam "carona" no clima do faroeste

THE COWBOY WAY (Universal)

Os vaqueiros Kiefer Sutherland (*Os Três Mosqueteiros*) e Woody Harrelson (*Proposta Indecente*) cavalgam do Novo México até Nova York em busca de um colega caubói enredado com o crime. O que acontece quando os dois invadem Manhattan... a cavalo?

CITY SLICKERS II: CURLY'S GOLD (Columbia)

Tá bom, Curly (Jack Palance) morreu no primeiro filme. O que ninguém sabia é que o velho caubói tinha um irmão gêmeo! Provavelmente, nem os roteiristas Howard Ganz e Babaloo Mandell, quando bolaram a idéia original. Mas o primeiro *City Slickers* (*Amigos: Sempre Amigos*) fez tanto sucesso nos EUA que os autores puseram na mão de Mitch (Billy Crystal) um mapa de um tesouro enterrado, só para que ele saísse em campo e desse de cara com o irmão de Curly. Ah, o bezerrinho! Cresceu, virou boi e hoje faz jogging com Mitch no Central Park. Sério!

STILLS

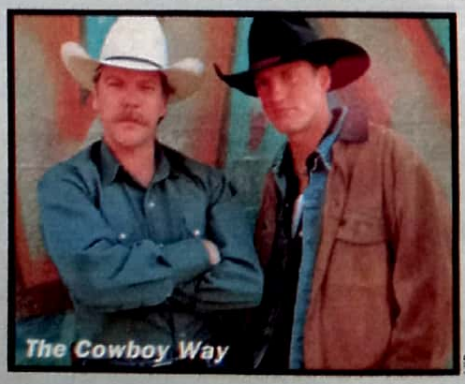
TALL TALE (Walt Disney)

Oliver Platt (*Os Três Mosqueteiros*) e Patrick Swayze são Paul Bunyan e Pecos Bill, respectivamente, nesta aventura para a família em que um garoto (Nick Stahl) move céus e terras – e alguns desertos, no meio do caminho – para salvar a fazenda dos pais no Velho Oeste

8 SECONDS (New Line)

Luke Perry – O costeletudo do seriado de TV *Barrados no Baile* – é um astro de rodeio num filme que nos Estados Unidos já saiu sendo chicoteado pelas sociedades protetoras dos animais. Mas, para quem gosta de ação, é de se esbaldar. Dirigido pelo mesmo John G. Avildsen de *Rocky*.

PolyArte



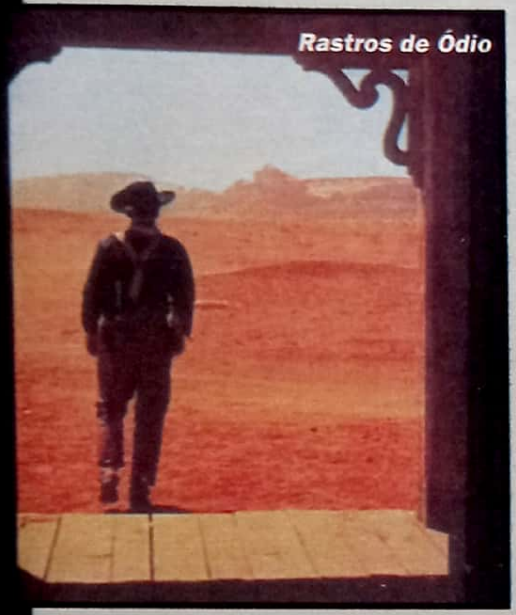
UIP

EVEN COWGIRLS GET THE BLUES (Fine Line)

A adaptação impressionista que Gus Van Sant fez do romance psicodélico de Tom Robbins não deixa de ser ocasionalmente fascinante, mas parece amaldiçoada. Após exibições-teste diversas, mal recebidas pelo público, o diretor montou e remontou o filme, atrasando cada vez mais seu lançamento, a tal ponto que ele continua inédito na maior parte do mundo depois de ter saído em outubro passado. Lida com um rancho feminista comandado por Lorraine Bracco (*Medicine Man*), onde vai parar a caroneira Uma Thurman (*Jennifer 8*), dona de prodigiosos – e fálicos – dedões.

OS DOZE MELHORES FAROESTES

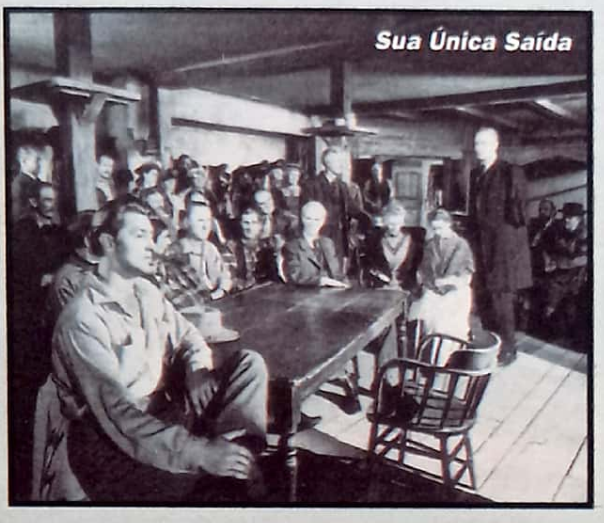
ONDE COMEÇA O INFERNO (*Rio Bravo*). *EUA, 1959. Direção: Howard Hawks. Com John Wayne, Dean Martin, Angie Dickinson, Ricky Nelson.*
Durante duas horas, um xerife (Wayne) tenta recuperar seu assistente bêbado para que, juntos, possam combater os vilões. Um faroeste em que não acontece quase nada. Mas acontece tudo. Entre outras, a ação se interrompe para que Martin e Nelson cantem duas músicas de enfiada! O máximo de equilíbrio na exorbitância completa. Disponível em vídeo (*Warner/Brenno Rossi*).



RASTROS DE ÓDIO (*The Searchers*). *EUA, 1956. Direção: John Ford. Com John Wayne, Jeffrey Hunter, Natalie Wood, Vera Miles.*
Wayne é o homem cuja família foi trucidada pelos índios. Ele procurará, durante anos, a única parente que sobreviveu ao massacre. O mito da América, que John Ford construiu anos a fio, desdobra-se aqui na figura do homem solitário. É o maior Ford. Disponível em vídeo (*Warner/Brenno Rossi*).

PAIXÃO DE BRAVO (*The Lusty Men*). *EUA, 1952. Direção: Nicholas Ray. Com Robert Mitchum, Susan Hayward, Arthur Kennedy.*
Faroeste contemporâneo. Mitchum é o ex-campeão de rodeios que prepara um discípulo. Este acaba por revelar um caráter frágil, e Mitchum deve voltar à arena para combatê-lo. À notável descrição do meio, Ray acrescenta seu tema favorito: o homem não apenas só, mas excluído.

O PREÇO DE UM HOMEM (*The Naked Spur*). *EUA, 1953. Direção: Anthony Mann. Com James Stewart, Janet Leigh, Robert Ryan.*
Anthony Mann, ou o homem das grandes panorâmicas, das paisagens límpidas, das terras secas, das cidades fantasma. Mas, sobretudo, o cineasta que fez de James Stewart um homem particular do Oeste: aquele para quem a inteligência vale mais do que o gatilho.



HOMEM SEM RUMO (*Man Without a Star*). *EUA, 1955. Direção: King Vidor. Com Kirk Douglas, Jeanne Crain, Claire Trevor.*
Estranho tipo, Kirk Douglas: tudo que detesta no mundo é o arame farpado. Tudo que combate é o arame farpado, o sinal que traz impresso em sua pele: o limite, a propriedade privada marcada agressivamente, como portadora da morte. É o grande faroeste de Vidor.

O TIRO CERTO (*The Shooting*). *EUA, 1967. Direção: Monte Hellman. Com Will Hutchins, Warren Oates, Jack Nicholson, Millie Perkins.*
Nenhuma ação. Um homem (Oates) conduz uma mulher (Perkins) pelo deserto. Por todo o trajeto, um pistoleiro (Nicholson) os segue. O duelo acontecerá, mas quando? E por quê? Para o estranho gênio de Monte Hellman, o espaço é que institui o mistério. Disponível em vídeo (*Screen Life*).

ENTARDECER SANGRENTO (*Decision at Sundown*). *EUA, 1957. Direção: Budd Boetticher. Com Randolph Scott, John Carroll, Karen Steele.*
Na série de Boetticher, Scott carrega em seu rosto imóvel a dor de ser homem. Neste, ele procura o homem que transou com sua mulher e que julga responsável por sua morte. Uma longa caminhada, em vão, ou quase: ao final, descobrirá que todo mundo andou transando com ela. O círculo se fecha, perfeito e atroz.

SUA ÚNICA SAÍDA (*Pursued*). *EUA, 1947. Direção: Raoul Walsh. Com Robert Mitchum, Teresa Wright, Judith Anderson.*
Mitchum é o homem que, quando criança, viu o pai ser assassinado. A imagem o atormenta. Um faroeste raro, que se passa num espaço limitado, claustrofóbico. Um faroeste psicanalítico, mas sem pose: Raoul Walsh assina. Disponível em vídeo (*Paris/Republic*).

OS IMPERDOÁVEIS (*Unforgiven*). *EUA, 1992. Direção: Clint Eastwood. Com Eastwood, Gene Hackman, Morgan Freeman, Richard Harris.*
Eastwood retoma seu papel de alma errante, de fantasma do Oeste, num momento em que o próprio Oeste tornou-se um fantasma. Reencontra a trilha dos grandes destinos sofridos. Com ele, o Oeste renasce. Citá-lo equivale, já, a lembrar Sergio Leone e Don Siegel. Disponível em vídeo (*Warner*).

O DIABO FEITO MULHER (*Rancho Notorius*). *EUA, 1952. Direção: Fritz Lang. Com Marlene Dietrich, Arthur Kennedy, Mel Ferrer.*
A obsessão em forma de western. E, quando Kennedy joga o broche que pertenceu à sua mulher por um balcão de bar, quando Dietrich cai baleada, quando gira a roleta viciada de um cassino, Lang faz o mundo virar pelo avesso. Quem mais conseguiria? Disponível em vídeo (*DIF*).

O RIO DAS ALMAS PERDIDAS (*River of No Return*). *EUA, 1954. Direção: Otto Preminger. Com Robert Mitchum, Marilyn Monroe, Rory Calhoun.*
O CinemaScope, recém-criado, não consegue ser um obstáculo ao talento de Preminger. Mitchum, o ex-presidiário que quer dar a seu filho um novo mundo, topa com uma cantora de saloon (Monroe). A aventura ao longo das corredeiras do rio purifica as almas perdidas na corrida do ouro. Bela parábola da remissão.

MATEI JESSE JAMES (*I Shot Jesse James*). *EUA, 1949. Direção: Samuel Fuller. Com Preston Foster, Barbara Britton, John Ireland.*
De como Bob Ford matou seu melhor amigo pelas costas, para pegar a recompensa e poder casar. E depois, de como passou a viver contando uma versão falsa do episódio. Entrada na história pela porta dos fundos. Fuller estreando em grande estilo.

Inácio Araujo

WESTERN

TRINTA ANOS DE SPAGHETTI

Sergio Leone inaugurou o ciclo com POR UM PUNHADO DE DÓLARES

Chove. A cidade é barrenta e suja. Um homem chega disposto a matar quem cruzar seu caminho. Onde você viu essa cena? No final de Os *Imperdoáveis*? Certo. Mas é também a cena inicial de um western-spaghetti "clássico": *Django* (1966), de Sergio Corbucci. Surpreso? Pois saiba que, apesar da oposição de alguns setores da crítica, o spaghetti seduziu cineastas como Glauber Rocha e Jean-Luc Godard, além da revista *Cahiers du Cinéma*. Esta é uma boa hora para lembrar deste ciclo, 1964-1972. Afinal, há trinta anos Sergio Leone dirigia *Por um Punhado de Dólares* (baseado em *Yojimbo*, de Akira Kurosawa), filme que estabeleceu os cânones do gênero.

Com o western-spaghetti, a figura do herói solitário deixava de ser americana para se tornar universal. Mas esses westerns são muito particulares, já que também incorporaram a estética e o engajamento do neo-realismo italiano. A estética pode ser notada nos personagens feios, sujos e malvados; nas cidades barrentas onde o prostíbulo quase sempre é o local mais importante (como em *Os Imperdoáveis*). Sobre o engajamento, passemos a palavra a Jean-Pierre Gorin, assistente de Godard nos 60: "Não é possível, todos os marxistas da Europa querem fazer um western". Surpreso novamente? Mas é fato: vários cineastas de esquerda flertaram com o gênero.

Damiano Damiani, por exemplo, oriundo do neo-realismo, assinou *Quien Sabe?/A Bullet for the General* (1966). No filme, Gian-Maria Volonté faz um bandido mexicano que se junta à revolução. Na época, os *Cahiers* elogiaram a postura politicamente correta do filme, mas Damiani fez de conta que não era com ele. O mesmo não se deu com Corbucci. Segundo ele, seu filme *Vamos Matar, Companheiros* (1970), variação sobre o tema de *Quien Sabe?*, falava das "calamidades que o capitalismo fez ao Terceiro Mundo". Os *Cahiers* não caíram na conversa e classificaram o filme como uma "paródia de Eisenstein ao estilo das histórias em quadrinhos". Crítica que, hoje em dia, passaria como elogio. Em compensação, os europeus babaram com *Requiescant/Kill and Pray* (1967), de Carlo Lizzani, sobre um americano sulista que escraviza mexicanos para se divertir. Na trama há até um padre *engajè* – vivido por Pasolini.

O engajamento sempre foi uma moeda forte para comprar a atenção da crítica. Apesar disso, vários críticos torceram (e torcem) o nariz para o gênero. O próprio Leone levou anos para conseguir o respeito que merecia. Sua obra é dividida em duas trilogias. A primeira contém *Por um Punhado de Dólares*, *Por Alguns Dólares a Mais* e *Três Homens em Conflito*. Na segunda estão *Era Uma Vez no Oeste*, *Quando Explode a Vingança* e *Era Uma Vez na América*.

Na primeira trilogia, Clint Eastwood e Leone forjaram o "estranho sem nome" – cético cavaleiro andante em forma de pistoleiro. As características principais do gênero já estavam no primeiro filme: as vinhetas sonoras, o humor cínico, a desconstrução dos westerns clássicos, os big-closes nos olhos e nas mãos. O uso desses recursos se converteria em obra-prima em *Três Homens em Conflito* (1967). O filme começa com a caça a um tesouro, transformando-se aos poucos numa crônica dolorosa da Guerra Civil americana. Ainda assim, quando estreou nos EUA, o *New York Times* disse: "É o mais caro e o mais repelente filme deste gênero".

Leone, apesar de tudo, chegou lá. Existem, porém, vários diretores necessitando de reavaliação urgente, como Enzo Barboni (criador de *Trinity*, que longe de suas mãos desandou), Sergio Corbucci, Giorgio Ferroni (*O Dólar Furado*), Michelle Lupo (*Califórnia, Adeus*), Tonino Valleri (*Meu Nome é Ninguém*; *O Dia da Ira*) e outros.

Mas é bom alertar: no gênero há bombas como a série dos heróis Sartana, Campossanto e Água Benta (é sério), e a maioria dos filmes com título do tipo *Vou, Mato e Depois Enterro*. O próprio Leone lamentava estar associado a esses "spaghetteiros" de segunda. Numa entrevista aos *Cahiers*, nos anos 70, ele mandou bala: "Como sou considerado o pai do western-spaghetti, fico pensando em quantos filhos-da-puta coloquei no mundo".

Edson Arantes

OS BONS, OS MAUS E OS ÓTIMOS

Vários destes filmes costumam ser exibidos na TV. Os de Sergio Leone não entram na lista porque são todos ótimos

QUIEN SABE?/A BULLET FOR THE GENERAL (*1966*). *Direção: Damiano Damiani. Com Gian-Maria Volonté, Lou Castel.* Bandido mexicano torna-se revolucionário e amigo de um gringo, na verdade um mercenário contratado para matar o líder da revolução.

MEU NOME É NINGUÉM (*Il Mio Nome é Nessuno, 1975*). *Direção: Tonino Valerii. Com Henry Fonda, Terence Hill.* Western tardio que, a rigor, não faria parte do ciclo. Mas é dos melhores. Pistoleiro (Fonda, ótimo) é seguido por fã que insiste em fazer com que ele enfrente um bando de 400 (!) bandidos. Leone produziu e o roteiro teve colaboração de Kurosawa.

VAMOS MATAR, COMPANHEIROS (*Vamos a Matar, Compañeros, 1970*). *Direção: Sergio Corbucci. Com Franco Nero, Jack Palance, Tomas Milian.* Na Revolução Mexicana de 1910, contrabandista de armas tenta fazer negócio com os dois lados do conflito. Western cínico, mas com muita ação. Termina num duelo triplo como o de *Três Homens em Conflito*, de Leone. Disponível em vídeo (*CVL Video*).

TRINITY É O MEU NOME (*Lo Chiamavano Trinità, 1971*). *Direção: Enzo Barboni. Com Terence Hill, Bud Spencer.* No fim do ciclo, o spaghetti vira comédia rasgada. Pistoleiros defendem cidade de bando mexicano, com boas doses de humor. Disponível em vídeo (*Globo Vídeo*).

CALIFÓRNIA, ADEUS (*California, 1972*). *Direção: Michelle Lupo. Com Giuliano Gemma, William Berger.* Derrotado na Guerra Civil, ex-soldado atravessa o Sul destruído para chegar em casa. Melodramático, mas eficiente. Disponível em vídeo (*Poletel*).

E.A.

TC-20C5 E TC-14C5 PANASONIC

OS TELEVISORES QUE VÃO MUDAR SUA IMAGEM SOBRE TECNOLOGIA.

TC-20C5

TC-14C5

Basta um leve toque e você visualiza na própria tela as funções, através do On Screen.
Programando o Off Timer, inclusive através do controle remoto, o seu televisor desliga-se automaticamente.
TC-20C5 e TC-14C5 Panasonic: tudo isso e muito mais para você. A perfeita integração entre tecnologia e facilidade de operação, com garantia da marca Panasonic.

- Circuito PIC: imagem mais nítida e real
- Recepção para TV a cabo
- Controle remoto multifunção
- AC Auto: 110 ~ 220V Automático.

(*) Os televisores TC-20C5 e TC-14C5, adquiridos até 31/03/95, têm 2 ANOS DE GARANTIA INTEGRAL. Esta garantia Panasonic cobre todos os itens, desde que constatada a falha em condições normais de uso do aparelho. Consulte o Certificado de Garantia.

Panasonic

Antecipa o futuro

Filiais:
São Paulo (011) 584-0977 / **Rio de Janeiro** (021) 280-5549
Porto Alegre (051) 221-2988 / **Recife** (081) 224-4892
Manaus (092) 237-8536

A NOITE DOS PERDI

Dustin Hoffman, Jon Voight e o diretor John Schlesinger se reencontram no aniversário de 25 anos de *Perdidos na Noite* – relançado agora em cópia restaurada

Um verdadeiro *who's who* de Hollywood comemorou em grande estilo os 25 anos de *Perdidos na Noite* (*Midnight Cowboy*), em fevereiro, com uma exibição da nova cópia do filme – agora completamente restaurado e com banda sonora nova, em Dolby Stereo, cortesia da Lucasfilm. Esta nova versão – patrocinada pelo American Film Institute – foi relançada em março, nos mesmos cinemas americanos que exibiram o filme originalmente, em 1969.

O diretor John Schlesinger e os astros de *Midnight Cowboy* – Jon Voight, Dustin Hoffman e Brenda Vaccaro, reencontrando-se pela primeira vez em anos – compareceram em peso à nova première no Director's Guild of America, em Los Angeles. Entre os convidados, astros e *players* como Jodie Foster, Martin Landau, o diretor Norman Jewison e o colunista Army Arched (do diário *Variety*, ele é o mais lido pela indústria cinematográfica). A seleta platéia incluiu também técnicos do filme, o produtor Jerome Hellman e David Picker, o ex-executivo da United Artists (o estúdio pelo qual o filme saiu, depois de quase ter virado um "veículo" para Elvis Presley) que aprovou o projeto. No final da exibição, antes de uma boca-livre ligeira e discreta (salgadinhos, vinho, cerveja, refrigerantes, bolo e café), os realizadores do filme recordaram as circunstâncias da produção de *Midnight Cowboy* e cantaram "Parabéns a Você" para o aniversariante John Schlesinger.

Emocionadíssimo, David Picker lembrou que *Midnight Cowboy* inaugurou uma nova fase em Hollywood – uma fase de certa forma negativa: ao ser lançado, o filme recebeu o primeiro X de toda a história do sistema de "recomendações" bolado pela Motion Picture Association of America para alertar pais e exibidores quanto ao conteúdo de cada filme. Hoje, o tal X é dado exclusivamente a produções pornô, tendo sido substituído no geral pelo NC-17. Mas antigamente, como agora, a denominação praticamente decretava a morte comercial do filme. "Optamos por não mexer em um quadro sequer de *Midnight Cowboy* e o lançamos nos Estados Unidos mesmo com o X", disse Picker. "E Schlesinger me fez prometer que não permitiríamos mudança alguma em países em que houvesse censura prévia. No caso da África do Sul, por exemplo, preferimos nem lançar o filme", completou.

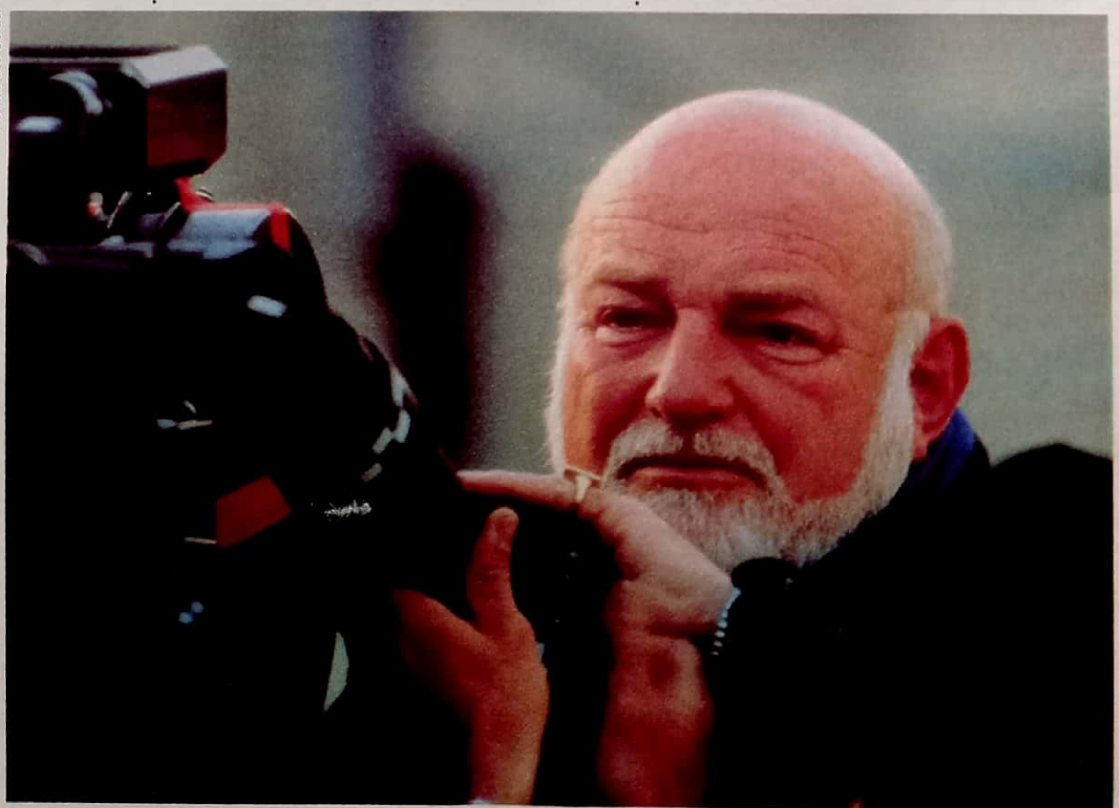
Numa dessas ironias tipicamente hollywoodianas, pouco tempo depois a MPAA acabou voltando atrás e deu um bem mais ameno R a *Midnight Cowboy*. Aclamado pela indústria, o filme recebeu os Oscar de melhor filme, diretor e roteiro.

"*Midnight Cowboy* mudou toda a minha maneira de trabalhar", disse Schlesinger, lembrando que aquela era a primeira vez que dirigia atores americanos. "Muitas das falas que hoje estão no filme são resultado de improvisos de Dustin e Jon. Nos ensaios, eles improvisavam em cima do esqueleto básico das cenas, gravávamos tudo, depois transcrevíamos as fitas e selecionávamos o melhor para incorporar às cenas na hora de filmá-las." Um período de "laboratório" adicional, porém, não deu tão certo. "Resolvemos viajar de ônibus pelos Estados Unidos para entrar na cabeça dos personagens", lembra o diretor. "Mas nos enchemos rapidamente da aventura e preferimos continuar viajando de carro com motorista (*risos*)."

Dustin Hoffman revelou um "segredo" de ator, para explicar a maneira como criou o andar manco de seu personagem, Ratso Rizzo: "Coloquei pedrinhas dentro do sapato", disse Hoffman.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET



Melinda Sue Gordon

John Schlesinger, que ganhou festa de aniversário no relançamento de *Perdidos na Noite*

DOS

United Artist

Jon Voight e Dustin Hoffman em uma de suas desoladas peregrinações por Nova York

LIVROS

NA ROTA DOS *CAHIERS*

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE CRÍTICOS DE CINEMA DO RIO DE JANEIRO
(Ed. Jorge Zahar)

Há textos para cinéfilos de todos os gostos no primeiro número de *Cinema*, a revista – com acabamento e formato de livro, 16x23 cm – que a Associação de Críticos pretende editar semestralmente. Na capa, uma das cenas mais célebres de *Terra em Transe* (1967), com Jardel Filho e Paulo Gracindo, avisa que o cinema nacional tem espaço privilegiado entre seus catorze ensaios. Glauber Rocha torna-se Mister G em "O Exagero Conspirativo", reunião de notas e reflexões do diretor teatral Gerald Thomas, e Jaime Rodrigues mostra em "Um Filme sobre a Periferia do Poder" que a reflexão sobre o próprio *Terra em Transe* está longe de se esgotar.

Flora Sussekind prefere explorar um terreno quase virgem, o dos jogos de palavras e imagens nos filmes de Ana Carolina. Seu "Paciência e Ironia", artigo de 1988, divide as principais atenções com um texto sedutor, de paixão e lucidez impressionantes, "O Cego às Avessas", em que José Carlos Avellar parte de dois títulos de Carlos Diegues apanhados como imagens soltas (*Bye, Bye Brasil*, 1979, e *Dias Melhores Virão*, 1989) e chega a um balanço da produção cinematográfica brasileira na década de 80. Há ainda um detalhado estudo de Jesus Vega sobre o argentino Eliseo Subiela; uma análise engenhosa de Paulo Roberto Pires sobre o inglês Peter Greenaway; Ivana Bentes escreve sobre novas tecnologias; David França Mendes faz a crítica da crítica de cinema, e Ronald F. Monteiro examina o extracampo (o que a imagem não mostra, mas sugere) em filmes distintos como *Rio Vermelho* (1948) e *Os Inconfidentes* (1972). *Cinema* dá uma canja na quarta capa: um texto de David Neves relaciona o cinema à engenharia topográfica.

Leitores habituados às revistas brasileiras sobre cinema talvez estranhem a linguagem pedregosa de alguns artigos, que exigem conhecimento teórico – e, às vezes, boa dose de paciência. Um projeto gráfico menos sisudo também cairia bem (e por que não há informações sobre os autores dos textos?). No geral, contudo, *Cinema* vale o quanto pesa.

Sérgio Rizzo

EQUIPAMENTOS

EDIÇÃO DO FUTURO

VDECK 500
(Sony, US$ 1.099, importado)

Mais uma novidade da Sony: um vídeo projetado especialmente para funcionar acoplado a um computador. O Vdeck 500 é útil para quem está experimentando em casa editar e incrementar seus próprios vídeos usando recursos de edição oferecidos por computadores. Para isso, ele traz as tomadas certas no painel traseiro. Mas, pela frente, ele só aceita fitas com bitola de 8 mm (para gravação e reprodução) e HI-8 (só para reprodução). O Vdeck 500 pode ser controlado diretamente do computador por softwares compatíveis com o formato VISCA da Sony. Nos EUA, custa US$ 1.099.

VOCÊ PRECISA TER UM

CD-ROM, ISAAC ASIMOV'S THE ULTIMATE ROBOT
(Microsoft, US$ 59,95)

Fãs de filmes de ficção científica vão encontrar informações à beça em um novo CD-ROM da Microsoft, *Isaac Asimov's The Ultimate Robot*. Por US$ 59,95 pode-se ter na tela de um Macintosh a história detalhada da robótica, mais de cinqüenta contos sobre robôs escritos pelo americano Isaac Asimov (que enunciou as leis da robótica) e imagens de entrevistas concedidas por ele sobre assuntos relativos a robôs. Na seção *Cinerobots* são apresentadas as fichas e as imagens de robôs famosos do cinema, incluindo seqüências inteiras de filmes como *2001 – Uma Odisséia no Espaço* ou *Planeta Fantástico*.

CONTROLE ANTIBRIGAS

THE ONE FOR ALL 8 UPGRADABLE
(Universal Eletronics, US$ 39, importado)

Juntar todos os controles remotos em um só é um sonho que já foi tema até de história em quadrinhos, mas há quem esteja tentando torná-lo realidade. A Universal Electronics colocou no mercado norte-americano The One For All 8 Upgradable, um controle que toma conta de até oito aparelhos, como a TV, o CD player, o vídeo ou o receptor de satélite. Há uma tecla que permite designar funções específicas para os botões. O fabricante se compromete a atualizar o aparelho gratuitamente, conforme o usuário adquirir aparelhos que possuam códigos não previstos no controle. O "Um Por Todos" tem o preço anunciado de US$ 39.

À esquerda, o vídeo da Sony para edições computadorizadas e, à direita, o controle remoto que comanda até oito aparelhos

O Marine Pack dá um basta nas preocupações com a pressão aquática até 75m

VIAGEM SUBMARINA

MARINE PACK
(Sony, US$ 1.400, importado)

Os equipamentos ditos à prova d'água muitas vezes não resistem a um banho de chuveiro. Mas a Sony esticou bastante os limites para os mergulhadores que ousarem testar seu estojo Marine Pack MPK-1: ele suporta a pressão da água até 75 metros de profundidade. O MPK-1 foi concebido para acomodar as Handycams TR1 e TR8, duplicando seus comandos no lado externo. Vazio e fora do mar, ele pesa 4,2 kg. Custa US$ 1.400. A SC-10 da Amphibico, por sua vez, serve às mesmas câmeras, mas vai mais fundo: 100 metros. Tem os comandos localizados no punho e um alarme de umidade. Outra vantagem: custa menos, US$ 1.100.

SUPER TV

CS-27701
(Mitsubishi, US$ 1.499, importada)

Quanto maior a TV, maior o problema em dar o ajuste final da posição da mesma em relação aos telespectadores. Em sua CS-27701, de 27 polegadas, a Mitsubishi sugere uma solução para o problema: uma base motorizada. Duas teclas no controle remoto permitem que o monitor gire quinze graus para a direita ou esquerda. Na hora de colocar os cabos no painel traseiro, é possível girar a TV inteira em seu eixo. Outras atrações são o woofer (alto-falante para sons graves) separado, modos de expansão para som "surround" ("tridimensional", com mais canais que o som estéreo) e um controle remoto, que também pode comandar dois videocassetes e um seletor de canais por cabo. Tanta coisa assim fica por "míseros" US$ 1.499.

Marcos Smirkoff

LASER

PARA UMA SESSÃO CLASSE A

DUEL IN THE SUN (Paramount)

Duelo ao Sol (1946) não é o melhor filme sob a assinatura de King Vidor, mas sem dúvida é um western quatro estrelas. O maior problema foi a interferência do produtor David O. Selznick que, primeiro, quis aproveitar o sucesso de *...E o Vento Levou* e, segundo, tentou elevar a atriz (e futura esposa) Jennifer Jones ao panteão das deusas cinematográficas. Mas a presença de Jones não atrapalha a qualidade final, pois tem Gregory Peck e Joseph Cotten como os irmãos que "duelam ao sol" pelo amor da bela.

WAIT UNTIL DARK (Warner)

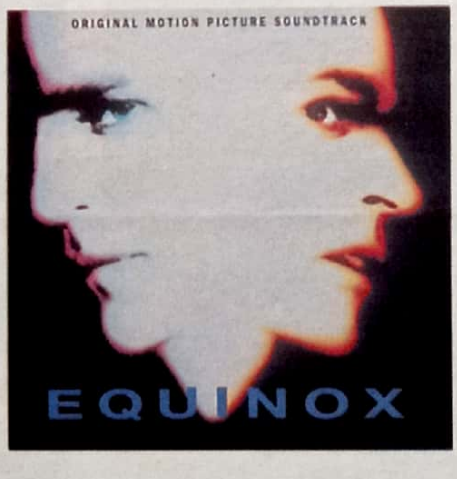
Mais do que um veículo para a elegância e o charme de Audrey Hepburn, Terence Young fez com *Um Clarão nas Trevas* (1967) um suspense de tirar o fôlego. A história é sobre uma cega que, sozinha em casa, tem que se defender de criminosos que procuram uma boneca contendo um pacote de heroína. Hepburn se defende com as armas apuradas por sua deficiência: olfato, audição e, principalmente, sua inteligência. Além disso, há a trilha perfeita de Henry Mancini. Um detalhe: o laserdisc contém os trailers originais da época de lançamento.

Gregory Peck e Jennifer Jones em *Duelo ao Sol*, de King Vidor

TRILHAS SONORAS

SONS DO MUNDO TODO

EQUINOX
(Varèse Sarabande/I.R.S., importado)



Alan Rudolph começou sua carreira como assistente de Robert Altman, principalmente em *Nashville* (1976). Desde então, a música passou a fazer parte decisiva de seus trabalhos. Seu quarto longa, *Remember My Name* (1978), era recheado por canções de Alberta Hunter; *Choose Me* (1984) tem uma trilha jazzy, de Teddy Pendergrass; *Escrevendo Músicas* (1984) revisita o mundo country com os músicos/atores Kris Kristofferson e Willie Nelson; *Trouble in Mind* (1985) e *Moderns* (1988) contam com composições introspectivas do new age/jazzman Mark Isham.

Em sua obra mais recente, *Equinox* (1993), Rudolph optou por uma trilha não composta diretamente para o filme. Ele abre seu baú de músicos favoritos e escolhe a dedo composições sugestivas para a ambiência de seu delírio místico. O carro-chefe são três composições do escandinavo Terje Rypdal, um dos astros da alemã ECM Records, de Manfred Eicher, que revolucionou o jazz com fusões étnicas a partir da década de 70. O elemento étnico, aliás, está carregado: há desde uma composição típica do argentino Astor Piazzolla a canções escritas e interpretadas pelo árabe Ali Farka Toure (provável atração do próximo Festival de Inverno de Campos do Jordão) ou pelo russo Ivo Papasov, passando pelo jazz de Archie Shepp, que já acompanhou John Coltrane e que aqui toca com o grupo sul-africano Dollar Brand, que costuma acompanhar o também africano Abdullah Ibrahim.

Mesmo com nomes pouco conhecidos pelo público brasileiro, a trilha é obrigatória para quem gosta de jazz, world music ou sons da melhor qualidade.

Christian Petermann

SANYO

OS MELHORES DE 1993

Leitores e crítica confrontam suas preferências em cinema e vídeo

Público e crítica só deram cabeçadas na hora de escolher os melhores em cinema e vídeo do ano passado. Enquanto os leitores votavam em massa no *Jurassic Park* de Steven Spielberg como o melhor filme de 1993, a crítica promoveu um empate entre *Cães de Aluguel*, do *enfant terrible* Quentin Tarantino, e *Adeus Minha Concubina*, do chinês Chen Kaige. A situação se repete na categoria vídeo: o público ficou com *Drácula de Bram Stoker*, e a crítica – novamente empate – com *Ludwig, o Último Rei da Bavária*, a alentada cinebiografia realizada pelo italiano Lucchino Visconti, e o francês *O Marido da Cabeleireira*. Unanimidade mesmo só na votação para as categorias de atriz – Holly Hunter, por *O Piano* – e efeitos especiais – *Jurassic Park*, claro.

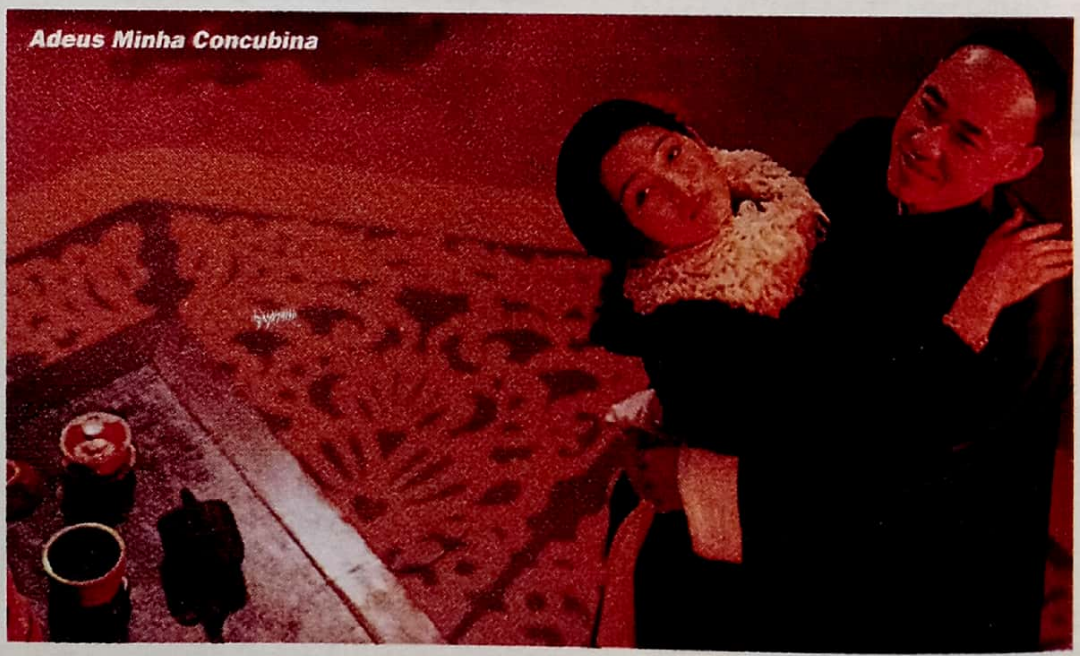
RESULTADO DA CRÍTICA

FILME:
Adeus Minha Concubina
Cães de Aluguel
VÍDEO:
Ludwig – O Último Rei da Bavária
O Marido da Cabeleireira
DIRETOR:
Krzysztof Kieslowski, por *A Liberdade É Azul*
ATOR:
Leslie Cheung, por *Adeus Minha Concubina*
ATRIZ:
Holly Hunter, por *O Piano*
ROTEIRO:
Feitiço do Tempo
FOTOGRAFIA:
A Liberdade É Azul
EFEITOS ESPECIAIS:
Jurassic Park – O Parque dos Dinossauros
TRILHA SONORA:
A Liberdade É Azul

Críticos: Isabela Boscov, Deborah Peleias e Christian Petermann, revista *SET*; Paulo de Góes, *Jornal do Vídeo*; Chris Couto, *Cine MTV*; Susana Schild, Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Ivana Bentes, *Jornal do Brasil*; Cleber Eduardo, *Diário Popular*; José Geraldo Couto, *Folha de S. Paulo*; Leon Cakoff, Mostra Internacional de Cinema de São Paulo; Celso Sabadin, Rede Bandeirantes de Televisão; Antonio Querino Neto, revista *IstoÉ*; Hamilton Rosa Júnior, revista *Ver Vídeo*; Fernando Spencer, *Diário de Pernambuco*; Adalberto Meireles, jornal *A Tarde* de Salvador.

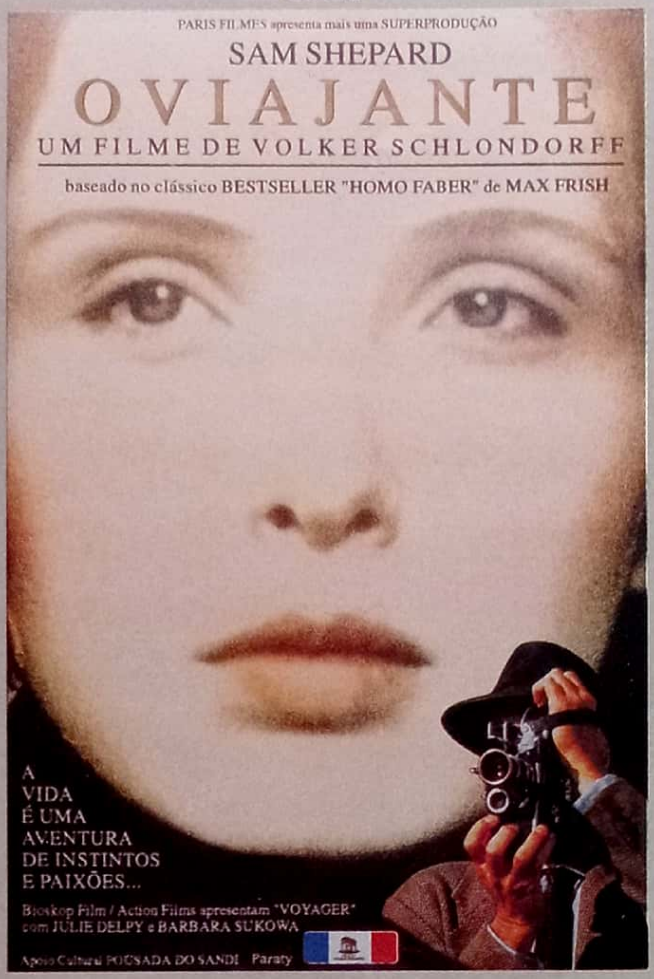
F. J. Lucas

Ludwig – O Último Rei da Bavária



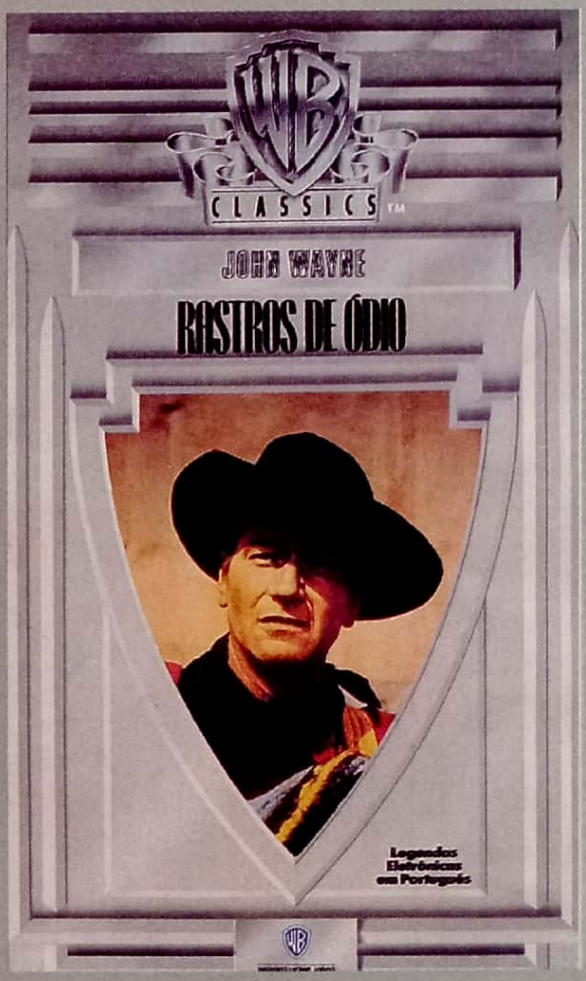
Adeus Minha Concubina

SET



SET

SET



SET

SET

Clint Eastwood

UM MUNDO PERFEITO

(A Perfect World, EUA, 1993)

Ficha técnica: Direção: Clint Eastwood ■ Roteiro: John Lee Hancock ■ Direção de fotografia: Jack N. Green ■ Música: Lennie Niehaus ■ Montagem: Joel Cox e Ron Spang ■ Desenho de produção: Henry Bumstead ■ Direção de arte: Jack Taylor ■ Figurino: Erica Edell Philips ■ Produção: Mark Johnson e David Valdes para a Malpaso ■ Distribuição: Warner ■ Duração: 2h17.

O elenco: Kevin Costner (Butch Haynes), Clint Eastwood (Red Garnett), Laura Dern (Sally Gerber), T.J. Lowther (Phillip Perry), Keith Szarabajka (Terry Pugh), Leo Burmester (Tom Adler), Paul Hewitt (Dick Suttle), Bradley Whitford (Bobby Lee), Ray McKinon (Bradley).

A trama: condenado a 40 anos de prisão, Butch Haynes escapa de penitenciária no Alabama e ruma para a fronteira com o Texas em companhia de outro fugitivo, Terry Pugh. Ambos tomam como refém um garoto de sete anos, Phillip Perry, e são perseguidos por um policial veterano, Red Garnett. A criminologista Sally Gerber, nomeada pelo governador para acompanhar o caso, junta-se à equipe de Garnett no trailer que ele usa como quartel-general. Paralelamente, Haynes conquista a simpatia do pequeno Phillip.

O diretor: Clinton Eastwood Jr. nasceu em 31/5/1930, em San Francisco (EUA). Como ator, estreou no cinema em *Francis na Marinha* (55) e despontou na TV com o seriado *Rawhide* (59/66). A popularidade veio com os western-spaghetti de Sergio Leone, como *Por Um Punhado de Dólares* (64) e *Três Homens em Conflito* (66). Formou também parceria bem-sucedida com Don Siegel, seu sócio na produtora Malpaso e que o dirigiu em êxitos de bilheteria como *Perseguidor Implacável* (71), o primeiro da série *Dirty Harry*, e *Alcatraz, Fuga Impossível* (79). Sua carreira como diretor teve início com *Perversa Paixão* (71) e atingiu o auge com *Os Imperdoáveis* (92), seu 36º trabalho como ator e 10º faroeste, Oscar de melhor filme, direção, ator coadjuvante (Gene Hackman) e montagem.

Notas: a trama é ambientada em 1963, às vésperas da visita fatal do presidente John Kennedy a Dallas, que simboliza a perda da inocência e o fim do chamado "sonho americano" ■ A pequena cidade de Martindale (Texas) recebeu uma série de melhorias, bancadas pela produção, especialmente para as filmagens. O cenógrafo Henry Bumstead (Oscar por *O Sol É Para Todos* e *Golpe de Mestre*) restaurou edifícios decadentes e ergueu novas construções ■ É o segundo filme do garoto T.J. Lowther, que estreou em *Caminho de Pedras* (93), com Kathy Bates ■ O corte de cabelo do personagem de Costner foi pedido pelo próprio ator, em homenagem a seu ídolo Steve McQueen ■ O produtor Mark Johnson vem de uma parceria bem-sucedida com Barry Levinson em filmes como *Bom Dia Vietnã* (87), *Rain Man* (88) e *Avalon* (90) ■ Este é o 17º filme dirigido por Eastwood.

SET

Volker Schlöndorff

O VIAJANTE

(Voyager, Grécia/França/Alemanha, 1991)

Ficha Técnica: Direção: Volker Schlöndorff ■ Roteiro: Rudy Wurlitzer e Volker Schlöndorff, baseado no romance *Homo Faber*, de Max Frisch ■ Fotografia: Pierre Lhomme (América) e Yorgos Arvanitis (Europa) ■ Montagem: Dagmar Hirtz ■ Música: Stanley Myers ■ Desenho de produção: Nicos Perakis ■ Direção de arte: Thierry François e Cherie Baker ■ Figurinos: Barbara Baum ■ Produção: Eberhard Junkersdorf ■ Distribuição: Paris Filmes ■ Duração: 1h57.

O elenco: Sam Shepard (Walter Faber), Julie Delpy (Sabeth), Barbara Sukowa (Hannah), Dieter Kirchlechner (Herbert Henke), Traci Lind (Charlene), Deborra-Lee Furness (Ivy), August Zirner (Joachim Henke)

A trama: em 1957, num vôo de Nova York a Caracas, o engenheiro americano Walter Faber conhece Herbert Henke, irmão de seu velho amigo Joachim, que não vê há 20 anos. É o início de uma série de coincidências que durante os meses seguintes modificará profundamente sua vida.

O diretor: Volker Schlöndorff nasceu em Wiesbaden (Alemanha), em 31/3/1939. Estudou cinema em Paris e trabalhou como assistente de Louis Malle, Alain Resnais e Jean-Pierre Mélville. Seu primeiro longa-metragem foi *O Jovem Törless* (65), baseado em romance de Robert Musil. Um dos expoentes do Novo Cinema Alemão, especializou-se em adaptar obras de grandes escritores: Heinrich Böll em *A Honra Perdida de Uma Mulher* (75); Marguerite Yourcenar em *Tiro de Misericórdia* (76); Günter Grass em *O Tambor* (79), Palma de Ouro em Cannes e Oscar de filme estrangeiro; Marcel Proust em *Um Amor de Swann* (84); Arthur Miller em *A Morte do Caixeiro Viajante* (85). Em 1993, assumiu a direção dos estúdios Babelberg, na Alemanha. Foi casado com a atriz e roteirista Margarethe von Trotta, sua colaboradora em diversos filmes até esta estrear como diretora em 1977.

Notas: considerado um clássico existencialista, *Homo Faber* foi publicado em 1957 e lançado no Brasil pela segunda vez em 1987 (Ed. Guanabara). Para Schlöndorff, trata-se de uma reflexão sobre a tentativa humana de ordenar o mundo ■ No livro, que o autor chama de "relato", o protagonista é um suíço que estudou nos EUA; no filme, um americano que estudou e se apaixonou na Suíça ■ O escritor suíço Max Frisch (1911-1991) participou da escolha do elenco e de discussões sobre o roteiro, que teve alguns diálogos reescritos por Sam Shepard ■ A francesa Julie Delpy (*Sangue Ruim, Filhos da Guerra*) foi escolhida depois de mais de 50 testes em Munique e Nova York. Segundo Frish, ela se parece muito com a mulher que o inspirou a criar a personagem ■ As filmagens em locações nos EUA, México, França, Itália e Grécia enfrentaram um problema inusitado: Shepard recusou-se a viajar de avião. Curiosamente, seu personagem sofre um acidente aéreo ■ Nos letreiros finais, a soprano Ute Lemper (que já trabalhou com Peter Greenaway) canta *Careless Love*.

SET

Chris Columbus

UMA BABÁ QUASE PERFEITA

(Mrs. Doubtfire, EUA, 1993)

Ficha técnica: Direção: Chris Columbus ■ Roteiro: Randi Mayem Singer e Leslie Dixon, baseado no livro *Alias Madame Doubtfire*, de Anne Fine ■ Fotografia: Donald McAlpine ■ Montagem: Raja Gosnell ■ Música: Howard Shore ■ Desenho de produção: Angelo Graham ■ Direção de arte: W. Steven Graham ■ Maquilagem: Greg Cannon ■ Seqüência de animação: Chuck Jones ■ Produção: Marsha Garcès Williams, Robin Williams e Mark Radcliffe ■ Distribuição: Fox ■ Duração: 2h05.

O elenco: Robin Williams (Daniel Hillard/Mrs. Doubtfire), Sally Field (Miranda Hillard), Pierce Brosnan (Stu), Harvey Fierstein (Frank), Polly Holliday (Gloria), Lisa Jakub (Lydia Hillard), Matthew Lawrence (Chris Hillard), Mara Wilson (Natalie Hillard), Robert Prosky (Lundy)

A trama: ator desempregado, Daniel Hillard perde a guarda de seus três filhos para a ex-mulher, a decoradora Miranda. Disposto a passar mais tempo com eles, candidata-se ao emprego de governanta da casa personificando uma respeitável senhora irlandesa, Mrs.Doubtfire.

O diretor: Christopher Columbus nasceu em Spangler (Pensilvânia), em 1959. Ainda era estudante de cinema na New York University quando vendeu por US$ 5 mil seu primeiro roteiro; o terceiro já lhe valeu US$40 mil e, reescrito, deu origem a *Jovens sem Rumo* (84), dirigido por James Foley. Seu projeto seguinte, *Gremlins* (84), foi recusado por 25 produtores e diretores antes de interessar a Steven Spielberg, que produziu o filme, assim como seus dois roteiros posteriores: *Os Goonies* (85) e *O Enigma da Pirâmide* (85). Como diretor, estreou em *Uma Noite de Aventuras* (87) e fez sucesso, ao lado do produtor e roteirista John Hughes, com a comédia de maior bilheteria da história, *Esqueceram de Mim* (90), cuja continuação, *Perdido em Nova York* (92), também dirigiu. É casado com a coreógrafa Monica Devereux, que trabalhou em *Um Sonho Distante* (92).

Notas: Robin Williams ganhou o Globo de Ouro de melhor ator em comédias por este papel, mas não recebeu indicação ao Oscar, feito obtido por Jack Lemmon em *Quanto Mais Quente Melhor* (59) e Dustin Hoffman em *Tootsie* (82), nos quais também aparecem caracterizados como mulheres ■ Com a máscara facial e a roupa de Mrs. Doubtfire, Williams diz que se sentia "dentro da maior camisinha do mundo" ■ A preparação completa levava quase três horas; para cenas filmadas à distância, no entanto, bastavam dez minutos ■ Na dublagem do desenho animado que abre o filme, ele repete a versatilidade vocal de *Aladdin* (92), imitando vozes conhecidas como a de Jack Nicholson ■ A mulher do ator, Marsha Garcès Williams, é co-produtora do filme ■ *Alias Madame Doubtfire*, que inspirou o roteiro, é um livro infantil britânico.

SET

John Ford

RASTROS DE ÓDIO

(The Searchers, EUA, 1956)

Ficha técnica: Direção: John Ford ■ Roteiro: Frank S. Nugent, baseado em romance de Alan LeMay ■ Fotografia: Winton C. Hoch ■ Montagem: Jack Murray ■ Cenografia: Victor A. Gangelin ■ Figurinos: Frank Beetson e Ann Peck ■ Produção: Merian C. Cooper e C. V. Whitney ■ Distribuição em vídeo: Warner/Brenno Rossi ■ Duração: 1h59.

O elenco: John Wayne (Ethan Edwards), Jeffrey Hunter (Martin Pawley), Vera Miles (Laurie Jorgensen), Ward Bond (Capitão Reverendo Samuel Clayton), Natalie Wood (Debbie Edwards), John Qualen (Lars Jorgensen), Olive Carey (Sra. Jorgensen), Henry Brandon (chefe Scar), Ken Curtis (Charlie McCorry), Harry Carey Jr. (Brad Jorgensen)

A trama: Texas, 1868: Ethan Edwards reaparece após a Guerra da Secessão, mas não evita que a família do irmão seja massacrada por uma tribo de comanches. A única sobrevivente, sua sobrinha Debbie, é levada pelos índios. Ethan propõe-se então a encontrá-la, com o auxílio de Martin Pawley, um órfão mestiço criado pela família.

O diretor: John Ford (Sean Aloysius O'Feeney) nasceu em Cape Elizabeth (Maine), em 1º/2/1895, e morreu em Palm Desert (Califórnia), em 31/8/1973. Filho de irlandeses, foi levado a Hollywood aos 18 anos pelo irmão, Francis, que era roteirista, diretor e ator da Universal. Trabalhou como dublê, ator e assistente de direção antes de estrear como diretor, em 1917. Muitos críticos o consideram o maior cineasta americano do período sonoro, mestre absoluto do faroeste, cuja mitologia deve muito a suas obras-primas no gênero. Realizou cerca de 130 filmes e recebeu quatro Oscar de melhor diretor, recorde ainda não igualado, por *O Delator* (35), *As Vinhas da Ira* (40), *Como Era Verde o Meu Vale* (41) e *Depois do Vendaval* (52).

Notas: na época do lançamento, boa parte da crítica recebeu *Rastros de Ódio* com frieza; foi só a partir de meados dos anos 60 que se estabeleceu como um clássico, eleito em várias pesquisas como um dos 10 maiores filmes da história ■ Diversos cineastas fizeram alusões ao filme: George Lucas em *Guerra nas Estrelas* (77), Martin Scorsese em *Caminhos Perigosos* (73), Steven Spielberg em *Contatos Imediatos do Terceiro Grau* (78), Wim Wenders em *Alice nas Cidades* (73) e *O Estado das Coisas* (82) ■ As seqüências inicial e final tornaram-se célebres, com a porta que se abre e depois se fecha para a paisagem do Velho Oeste ■ As filmagens foram no Colorado e em Monument Valley (entre o Arizona e Utah), a "terra de John Ford" ■ O roteirista Frank S. Nugent foi crítico de cinema do *The New York Times* ■ Ethan Edwards é considerado o mais complexo e fascinante personagem criado por John Wayne e Ford, que fizeram juntos mais 15 filmes, entre eles *No Tempo das Diligências* (39) e *Depois do Vendaval* (52) ■ Em 1993, *Rastros de Ódio* foi relançado em Nova York nas cores e no formato original (Vista Vision).

SANYO

UIP

Drácula de Bram Stoker

UIP

Jurassic Park – O Parque dos Dinossauros

RESULTADO DOS LEITORES

FILME:
1º *Jurassic Park – O Parque dos Dinossauros* (229 votos)
2º *O Piano* (112 votos)
3º *O Fugitivo* (104 votos)

VÍDEO:
1º *Drácula de Bram Stoker* (322 votos)
2º *Os Imperdoáveis* (143 votos)
3º *A Bela e a Fera* (87 votos)

DIRETOR:
1º Steven Spielberg, por *Jurassic Park – O Parque dos Dinossauros* (323 votos)
2º Quentin Tarantino, por *Cães de Aluguel* (133 votos)
3º Jane Campion, por *O Piano* (120 votos)

ATOR:
1º John Malkovich, por *Na Linha de Fogo* (332 votos)
2º Harrison Ford, por *O Fugitivo* (186 votos)
3º Dustin Hoffman, por *Herói por Acidente* (106 votos)

ATRIZ:
1º Holly Hunter, por *O Piano* (167 votos)
2º Michelle Pfeiffer, por *Conflitos de Amor* (109 votos)
3º Emma Thompson, por *Muito Barulho por Nada* (90 votos)

ROTEIRO:
1º *Traídos pelo Desejo* (317 votos)
2º *Herói por Acidente* (150 votos)
3º *O Piano* (130 votos)

FOTOGRAFIA:
1º *Indochina* (266 votos)
2º *O Piano* (242 votos)
3º *Vem Dançar Comigo* (101 votos)

EFEITOS ESPECIAIS:
1º *Jurassic Park – O Parque dos Dinossauros* (739 votos)
2º *A Família Addams* (52 votos)
3º *O Último Grande Herói* e *Risco Total* (34 votos)

TRILHA SONORA:
1º *O Guarda-Costas* (313 votos)
2º *Aladdin* (128 votos)
3º *Vem Dançar Comigo* (106 votos)

Amostragem realizada com 1.000 cédulas em um total de 2.000

AS JACAS DO ANO

O GUARDA-COSTAS
O pior corte de cabelo e a pior permanente

PERDAS E DANOS
Melhor o *Você Decide* com Francisco Cuoco

TOYS – A REVOLTA DOS BRINQUEDOS
Depois de ser palhaço, só restava a Robin Williams virar babá mesmo

ETERNAMENTE JOVEM
Mel Gibson, aos 38 anos?

INVASÃO DE PRIVACIDADE
Definitivamente, Sharon Stone não tem a "janela" de Grace Kelly

ROBOCOP 3
É o Superman? É o Homem de Ferro? Não, não passa de uma lata de sardinhas

O DEMOLIDOR
Stallone encontra *Os Jetsons* e todos riem amarelo

UM ESTRANHO EM MINHA CASA
Um ex-sex symbol e uma ex-brasileirinha da gema não fazem verão

CEMITÉRIO MALDITO 2
Será que a diretora Mary Lambert ressuscita depois desta?

AMBIÇÃO FATAL
Laura Flynn Boyle quer subir na vida, mas não passa do térreo

SANYO

SETE OSCAR PARA OSKAR

O que aconteceu nos bastidores do Dorothy Chandler Pavilion na noite em que Spielberg foi o grande homenageado

Reuter

Chamando *A Lista de Schindler* de "um serviço de utilidade pública", **Spielberg** disse que os lucros do filme serão doados a organizações ligadas às vítimas do Holocausto. E admitiu que, inicialmente, se sentiu intimidado pela história do industrial alemão Oskar Schindler. "Apavorei-me diante da responsabilidade de transformá-lo num filme para o grande público. Mas seria mais trágico se eu me deixasse intimidar e ficasse sem criar a possibilidade da lembrança." Spielberg também negou qualquer ressentimento em relação à Academia por só agora receber seu prêmio. "Nunca tive o objetivo de ganhar um Oscar. Mas qualquer indicado que negue que ganhar um Oscar seja seu objetivo a partir daquele momento está ruim da cabeça."

• **Tom Hanks** atribuiu seu prêmio de melhor ator em parte à convivência com dois homossexuais em sua adolescência: seu professor de Artes Dramáticas no ginásio e um colega de classe. "São homens maravilhosos que conheci quando tinha 16 anos e estudava em Oakland – terra de reis e de Clint Eastwood. Eu poderia traçar mil teorias em torno dessa premiação, mas o mais simples é dizer a verdade: se eu não tivesse tido a orientação, a amizade e a inspiração desses dois homens, não estaria aqui hoje."

• Como bem disse no pódio ao receber seu prêmio de melhor ator coadjuvante, **Tommy Lee Jones** *não é* careca. O "penteado" é uma exigência do novo filme de Jones, *Ty Cobb*, em que ele vive um lendário jogador americano de beisebol. Quando perguntaram a Tommy Lee se sua premiação significaria que a Academia preferiria coadjuvantes mocinhos, ao invés de bandidos, o ator saiu em defesa dos votantes. "Dou mais crédito aos acadêmicos do que isso. Acho que eles são mais inteligentes do que você quer fazer crer."

• Apesar de um tremendo "já-ganhou!" quando chegou ao Dorothy Chandler Pavilion, **Holly Hunter** ainda não tinha certeza de que ganharia o Oscar de melhor atriz. "A única pessoa que eu sabia que havia votado em mim era a diretora Jane Campion", disse Holly nos bastidores. "Mesmo assim eu não tinha certeza de que o voto dela tinha chegado a tempo, porque ela mora na Nova Zelândia." O Oscar foi comemorado junto com o próprio aniversário da atriz: na entrada do Pavilion, o colunista Army Arched puxou um coro de "Parabéns para Você" junto com os fãs que lotavam as arquibancadas no lado de fora.

• O Oscar de melhor som foi para um filhote de elefante. Ou quase. "No geral, demos aos dinossauros sons de animais que existem na natureza, como jacarés, leões e tigres", disse Gary Summer, da equipe de som de *O Parque dos Dinossauros*. "No caso do T. Rex, gravamos o som de um filhote de elefante. Ele berrou uma única vez e usamos o som umas vinte vezes no filme."

• **Paul Newman** chegou aos bastidores cumprimentando os jornalistas internacionais conforme seus fusos horários: "Boa-noite, Tóquio; boa-tarde, Austrália". Sem fazer pouco do Oscar especial recebido, Newman aproveitou para propagandear seus molhos de salada – os mesmos que renderam a premiação por serviços humanitários, já que a renda dos produtos alimentícios da marca Newman é destinada à caridade. "Meus molhos estão vendendo muito mais do que meus filmes rendem na bilheteria", disse ele, antes de acrescentar com uma pitada de auto-ironia: "É uma humilhação que mal posso suportar".

• Uma das mais jovens premiadas da história do Oscar, **Anna Paquin** ainda não pode ver o filme que lhe valeu o prêmio de melhor coadjuvante: em seu país, a Nova Zelândia, *O Piano* é proibido para menores de dezesseis anos. E Anna tem só onze. O pai de Anna, Brian Paquin, explicou como o prêmio é quase um acidente na vida da filha. "Anna foi aos testes para *O Piano* só porque a irmã mais velha estava indo, porque queria fazer a mesma coisa que ela."

• Os outsiders não perderam a oportunidade de tentar a grande chance no Oscar. Do lado de fora do Dorothy Chandler Pavilion, um rapaz esperançoso balançava um cartaz: "Vende-se: o script mais engraçado do mundo. Ligue para...".

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET

OS PREMIADOS

Filme: *A Lista de Schindler*; **Diretor**: Steven Spielberg, por *A Lista de Schindler*; **Ator**: Tom Hanks, por *Filadélfia*; **Ator coadjuvante**: Tommy Lee Jones, por *O Fugitivo*; **Atriz**: Holly Hunter, por *O Piano*; **Atriz coadjuvante**: Anna Paquin, por *O Piano*; **Roteiro original**: Jane Campion, por *O Piano*; **Roteiro adaptado**: Steven Zaillian, por *A Lista de Schindler*; **Direção de arte e cenários**: Allan Starski e Ewa Braun, por *A Lista de Schindler*; **Fotografia**: Janusz Kaminski, por *A Lista de Schindler*; **Figurinos**: Gabriella Pescucci, por *A Época da Inocência*; **Documentário**: *I Am a Promise: The Children of Stanton Elementary School*, produzido por Susan Raymond e Alan Raymond; **Documentário curta-metragem**: *Defending Our Lives*, produzido por Margaret Lazarus e Renner Wunderlich; **Montagem**: Michael Kahn, por *A Lista de Schindler*; **Filme estrangeiro**: *Sedução*, de Fernando Trueba (Espanha); **Maquiagem**: Greg Cannom, Ve Neill e Yolanda Toussieng, por *Uma Babá Quase Perfeita*; **Efeitos visuais**: Dennis Muren, Stan Winston, Phil Tippet e Michael Lantieri, por *O Parque dos Dinossauros*; **Efeitos sonoros**: Gary Rydstrom e Richard Hymns, por *O Parque dos Dinossauros*; **Trilha original**: John Williams, por *A Lista de Schindler*; **Canção original**: "Streets of Philadelphia", de Bruce Springsteen (*Filadélfia*); **Curta-metragem de animação**: *The Wrong Trousers*, de Nicholas Park; **Curta-metragem de ação**: *Black Rider*, de Pepe Danquart; **Som**: Gary Summers, Gary Rydstrom, Shawn Murphy e Ron Judkins, por *O Parque dos Dinossauros*

adm/pidiuk

JAPAN POP SOM

A Sanyo está trazendo para o Brasil um dos maiores sucessos musicais do Japão. O Compact System DC-D30. Com ele, você vai conhecer os grandes hits mundiais da tecnologia. Como o equalizador, que oferece um ajuste específico para cada estilo de música. São 8 opções pré-programadas e 3 programáveis, além de um visor digital que apresenta analisador de espectro com 5 modos de visualização. A gravação do CD para fita é totalmente computadorizada, com quatro formas diferentes de edição. E como parte do show, o Sanyo DC-D30 ainda oferece timer, sleep, wake-up (despertador), rádio digital AM/FM com 36 posições de memórias, entrada para microfone, toca-discos e videocassete ou videodisco. Sanyo DC-D30. A tecnologia traduzida em fidelidade, potência e decibéis.

SANYO

A CASA DOS ESPÍRITOS

Bille August adapta best-seller e usa ingredientes de novelão para agradar ao grande público

Foi um custo Isabel Allende autorizar a adaptação para o cinema de seu best-seller *A Casa dos Espíritos*, publicado em 1985. O escolhido para a tarefa foi o dinamarquês Bille August, premiado diretor de *Pelle, o Conquistador* e *As Melhores Intenções*. O resultado, no entanto, constitui-se no maior novelão dos últimos anos, com ingredientes dignos de Gabriel García Márquez e do realismo fantástico das novelas da TV Globo.

Por isso mesmo, *A Casa dos Espíritos* tem tudo para ser um grande sucesso de público, repetindo o que já aconteceu na Europa – só na Alemanha, faturou mais de US$ 20 milhões de bilheteria, feito incrível quando se considera os US$ 25 milhões gastos com a produção, ínfimos em termos de elenco e locações.

O drama de Isabel Allende conta a saga da família Trueba e se passa num país indefinido da América do Sul (o Chile, país da autora, jamais é mencionado no filme, e as filmagens foram realizadas com locações em Portugal, que funcionou à perfeição como país sul-americano) e cobre 45 anos da vida dos personagens mais românticos que se pode imaginar – embora um pouco superficiais.

Meryl Streep interpreta a vidente Clara Trueba que, ainda criança, prevê a morte da irmã mais velha. Traumatizada, ela fica muda por 20 anos. Jeremy Irons (o patriarca Esteban Trueba e marido de Clara) estupra uma camponesa e não reconhece legalmente o filho que tem com ela. Glenn Close (Ferula, a irmã solteirona de Irons) parece um personagem de García Lorca, sempre de preto. Além de espionar o irmão e a esposa quando estão fazendo amor, nutre uma paixão reprimida pela cunhada. É preciso mais?

Bille August se sai bem no lado épico da história, mas trata o lado político de maneira esquemática. O país em que se passa a história tem um ditador e, conseqüentemente, existem os rebeldes – entre eles Antonio Banderas, como Pedro, filho do capataz da fazenda dos Trueba. Existem também os reacionários, sendo que Esteban é o símbolo da direita no poder. Além de ser um sujeito arrogante, tem a capacidade de repelir todas as pessoas que gostam dele. Quando as forças da esquerda começam a incomodar, o governo passa a recorrer à tortura; e, no momento em que todo o esquema de vida dos Trueba começa a desmoronar, o amor proibido entre o revolucinário Pedro e a filha de Esteban, Blanca (Winona Ryder, num papel herdado de Pernilla August, mulher do diretor, que ficou grávida), significará a salvação.

Fotos Paris Filmes

Esta é a versão exibida no mercado do Mifed (feira realizada em outubro de 1993 em Milão) e na Europa, a qual tinha 145 minutos. Mas o diretor reeditou seu filme para 138 minutos para exibição nos EUA e no resto do mundo. Talvez tenha feito um bom negócio, porque o filme de Bille August tem acertos e erros. Por exemplo, toda a parte técnica é de primeira qualidade, desde o desenho de produção e guarda-roupa até a fotografia e música, com um toque que faz lembrar *...E o Vento Levou*. Em compensação o elenco, apesar dos grandes nomes, não é coeso. As atrizes – Glenn Close, Winona Ryder e Meryl Streep – estão muito melhores que os homens – Banderas e Irons. Em papéis menores, como os pais de Clara, aparecem Armin Mueller-Stahl e Vanessa Redgrave – que, aliás, é vítima de uma das cenas mais ridículas e risíveis dos últimos tempos.

Espera-se que August tenha cortado exatamente esta cena na nova versão e reduzido-a em sete minutos. Sem ela, o filme cresceria em credibilidade; mas, se não for o caso, o público vai adorar assim mesmo.

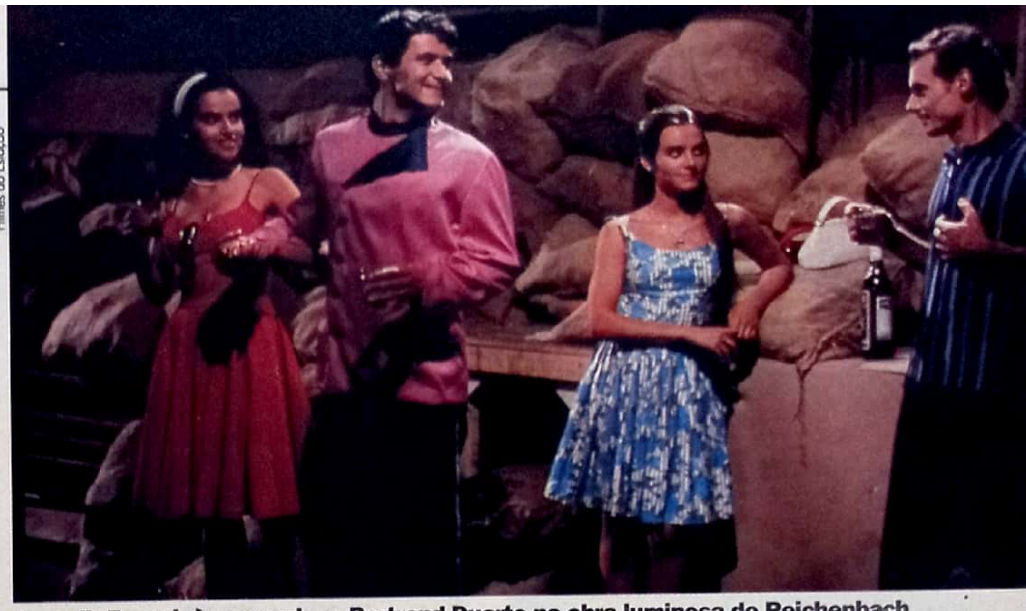
Paulo de Góes

Os Trueba nas núpcias de Irons e Streep, objeto da paixão platônica de Close, acima

The House of the Spirits, Alemanha/Dinamarca/Portugal/ EUA, 1993 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Bille August, a partir do romance homônimo de Isabel Allende ■ FOTOGRAFIA: Jorgen Persson ■ MÚSICA: Hans Zimmer ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Anna Asp ■ FIGURINOS: Barbara Baum ■ Com Jeremy Irons, Meryl Streep, Glenn Close, Winona Ryder, Antonio Banderas ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris Filmes ■ DURAÇÃO: 138 min.

ALMA CORSÁRIA

Cinema nacional brilha nas mãos de um diretor despretensioso



Filmes do Estação

Jurandir Ferrari, à esquerda, e Bertrand Duarte na obra luminosa de Reichenbach

Quando filma, Carlos Reichenbach parece não se importar com o próprio trabalho. Elogia seu elenco, fala do prazer de trabalhar com a produtora Sara Silveira, da competência de tal ou tal pessoa da equipe. É como se ele, Carlão, não existisse ou, em todo caso, contasse muito pouco. Para ele conta o cinema, a alegria da convivência, das conversas, das horas que se pode passar comentando filmes. Carlão não faz carreira no narcisismo. Ama o cinema muito mais do que a si próprio.

Talvez ame os amigos mais do que a si mesmo. Daí quando Alma Corsária entra na tela o resultado ser comovente. É a história de uma amizade que vai da infância à maturidade, dos anos 50 aos 90, atravessando as turbulências do tempo: a escola, o rock, a descoberta do amor, a revolução, a repressão. Para cada época há variações de estilo, mudanças de tom (nunca bruscas, como no passado), descaminhos, regenerações. Passa-se do cômico ao dramático, da ingenuidade à tragédia.

Alma Corsária felizmente não tenta explicar o Brasil, embora seja um primor em matéria de reconstituição do que foram a máteria e o espírito desses anos. É uma viagem interior, plenamente autoral, na qual, no entanto, qualquer um se reconhecerá. É como se, chegado o fim de século, *Alma Corsária* nos convidasse a uma ampla, sincera, delicada revisão de tudo que temos sido e em que temos acreditado. É um olhar para dentro e fora de si mesmo: exatamente como são as amizades verdadeiras, essas que se nutrem de afeição, da admiração mútua e do prazer da convivência, não da troca de favores e interesses mais ou menos escusos.

Bem, pode-se dizer que essa é uma opinião fartamente comprometida. Eu mesmo faço uma pequena aparição no filme, como vários de seus amigos, na condição de uma dessas "almas gêmeas". Mas seria injusto se não a externasse.

Mais gêmeo ainda é Samuel Fuller, no filme representado por Maurice Legeard (conservador da Cinemateca de Santos), que aparece em frente ao velho cine Cairo, recebendo o Oscar "que nós lhe estávamos devendo". Porque *Alma Corsária* é isso: um filme cuja beleza vem da generosidade; generosidade que vem da ética; ética que se confunde com o amor ao cinema. Cinema da alma, contra a lama geral.

Inácio Araujo

Alma Corsária, Brasil, 1992 ■ DIREÇÃO, ROTEIRO E FOTOGRAFIA: Carlos Reichenbach ■ MONTAGEM: Cristina Amaral ■ FIGURINOS: Andréia Ramalho ■ MÚSICA: Carlos Reichenbach ■ Com Bertrand Duarte, Jandir Ferrari, Andréia Richa, Mariana de Moraes, Jorge Fernando ■ DISTRIBUIÇÃO: Filmes do Estação ■ DURAÇÃO: 110 min.

INTERSECTION – UMA ESCOLHA, UMA RENÚNCIA

Roteiro primário e diálogos ginasianos destroem trama intrigante

O diretor Mark Rydell é especialista em realizar filmes "importantes", "sérios" e irremediavelmente chatos – lembram-se de *Para Eles com Muito Amor*? Que tal *Havana*? Deu para sentir o drama? Pois, para o desespero dos fãs de Richard Gere e Sharon Stone, *Intersection – Uma Escolha, uma Renúncia* não é exceção. Por pouco os dois atores saem quase ilesos de uma assinatura "artística", a de Rydell, que um crítico americano definiu como "destruidora de carreiras".

Neste exercício sobre a força do destino (uma nova adaptação do livro francês *Les Choses de la Vie*, que virou filme de mesmo título em 1970), Gere é Vincent Eastman, um arquiteto bem-sucedido na profissão mas atormentado no amor, que precisa decidir entre a vida doméstica e pacífica que leva com a esposa (Stone) e a filha (Morrison), ou então se mudar de mala e libido para os braços da amante (Davidovich), uma fogosa jornalista. Na hora em que toma a decisão, finalmente, ele se depara com um ônibus e um trator, justo quando perde o volante numa estrada sinuosa, e o destino se encarrega de solucionar a questão.

Uma trama intrigante, não fosse o roteiro de estrutura primária (apesar do flashback de certa forma bem empregado) e os diálogos ginasianos que Rydell põe na boca dos personagens. O grande trunfo, se é que podemos falar nesses termos, é a inversão de expectativas, no momento em que é dado a Sharon o papel da esposa casta, dedicada e enganada, e não o de devoradora de homens que vem marcando sua carreira até agora. Ah: e ela se mantém vestida o filme inteiro.

José Emilio Rondeau

UIP

Stone não tira a roupa e quase perde o marido Gere

Intersection, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Mark Rydell ■ ROTEIRO: David Rayfiel e Marshall Brickman, a partir do romance de Paul Guimard ■ FOTOGRAFIA: Vilmos Zsigmond ■ MÚSICA: James Newton Howard ■ Com Ricahrd Gere, Sharon Stone, Lolita Davidovich, Jenny Morrison ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP ■ DURAÇÃO: 98min.

MALÍCIA

Nicole Kidman e Alec Baldwin não conseguem dar sentido a thriller vazio

Roteirista sofre, e os de *Malícia* mereciam adicional de insalubridade. Não é para qualquer um a tarefa de conjugar um colégio de moças, um reitor (Bill Pullman) e sua jovem mulher (Nicole Kidman), um médico de conduta discutível (Alec Baldwin), um assassino serial e uma tentativa de fraude, tudo numa só fita. Ainda assim, a somatória de tantos segredos não equivale a um único grande mistério. Não espere produzir muita adrenalina, só exclamações de espanto.

O recurso usado aqui é o da trama intrincada, em que a verdade muda de foco a cada acontecimento. Logo de início, tem-se uma série de jovens assassinadas numa faculdade exclusiva da Nova Inglaterra, motivo de pânico entre os habitantes e de dor de cabeça para o diretor do colégio. É nessa hora que desembarca na cidade o cirurgião bambambã Baldwin – numa boa interpretação, que combina com perícia arrogância, polidez e competência. Agora, por que um médico bem-sucedido decidiria alugar um quarto na casa do reitor, ao invés de buscar um apartamento só para si, o filme não explica. Ou melhor, explica, mas não convém contar.

Até aí, as únicas faíscas que cruzam a tela são as provocadas pela aversão imediata entre a doce professorinha Kidman e o médico. As coisas começam a esquentar quando uma fatalidade acaba jogando a moça na mesa de cirurgia de Baldwin, que toma uma decisão arriscada e se vê processado por erro médico. Ou será que é isso mesmo? Assista ao filme e conte quantas vezes você se faz essa pergunta, mas lembre-se de que este é um mau sinal – indício de que, para um thriller, este aqui deixa alguns vazios a mais na ação.

Isabela Boscov

Malice, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Harold Becker ■ ROTEIRO: Aaron Sorkin, Scott Frank ■ FOTOGRAFIA: Gordon Willis ■ MÚSICA: JERRY GOLDSMITH ■ Com Alec Baldwin, Nicole Kidman, Bill Pullman, Bebe Neuwirth ■ DISTRIBUIÇÃO: PlayArte ■ DURAÇÃO: 107 min.

PlayArte

Nicole Kidman e Alec Baldwin: boas interpretações perdidas em trama vazia

A MARCA DA MALDADE

O mais brilhante filme de Orson Welles volta às telas brasileiras

No plano de abertura de *A Marca da Maldade*, um dos filmes mais belos jamais filmados, há um homem e uma bomba, a arquitetura de uma cidade mexicana, a noite, um carro que atravessa a cidade levando a bomba e suas vítimas. Há o policial Vargas (Charlton Heston) passeando com a mulher (Janet Leigh), pessoas que se cumprimentam, a fronteira que é atravessada pelo carro. Há, por fim, o momento em que os Vargas vão se beijar. É então que a bomba explode.

Este prólogo magnífico, talvez o apogeu do barroco no cinema, leva 3'20", e é só o começo. Depois, entrará ainda o velho policial Quinlan (Welles), sua antiga amada (Marlene Dietrich). Depois, ao longo da

Pandora

Welles, à esquerda, faz de um simples caso

investigação, Vargas e Quinlan se envolverão em um duelo abissal, em que, na verdade, estarão em questão as idéias de verdade e mentira, de ilusão e realidade.

É o maior filme de Orson Welles. Perto dele, o mistério de Charles Foster Kane parece história de criança. É aqui, num filme arrancado ao nada graças a Charlton Heston (ele jogou todo seu prestígio para que o filme saísse), que Orson Welles fez que, de um simples caso policial, cintilassem todos os brilhos do melhor cinema.

Mais: se o próprio Heston está ótimo (escapando ao estigma do Moisés de *Os Dez Mandamentos*), nunca se viu Welles melhor do que na pele do velho policial coxo, arrastando o peso de todas as desilusões da vida, carregando as bochechas inchadas de bebida. Ou, como diz Dietrich em sua primeira intervenção, e com uma sabedoria irretocável: "Meu bem, você está uma bagunça".

É dessa bagunça que Orson tira tudo. Desse ambiente escuro, habitado por sombras, que *A Marca* surge como marco e antítese do policial. Basta sentar na poltrona e, segundo a segundo, plano a plano, babar diante da capacidade de invenção permanente, da inteligência diabólica, da sensibilidade única de Orson Welles. Jorge Luis Borges escreveu, a propósito de *Cidadão Kane*, que havia algo de esmagador no gênio de Welles.

policial um dos melhores filmes da história

Aqui, o gênio já não esmaga. Apenas assombra. A *Marca da Maldade* existe em vídeo. No entanto, não haverá maior prazer do que rever em tela grande, com as pompas merecidas, este filme que não precisaria ser surpreendente a cada instante para nos encantar. Mas, além de tudo, é. Welles é único.

Inácio Araujo

A Touch of Evil, EUA, 1958 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Orson Welles, a partir do romance Badge of Evil, de Whit Masterson ■ FOTOGRAFIA: Russell Metty ■ MÚSICA: Henri Mancini ■ Com Charlton Heston, Orson Welles, Janet Leigh, Marlene Dietrich, Akim Tamiroff, Joseph Calleia, Ray Collins, Dennis Weaver ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora Filmes ■ DURAÇÃO: 114 min.

EM TERRENO SELVAGEM

De brutamontes a diretor, Steven Seagal mostra que tem bom coração

Steven Seagal é um cara esperto. Muito esperto. Ele já foi agente da CIA (é sério!), é um mestre das artes marciais e, mais impressionante, é casado com a monumental Kelly Lebrock, a "Dama de Vermelho", moça capaz de parar o trânsito do rali Paris/Dakar.

Ano passado, Seagal e seu violento *A Força em Alerta* surraram na bilheteria seus colegas brutamontes Schwarzenegger (*O Último Grande Herói*), Stallone (*Risco Total* e *O Demolidor*) e Van Damme (*O Alvo*).

Mas Seagal quer mostrar que também tem coração e que debaixo daquela carapaça de frieza existe um ser humano consciente de suas responsabilidades para com o meio ambiente. Para isso arrumou uma verba de uns US$ 45 milhões, contratou Michael Caine (o que, convenhamos, não é difícil – vide *Tubarão 4*) e se mandou para o Alasca, com o próposito de filmar a história de um homem em luta contra uma poderosa companhia de petróleo.

O resultado é *Em Terreno Selvagem*, estréia de Seagal na direção. A história é banal. Forest (Seagal) trabalha para Jennings (Caine), um inescrupuloso empresário que não pensa duas vezes antes de despejar detritos tóxicos na água dos esquimós. Forest descobre que seu patrão está destruindo a mãe natureza e que não tem consideração pelos nativos. Forest fica muito zangado. Forest começa a quebrar braços, pernas e cabeças dos amiguinhos de Jennings, e decide explodir uma refinaria vinte vezes maior que o Maracanã. O patrão malvado contrata uns mercenários mais casca-grossas que a defesa do Bangu para machucar o herói.

Se Seagal fosse um pouco mais alto, sua cara-de-pau poderia ser confundida com um totem. No filme o ator é salvo pelos esquimós que o ensinam a respeitar os deuses da floresta. O chefe não leva trinta segundos para decidir que Seagal será seu sucessor. "Uga-buga, em você vi grande espírito. Você deve proteger o Deus-Urso do homem mau.", diz o índio, que em português pode ser traduzido por "Seagal, bota pra f... e detona essa cambada de vagabundos".

Apesar dos personagens caricatos e da história risível, *Em Terreno Perigoso* é um filme de ação recomendável. As cenas de luta estão entre as melhores dos últimos anos e os efeitos especiais são de primeira. A cena da explosão da refinaria vale o ingresso. Michael Caine está muito engraçado. A trilha sonora de Basil Poledouris é outro ponto alto. Num aspecto mais ecológico, as cenas mostrando as paisagens do Alasca são nota dez.

A cena final, um monólogo de dez minutos de Seagal alertando para os perigos da poluição, é surpreendentemente interessante. Agora os fãs do ator vão continuar surrando os coleguinhas de escola, mas com certeza nunca mais jogarão um papel de bala no chão. Consciência ecológica é isso aí.

André Barcinski

Warner

Seagal defende a ecologia no pólo Norte com a ajuda de Joan Chen

On Deadly Ground, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Steven Seagal ■ ROTEIRO: Ed Horowitz, Robin U. Russin ■ FOTOGRAFIA: Ric Waite ■ MÚSICA: Basil Poledouris ■ EFEITOS ESPECIAIS: Thomas Fisher ■ Com Steven Seagal, Michael Caine, Joan Chen, John C. McGinley ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 101 min.

Laserland

ACESSO LIVRE

Via SEDEX para todo Brasil

AOS MELHORES MAIS NOVOS E MAIS RAROS LASER VIDEOS DISCS IMPORTADOS DO JAPÃ E DOS E.U.A.

Av. Rebouças, 2736, Pinheiros, S. Paulo, SP
05402-500
tel (011) 282 0922 fax (011) 881 3117

R. Domingos Leme, 675, V.N.Conceição, S. Paulo, SP
04510-04
tel / fax (011) 829 723

Av. Pres. Vargas, 935, Sumaré, Ribeirão Preto, SP
14020-260
tel (016) 623 3069 fax (016) 623 3001

OS ARISTOGATAS

Animação se mantém atual por suas cores suaves e traços modernos

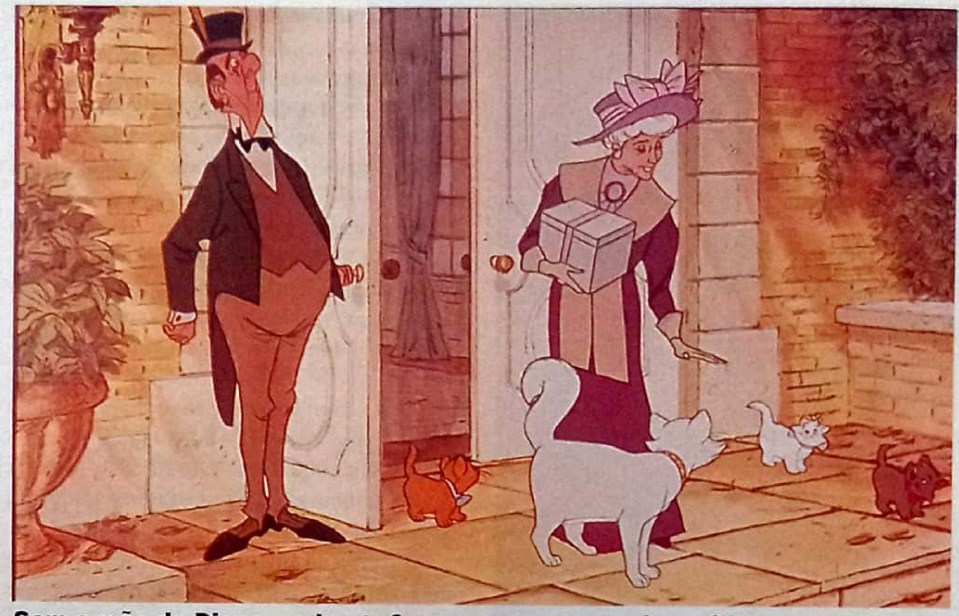
Os Aristogatas, de Wolfgang Reitherman, foi originalmente planejado como especial de TV, em técnica mista com atores ao vivo; Walt Disney preferia um desenho de longa-metragem e adiou o projeto, ocupando-se com a realização de *Mogli, o Menino-lobo* (1968). Disney morreu antes do lançamento deste filme, em 1966, e *Os Aristogatas* tornou-se o primeiro longa realizado pela Disney sem a sua coordenação.

A ação de *Os Aristogatas* transcorre na França, nos anos 30, quando a rica Madame Adelaide Bonfamille resolve alterar seu testamento, beneficiando sua gata Duqueza, mãe de três encantadores gatinhos, Toulouse, Berlioz e Marie. Contudo, depois da morte dos gatos, o mordomo Edgar deveria herdar a fortuna, razão pela qual ele se apressa em fazer os gatos desaparecerem.

O plano de Edgar, de dopar os bichanos e despachá-los para o interior, é atrapalhado pelos cães zelosos Napoleon e Lafayette, pelo esperto gato Abraham de Lacy Giuseppe Casey Thomas O'Malley, pelo nervoso ratinho Roquefort e por uma banda de jazz formada por gatos vadios, a internacional Scat Cats, composta por um Gato Chinês, um Gato Italiano, um Gato Inglês e um Gato Russo.

Os Aristogatas foi um grande sucesso, apesar das restrições de alguns críticos, que consideraram o filme apenas uma versão felina e sem brilho de *A Guerra dos Dálmatas* (1961). Contudo, o desenho permanece cheio de frescor, com suas cores suaves, seus traços modernos e sua agradável trilha sonora, que inclui momentos muito felizes: a canção-tema, interpretada pelo então octogenário Maurice Chevalier (que já estava retirado da vida artística e só aceitou o convite de gravar a canção, em Paris, como uma homenagem pessoal a Walt Disney), e o número dos Scat Cats, interpretado pelos Scatman Crothers, "Everybody Wants to Be a Cat".

O melhor personagem de *Os Aristogatas*, que não possui um vilão à altura (o mordomo Edgar é tolo e pouco cruel), acaba sendo a gata Duqueza, cuja voz original pertence à atriz Eva Gabor – segundo o diretor Reitherman, "a voz feminina mais charmosa já ouvida num desenho animado". De porte elegante e refinado, pêlo branco e sedoso, traços femininos modelados no perfil da própria Eva Gabor, Duqueza faz jus ao neologismo da Disney e mostra o que é ser uma aristogata.



Columbia Buena Vista

Sem a mão de Disney, o longa fez sucesso apesar das críticas negativas

Luiz Nazário

The Aristocats, EUA, 1966 ■ DIREÇÃO: Wolfgang Reitherman ■ ROTEIRO: Larry Clemmons, Vance Gerry, Frank Thomas, Julius Svendsen, Ken Anderson, Eric Cleworth, Ralph Wright ■ DIREÇÃO DE ANIMAÇÃO: Milt Kahl, Frank Thomas, Ollie Johnston, John Lounsberry ■ EFEITOS DE ANIMAÇÃO: Dan MacManus, Dick Lucas ■ MÚSICA: George Bruns ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Buena Vista ■ DURAÇÃO: 78 min.

DISTRAÇÃO FATAL

Paródia de *Instinto Selvagem* e *Atração Fatal* dá sono na platéia

Não tem nada pior do que piada repetida. Você conhece a situação: aquele seu amigo começa a contar a anedota, que já conhece de outros carnavais. Você tem vergonha de interromper o cara no meio e a solução é suportar o martírio e no fim dar aquele sorriso amarelo. *Distração Fatal*, filme-paródia de Carl Reiner (*Cliente Morto não Paga*), provoca reação semelhante.

As piadas e "gags visuais" não são melhores do que as que Mel Brooks fazia vinte anos atrás. O estilo já foi usado, reutilizado e finalmente esgotado pelos irmãos Zucker e por Jim Abrahams, o trio por trás de sucessos como *Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu* e *Corra que a Polícia Vem Aí*. Ninguém agüenta mais filmes-paródia, muito menos com atores que não têm muita graça. Sean Young (*Sem Saída*) e Armand Assante (*Q & A*) são bons atores, mas devem ter feito curso de humor por correspondência. As cenas parodiando filmes como *Instinto Selvagem* e *Atração Fatal* conseguem, a muito custo, arrancar esboços de sorriso que revelam mais constrangimento do que aprovação.

A. B.

Fatal Instinct, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Carl Reiner ■ ROTEIRO: David O'Malley ■ FOTOGRAFIA: Gabriel Beristai ■ MÚSICA: Richard Gibbs ■ FIGURINO: Albert Wolsky ■ Com Armand Assante, Sherilyn Fenn, Sean Young, Kate Nelligan, Christopher McDonald, James Remar, Tony Randall ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP ■ DURAÇÃO: 88 min.

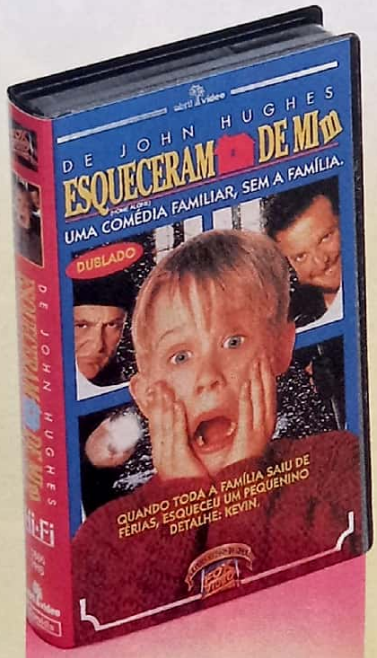
Sexo com Assante e Sean: temperatura abaixo de zero

TUDO QUE É BOM PODE DURAR MUITO.

COMPRE: NÃO DEVO

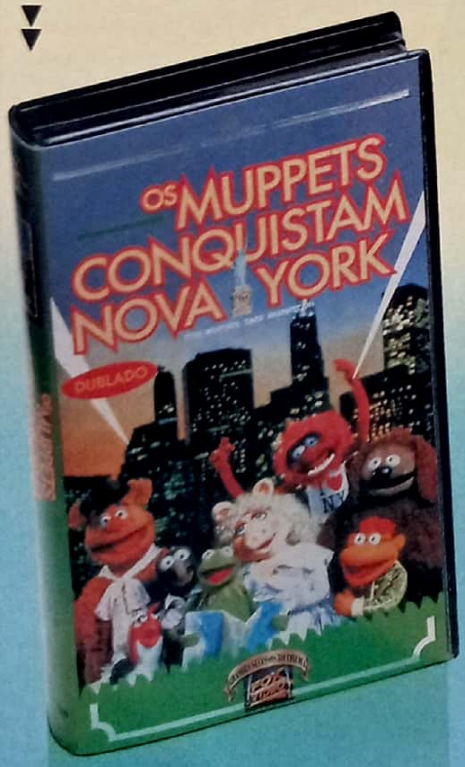
Não mande embora suas emoções.
Alguns vídeos você aluga, vê e devolve. Com outros você se envolve, se diverte, se apaixona. Você não quer se separar deles. São seus "vídeos de cabeceira", como discos e livros queridos. Agora você pode comprar esses vídeos e ficar com essas emoções para sempre.

Grandes sucessos do cinema Foxvideo.
Produções milionárias, atores fabulosos, grandes diretores.



◀◀ **Esqueceram de Mim.**
Com MACAULAY CULKIN. Um fenômeno de bilheteria nesta comédia para toda a família se divertir sempre que quiser. **Dublado ou legendado.**

Os Muppets Conquistam Nova York.
Miss Piggy, Caco, o Sapo e os adoráveis bonecos de JIM HENSON que conquistaram crianças e adultos. **Dublado.**
▼▼



▶▶ **A Noviça Rebelde.**
Com JULIE ANDREWS. Vencedor de 5 Oscars®. Um dos maiores clássicos do cinema que agora você pode ter para sempre na sua casa.

LVA SUAS EMOÇÕES.

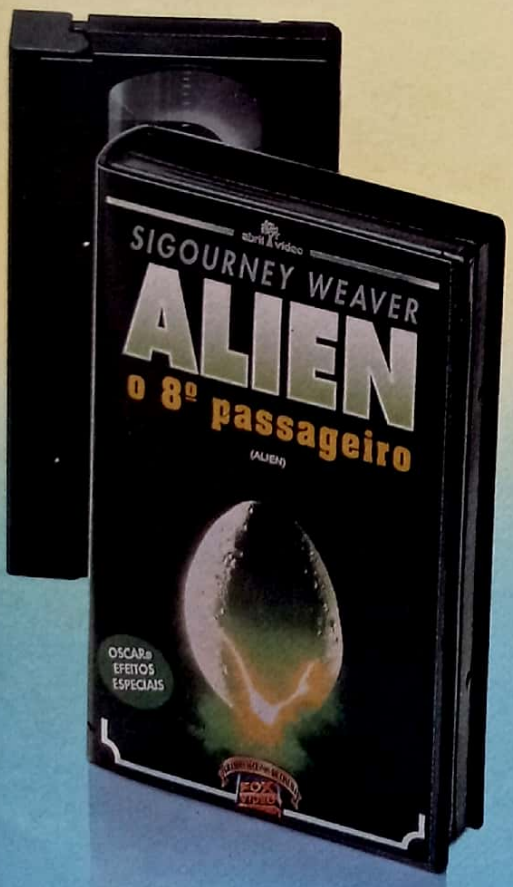
A FOX produziu alguns dos melhores filmes da história do cinema. Eles vão fazer sucesso na sua casa, sempre que você quiser se emocionar.

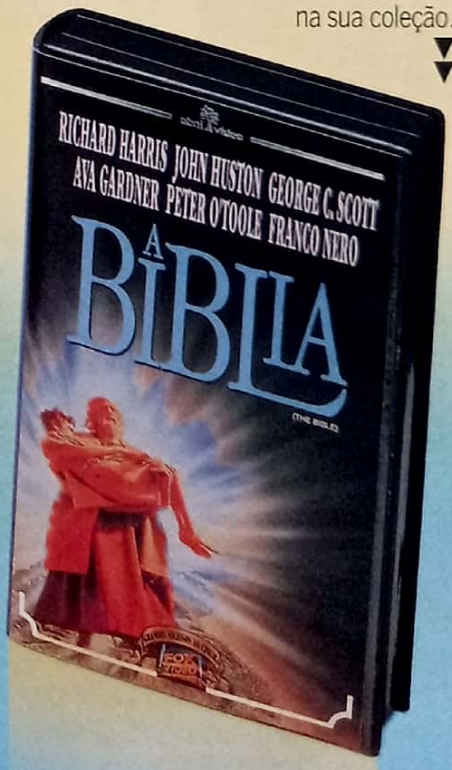
Forme sua coleção de vídeos, não custa muito.

Se você está habituado a alugar, você vai se habituar a formar sua coleção de vídeos. Custa muito menos do que você imagina. Comece com estes grandes sucessos do cinema Foxvideo. Tudo que é bom pode durar muito.

▶▶ **Guerra nas Estrelas.** Com HARRISON FORD, direção de GEORGE LUCAS. Um marco dos filmes de ação e aventura com fantásticos efeitos especiais. Vencedor de 7 Oscars®.

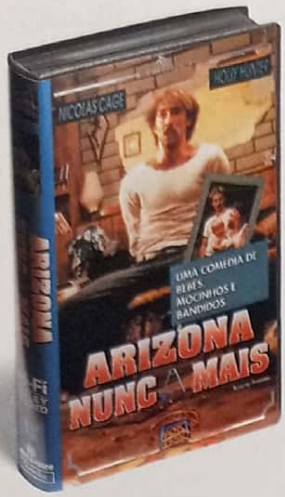
A Bíblia. RICHARD HARRIS, GEORGE C. SCOTT, AVA GARDNER, PETER O'TOOLE e FRANCO NERO nesta superprodução dirigida por JOHN HUSTON. Indispensável na sua coleção. ▼▼



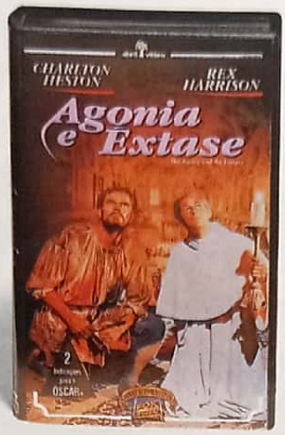


◀◀ **Alien, O 8º Passageiro.** Com SIGOURNEY WEAVER, direção de RIDLEY SCOTT. Premiado com o Oscar® de efeitos especiais, um clássico dos filmes de terror e suspense.

ESTES SUCESSOS VOCÊ TAMBÉM PODE COMPRAR.



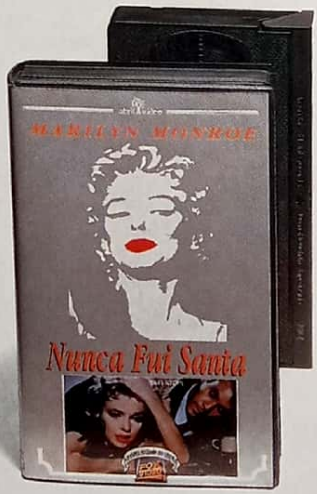
Arizona Nunca Mais.
Com NICOLAS CAGE e HOLLY HUNTER. Uma comédia de bebês, mocinhos e bandidos para você se divertir quando quiser.



Imensidão Azul.
Com ROSANNA ARQUETTE. Dirigido por LUC BESSON. Tenha em casa este filme belo e envolvente sobre o amor de um homem pelos mistérios do mar.

Agonia e Êxtase.
Com CHARLTON HESTON e REX HARRISON. A vida de Michelângelo e sua obra mais famosa: a pintura da Capela Sistina.

All That Jazz, O Show Deve Continuar.
Com ROY SCHEIDER e JESSICA LANGE. A obra-prima do diretor BOB FOSSE. O mundo da música e do showbusiness na sua casa. Vencedor de 4 Oscars®.



O Planeta dos Macacos.
Com CHARLTON HESTON. Uma crítica empolgante e atual sobre a evolução e a civilização humana.

Nunca Fui Santa.
Com MARILYN MONROE. Romance, humor e o magnetismo de MARILYN MONROE neste clássico que não pode faltar na sua coleção.

abril video

OS GRANDES SUCESSOS DO CINEMA FOXVIDEO VOCÊ ENCONTRA NESTAS LOJAS:

REDES NACIONAIS: LOJAS AMERICANAS - MAPPIN - MAKRO ATACADISTA. **SÃO PAULO:** PAPER PRESENTES - PAES MENDONÇA - G. ARONSON - PLAZA ELDORADO - STUDIO 13 DISCOS E FITAS (CENTER NORTE) - C.D.V. MUSIC (SHOPPING PAULISTA E WEST PLAZA) BAZAR PINHEIRINHO - EXTRA ANHANGÜERA - ELDORADO (SÃO BERNARDO DO CAMPO) - BRENNO ROSSI - PÃO DE AÇÚCAR (TEODORO SAMPAIO). **SÃO JOSÉ DOS CAMPOS:** CARREFOUR. **LOCADORAS SÃO PAULO:** PREMIERE - VÍDEO IN - 2001 - CHAPTEL'S VÍDEO - TRIPÉ VÍDEO. **ATIBAIA:** LOCADORA VÍDEO TRIP. **RIO DE JANEIRO:** GABRIELLA DISCOS - TONI FOTO SOM. **E TAMBÉM NAS MELHORES LOJAS DE TODO O BRASIL:** MAGAZINES - LOCADORAS - HIPERMERCADOS - LOJAS DE BRINQUEDOS - LOJAS DE CINE-FOTO E DISCOS.

MUNDO PROIBIDO

Ralph Bakshi massacra o espectador com excesso cinematográfico

A idéia parece tão interessante quanto em *Roger Rabbit*: desenhos animados convivendo com atores de verdade, mas desta vez numa história com aquela perversidade adulta típica de Ralph Bakshi (realizador dos ótimos *O Gato Fritz* e *American Pop*). Como bônus, a presença de Kim Basinger, Brad Pitt e Gabriel Byrne no elenco. Mas tudo que *Mundo Proibido* consegue é massacrar o espectador com um excesso de animações, cenários, referências gráficas e música, em clima de tudo-ao-mesmo-tempo-agora.

O mundo proibido do título refere-se a um "universo paralelo" de desenhos animados (chamados "doodles", ou rabiscos) que é capturado em papel por um quadrinista (Byrne). A mais charmosa habitante do lugar é Holli Would, uma "sex machine" que almeja tornar-se um ser humano de verdade. Para tanto, precisa transar com um mortal – o que, sabe-se lá por quê, pode trazer a destruição dos dois mundos. Holli, porém, não quer saber desses detalhes. Em vez de seguir o exemplo do policial Brad Pitt (sugado para o mundo proibido nos anos 40) e de sua namorada "doodle", que não passam dos beijinhos, Holli trata de atrair para seu universo o quadrinista Byrne e seduzi-lo.

Como Bakshi parece querer comprimir em um só filme 100 anos de influências e referências, não sobra muito tempo para delinear os personagens, ou mesmo para reparar nos belíssimos cenários e dezenas de animações que cruzam a tela. Kim Basinger – a versão humana de Holli – só aparece na metade final, e também não tem muito o que fazer por ali. A impressão geral de *Mundo Proibido* é a de uma viagem de ácido – até porque só se diverte quem faz parte dela.

I. B.

Cool World, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: Ralph Bakshi ■ ROTEIRO: Michael Grais e Mark Victor ■ PRODUÇÃO: Frank Mancuso Jr. ■ FOTOGRAFIA: John A. Alonzo ■ MÚSICA: Mark Isham ■ Com Kim Basinger, Brad Pitt, Gabriel Byrne ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora ■ DURAÇÃO: 102 min.

Pandora

Disposta a se humanizar, Holli Would dá um chega mais em Gabriel Byrne

RioFilme

Sonjia e Ilya na tragédia realizada por Nelson

A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Mentor do Cinema Novo derrapa ao adaptar Guimarães Rosa

Nelson Pereira dos Santos não tem meias-medidas: ou acerta e faz grandes filmes (*Vidas Secas*, *Mémorias do Cárcere*) ou erra e faz filmes péssimos. *A Terceira Margem do Rio* é a prova. O pior é ver a crítica fazer malabarismos de análise e interpretação para salvar a cara do diretor. Afinal, Nelson é uma instituição do cinema brasileiro. Apontou a trilha pela qual seguiu o Cinema Novo. Como admitir que um homem desses possa decepcionar com tanta intensidade?

Talvez seja a falta de prática: oito anos sem filmar é muito tempo. Mas há coisas que independem da prática. O que falta é uma reflexão madura de Nelson sobre seu trabalho. Há anos ele sonhava com a adaptação do conto de Guimarães Rosa, publicado em *Primeiras Histórias*. Há um mistério no velho que deixa a família, entra numa canoa e desaparece na margem do rio. Poderia ser uma metáfora perfeita para o país. Há quanto tempo o Brasil vê a esperança se esfumaçar na margem do rio?

Mas Nelson teve a má idéia de somar outros contos ao seu roteiro. Contou a história da menina milagreira, dos irmãos delinqüentes, quis falar sobre o papel da TV no Brasil atual. Fez uma miscelânea. E filma mal, sem nenhum cuidado com a imagem, a direção de atores, a finalização. Nelson tem quarenta anos de carreira e ainda não domina seus instrumentos. *A Terceira Margem do Rio* espelha a tragédia do cinema brasileiro. E não deve contribuir para levar o público de volta aos cinemas.

Luiz Carlos Merten

A Terceira Margem do Rio, Brasil, 1993 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Nelson Pereira dos Santos, a partir dos contos "A Terceira Margem do Rio", "A Menina de Lá", "Os Irmãos Dagobé", "Fatalidade" e "Seqüência", de João Guimarães Rosa ■ FOTOGRAFIA: Gilberto Azevedo e Fernando Duarte ■ MONTAGEM: Carlos Alberto Camuirano e Luelane Correa ■ MÚSICA: Milton Nascimento ■ Com Ilya São Paulo, Sonjia Saurin, Maria Ribeiro, Barbara Brandt, Mariane Vicentini ■ DISTRIBUIÇÃO : RioFilme ■ DURAÇÃO: 98 min.

Pandora

Maitê e Brandão em *Beijo 2348/72*

BEIJO 2348/72

Mais um exemplar do cinema brasileiro que ficou engavetado por anos sem conseguir ser exibido nas salas de cinema. Walter Rogério o exibiu apenas nos festivais de Gramado e Brasília em 1991. E é o último filme do ator Chiquinho Brandão. Rogério se inspirou num processo trabalhista para realizar esta comédia sobre um casal de operários demitidos por se beijarem no ambiente de trabalho. Maitê é a moça que, casada, conforma-se com o acontecido; Brandão, o rapaz apaixonado que pede à Justiça do Trabalho o pagamento dos ônus da dispensa. E assim rola a história, engraçada, bem-feita e com ótimas atuações de todo o elenco. *D.P.*

(Brasil, 1991) Direção: Walter Rogério. Com Chiquinho Brandão, Maitê Proença, Fernanda Torres, Antônio Fagundes. Pandora.

O DOSSIÊ PELICANO

Julia Roberts volta às telas neste thriller político de Alan Pakula, baseado no best-seller de John Grisham. Roberts é uma estudante de Direito que descobre os motivos que levaram ao assassinato de dois juízes da Suprema Corte. A descoberta envolve o mais alto escalão do governo e põe em risco a vida de Julia e a de um jornalista (Washington), seu aliado no desmascaramento público dos mandantes das mortes. *J.E.R.*

(The Pelican Brief, EUA, 1993) Direção: Alan Pakula. Com Julia Roberts, Denzel Washington, Sam Shepard. Warner.

FILADÉLFIA

Primeiro longa comercial americano a tratar do problema da Aids. O filme de Demme conta a história de Andrew Beckett (Tom Hanks), um advogado que é despedido de sua firma depois que seu patrão (Jason Robards) descobre que ele tem Aids. Beckett resolve processar sua ex-firma e a única ajuda que consegue é a de um advogado homofóbico (Denzel Washington). *A.B.*

(Philadelphia, EUA, 1993) Direção: Jonathan Demme. Com Tom Hanks, Denzel Washington, Jason Robards, Mary Steenburgen, Antonio Banderas. Columbia TriStar.

A LISTA DE SCHINDLER

Steven Spielberg destrincha em detalhes e com um realismo por vezes brutal e atordoante os mecanismos que puseram em marcha e desenvolveram o Holocausto. Usou como base o livro de Thomas Keneally sobre Oskar Schindler, empresário alemão oportunista que salvou a vida de 1.100 judeus ao empregá-los em sua fábrica de utensílios de cozinha. *A Lista de Schindler* é um filme ora elegante, ora estiloso, ora documentariesco, mas sempre personalíssimo e arrojado, que põe Spielberg entre os grandes diretores de seu tempo. *J.E.R.*

(Schindler's List, EUA, 1993) Direção: Steven Spielberg. Com Liam Neeson, Ralph Fiennes, Ben Kingsley. UIP.

EM NOME DO PAI

A reunião do diretor Jim Sheridan com o ator Daniel Day-Lewis em *Em Nome do Pai* resulta num filme impactante como poucos. A história é baseada num caso real acontecido em 1974, quando o jovem irlandês Gerry Conlon (Day-Lewis) foi preso, julgado e condenado pelo bombardeio a dois pubs londrinos freqüentados por soldados ingleses. Passou quinze anos na prisão junto a seu pai Giuseppe (Pete Postlethwaite) e um grupo de parentes e amigos, até uma advogada (Emma Thompson) comprovar que nem ele nem os outros condenados tinham culpa no atentado – na verdade, obra do IRA. *J.E.R.*

(In the Name of the Father, Irlanda/Inglaterra/EUA, 1993) Direção: Jim sheridan. Com Daniel Day-Lewis, Pete Postlethwaite, Emma Thompson, John Lynch. UIP.

SHORT CUTS – CENAS DA VIDA

Só mesmo Robert Altman para tornar interessante a vida tediosa de 22 personagens; só mesmo sua sensibilidade para relatar pequenos casos do dia-a-dia com a grandeza e a dramaticidade das tragédias gregas. O filme junta várias histórias e os personagens de uma às vezes se encontram com os de outra. O elenco é imbatível, embora não haja nenhuma grande estrela – à exceção de Jack Lemmon. O roteiro é uma obra-prima disfarçada de confusão, mas não há um segundo desperdiçado, um momento supérfluo ou um diálogo que não seja interessante nas três horas de filme. Obrigatório. *A.B.*

(Short Cuts, EUA, 1993) Direção: Robert Altman. Com Andie MacDowell, Bruce Davidson, Jack Lemmon, Jennifer Jason Leigh, Chris Penn, Madeleine Stowe, Tim Robbins, Annie Ross, Lori Singer, Matthew Modine, Julianne Moore, Lili Taylor, Robert Downey Jr., Lyle Lovett, Fred Ward, Buck Henry, Huey Lewis, Lily Tomlin, Tom Waits, Frances McDorman, Peter Gallagher. PlayArte.

SEM MEDO DE VIVER

Peter Weir perdeu o senso de direção e caiu no vazio ao tentar realizar um drama psicológico. A desculpa para discutir temas espirituais, como a mortalidade, a partir do trauma das pessoas que sobreviveram a um acidente de avião, tortura o espectador com o *overacting* de Jeff Bridges e Rosie Perez. Com um elenco afetado e um roteiro que não chega a lugar algum, a única coisa boa do filme é Isabella Rosselini como a esposa de Bridges, linda, chique e classuda. *D.P.*

(Fearless, EUA, 1993) Direção: Peter Weir. Com Jeff Bridges, Isabella Rosselini, Rosie Perez. Warner.

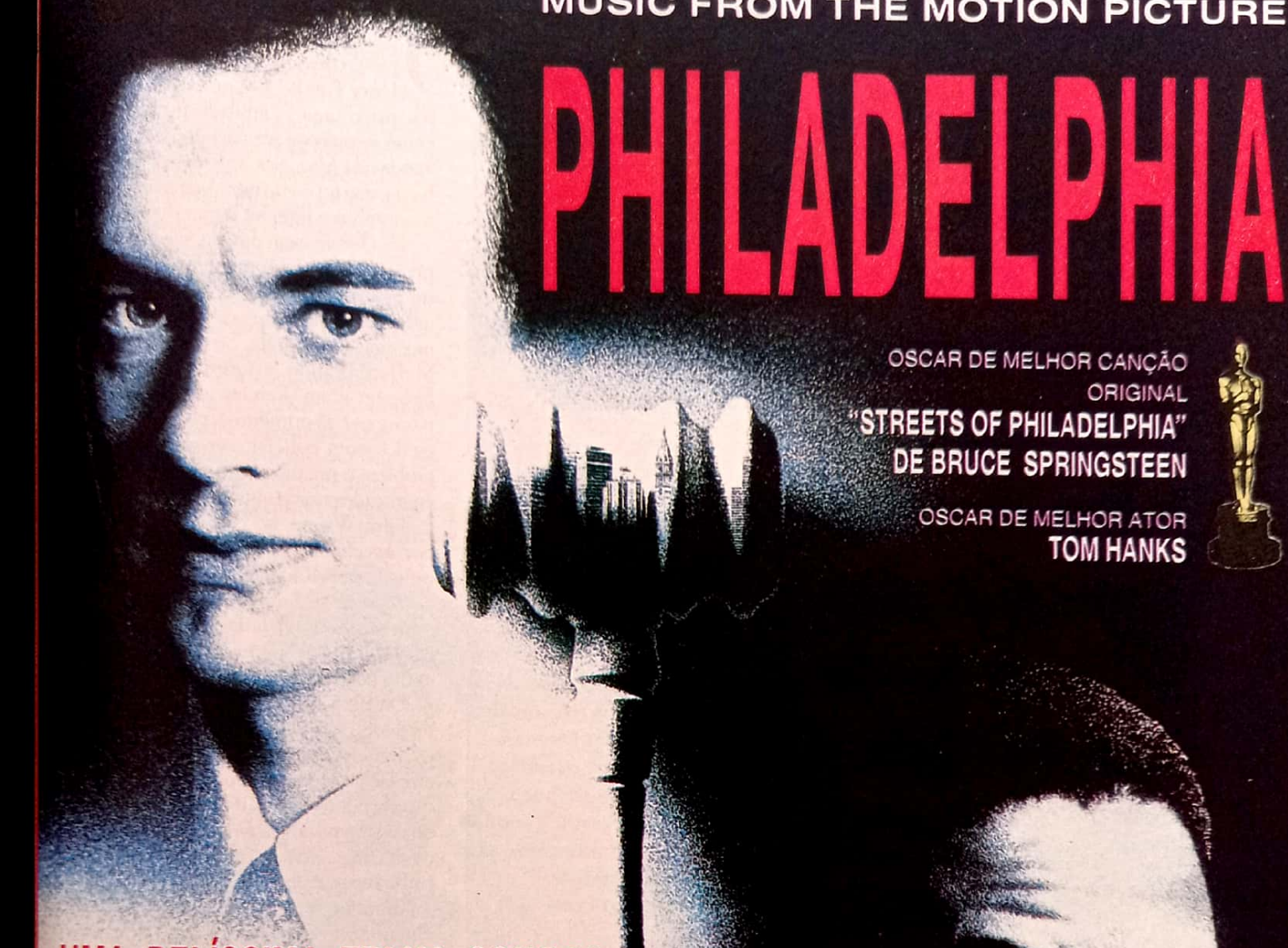
BOLSA DE CINEMA

A obra de Luchino Visconti não perdeu a atualidade e divide a preferência com uma produção americana e outra brasileira

	Inácio Araújo (Folha de S. Paulo)	Neusa Barbosa (Veja São Paulo)	Luiz Zanin Oricchio (O Estado de S. Paulo)	Luciano Trigo (O Globo)	Hugo Sukman (Jornal do Brasil)	Rubens Ewald Filho (Jornal da tarde)	Cristiane Couto (RTI)	Cleber Eduardo (Diário Popular)	Antonio Querino Neto (Isto É)	SET	Média
O Leopardo **(Pandora)**	8	10	10	9	8	10	10	10	—	—	9.3
Em Nome do Pai **(UIP)**	—	10	9	8	—	9	10	8	8	—	8.8
Alma Corsária **(Filmes do Estação)**	10	—	8	—	—	—	10	8	—	8	8.8
A Lista de Schindler **(UIP)**	6	10	—	8	9	10	9	8	—	8	8.5
Vestígios do Dia **(Columbia TriStar)**	—	10	7	8	5	10	10	8	7	7	8.0
Filadélfia **(Columbia TriStar)**	7	7	6	7	6	7	8	8	7	7	7.0
Wittgenstein **(Filmes do Estação)**	—	7	6	8	6	7	—	8	8	6	7.0
Entre o Céu e a Terra **(Warner)**	5	4	5	—	5	5	—	7	7	6	5.5
A Terceira Margem do Rio **(Riofilme)**	4	6	5	6	6	4	—	6	6	5	5.3
Uma Mulher Perigosa **(Look)**	2	8	—	5	3	6	8	6	5	5	5.3

MUSIC FROM THE MOTION PICTURE

PHILADELPHIA



OSCAR DE MELHOR CANÇÃO ORIGINAL
"STREETS OF PHILADELPHIA"
DE BRUCE SPRINGSTEEN

OSCAR DE MELHOR ATOR
TOM HANKS

UMA BELÍSSIMA TRLHA SONORA PARA UM FILME EMOCIONANTE:

BRUCE SPRINGSTEEN • NEIL YOUNG • SADE • SPIN DOCTOR • PETER GABRIEL • INDIGO GIRLS • RAM HOWARD SHORE • PAULETTA WASHINGTON • MARIA CALLAS

TRILHA SONORA ORIGINAL DO FILME FILADELFIA

CD • K7 • LP Sony Music

JOHN WAYNE

Republic

O HOMEM QUE NASCEU COM O FAROESTE

Desde que viveu o Ringo Kid de *No Tempo das Diligências*, John Wayne se firmou como o maior caubói do cinema americano e a personificação máxima do indestrutível homem comum

James Stewart? Sim, era notável. O único caubói capaz de usar a cabeça mais rápido do que puxava o gatilho.

Henry Fonda? Por que não? Havia em seu físico uma fragilidade intrínseca. Era como se pudesse ser varrido pelo primeiro vendaval. Mas, por trás dessa aparência, havia uma fortaleza moral capaz de remover montanhas e liquidar o pior dos vilões.

Eles foram, sem dúvida, caubóis memoráveis, eventualmente insubstituíveis. Mas, no panteão do faroeste, John Wayne fica um degrau acima. Eu explico por quê. Podemos imaginar Fonda, Stewart, assim como Marlon Brando e Gregory Peck sem o faroeste: eram grandes atores (principalmente os três primeiros), podiam ser perseguidos num policial, ver-se corroídos por problemas psicológicos em um drama, ficar engraçados numa comédia, se necessário.

John Wayne, ao contrário, é o caubói por excelência. Desde que John Ford o indicou para Raoul Walsh, e ele estreou de verdade em *A Grande Jornada*, parece que estar longe das pradarias e desertos, sem um cavalo nas imediações, era uma espécie de exílio para ele.

De 1925 até 1930, esse ator nascido em maio de 1907 havia feito papéis secundários. E não é com *A Grande Jornada* que iria emplacar. Estranho, porque embora prejudicado por ter sido feito num momento em que o cinema falado ainda tateava em busca de sua linguagem, é um belo filme e Wayne tinha o papel principal.

Estranho, mas a calhar. Depois de errar durante oito anos nos estúdios de Poverty Row, às voltas com filmes de pequeno orçamento, John Ford é que deveria chamá-lo outra vez. Agora, para fazer nada menos do que o Ringo Kid de *No Tempo das Diligências*.

A United Artists queria um ator famoso para o papel. Mas Ford, que não era sopa, bateu o pé e exigiu o desconhecido. Não deu outra: o filme que inaugura o faroeste moderno e fixa toda a linhagem de heróis-homens comuns que conhecemos foi também a virada decisiva na carreira de Wayne.

Não existe herói de faroeste que tenha encarnado melhor a idéia de homem comum/incomum do que John Wayne. Ao contrário de Ford e Stewart, tinha um porte físico que levava qualquer espectador a considerá-lo indestrutível. Parecia incapaz de um raciocínio abstrato. Só pensava o momento, o instante.

Vivia aqui e agora, mesmo quando na pele do solitário Ethan Edwards, que tem sua família dizimada pelos índios em *Rastros de Ódio*: sabia recolher o sofrimento, vestir a carapaça do obsessivo e carregar por anos a fio uma só idéia (reencontrar sua única parente viva). Não lhe passava pela cabeça

– neste ou em outros filmes – o que sua ação podia significar para a comunidade, para os brancos, para o mundo. Era a encarnação perfeita do individualismo. Talvez por isso John Ford o tenha procurado dezesseis vezes, e talvez por isso fosse o ator preferido dos faroestes de Howard Hawks.Hawks era um individualista como o ator; Ford era o homem que construía filme após filme o mito da América. E esse mito repousava inteiro sobre o individualismo.

Se falo tanto do faroeste é porque esse gênero é a quintessência do cinema americano. Se Hollywood não tivesse produzido um só drama de valor, se o filme de gângster não tivesse existido, se a comédia não tivesse produzido Chaplin, Buster Keaton, os Irmãos Marx – ainda assim a aventura do cinema americano continuaria de pé, enquanto pudéssemos ver um caubói atravessando o deserto montado em seu cavalo. Existe nesse gênero história e poesia, heroísmo e vilania, grandeza e simplicidade. Nenhuma expressão artística do século 20 aproxima-se mais intensamente da tragédia do que o faroeste.

Universal

Mas John Wayne (ou Marion Michael Morrison, seu verdadeiro nome) podia fazer outras coisas igualmente bem. Como esquecer o irlandês brigão, às turras com Victor McLaglen, de *Depois do Vendaval*, ou o líder do grupo de caçadores em *Hatari!*? Ou mesmo os inúmeros guerreiros que encarnou nos anos 40 e 50 (tempo de guerra fria ou quente, a calhar para a imagem de solidez que passava para a tela)? Não deixa de haver alguma ironia nessa história: na hora da guerra, o herói por excelência não foi convocado pelo Exército.

Photo fest

John Wayne antes de conhecer o sucesso, em 1938 (à esquerda) e um ano depois (acima), no clássico *No Tempo das Diligências*. À direita, o maior caubói das pradarias em seu último filme, *O Último Pistoleiro*

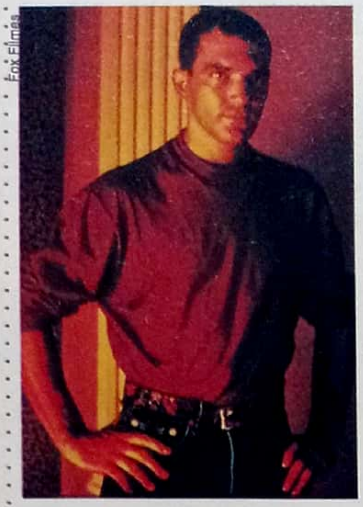
Melhor para a América: foi no fronte simbólico de Hollywood que John Wayne acabou simbolizando melhor do que ninguém a idéia de uma fortaleza tanto física quanto moral, que se expressava na ação e no combate. De todo modo, sua vocação para o heroísmo viria a se manifestar na vida pessoal em 1964, quando descobriu que tinha câncer. Extirpou um dos pulmões, em duas operações feitas no espaço de seis dias. Deixou de fumar seus cinco maços de cigarros diários. Seis meses depois já estava no fronte, isto é, no set.

É verdade que suas aventuras nos domínios da direção não foram tão bem-sucedidas. *O Álamo* (1960) foi um rotundo fracasso. Wayne não entregou os pontos. Voltou à carga em 1968, com *Os Boinas Verdes*, esforçada tentativa de mostrar o Vietnã como um conflito heróico, à maneira da Segunda Guerra. Ninguém acreditou.

Nessa altura, John parecia ter perdido a sintonia: o mundo mudava, tornava-se um lugar hostil para o velho pistoleiro. Mesmo o Oscar de melhor ator por *Bravura Indômita* não podia esconder essa realidade. O faroeste – aquela realidade que vivera e da qual foi uma parte essencial – agonizava. Wayne é que, com um só pulmão, sobrevivia. Talvez por isso tenha sido ele o herói do último grande western clássico, *O Último Pistoleiro*, de Don Siegel (1976), em que não por acaso seu personagem sofria de câncer.

Três anos depois, em 1979, John Wayne morria: o câncer voltou a atacar, desta vez sem perdão. Pode-se ficar triste, até. Mas não há motivo para choramingas. Afinal, a última batalha todo mundo perde mesmo.

Inácio Araujo



Fox Filmes

ANTONIO BANDERAS

Ator, nascido José Antonio Domínguez Banderas a 10 de agosto de 1960 em Málaga, Espanha.

1982: LABIRINTO DE PAIXÕES (*Laberinto de Pasiones*, de Pedro Almodóvar); PESTAÑAS POSTIZAS (de Enrique Belloch) ■ 1983: Y DEL SEGURO, LÍBRANOS SEÑOR (de Antonio del Real); EL SEÑOR GALÍNDEZ (de Rodolfo Kuhn); EL CASO ALMERÍA (de Pedro Costa) ■ 1984: LOS ZANCOS (de Carlos Saura) ■ 1985: RÉQUIEM POR UN CAMPESINO ESPAÑOL (de Francesc Betriu); LA CORTE DE FARAÓN (de José Luis García Sánchez); CASO CERRADO (de Juan Caño) ■ 1986: 27 HORAS (episódio "Delirios de Amor", de Félix Rotaeta); PUZZLE (de Luis José Camerón); MATADOR* (de Pedro Almodóvar); ASÍ COMO HABÍAN SIDO (de Andrés Linares) ■ 1987: A LEI DO DESEJO (*La Ley del Deseo*, de Pedro Almodóvar); EL ACTO (de Héctor Faver); EL PLACER DE MATAR (de Félix Rotaeta) ■ 1988: MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS* (*Mujeres al Borde de un Ataque de Nervios*, de Pedro Almodóvar); BATON ROUGE (de Rafael Moleón); BAJARSE AL MORO (de Fernando Colomo) ■ 1989: SI TE DICEN QUE CAÍ (de Vicente Aranda); LA BLANCA PALOMA (de Juan Miñón); ATA-ME!* (*Atame!*, de Pedro Almodóvar) ■ 1990: CONTRA EL VIENTO (de Francisco Periñán) ■ 1991: NA CAMA COM MADONNA* (*Truth or Dare*, de Alek Keshishian); OS REIS DO MAMBO* (*The Mambo Kings*, de Arnold Glimcher) ■ 1992: UNA MUJER BAJO LA LLUVIA (de Gerardo Vera); TERRA-NOVA (de Calógero Salvo) ■ 1993: FILADÉLFIA (*Philadelphia*, de Jonathan Demme); A CASA DOS ESPÍRITOS (*The House of the Spirits*, de Bille August); DISPARA (de Carlos Saura) ■ 1994: MIAMI (de David Frankel); OF LOVE AND SHADOWS (de Betty Kaplan, em produção); ENTREVISTA COM O VAMPIRO (*Interview with the Vampire*, de Neil Jordan, em produção)

**disponível em vídeo*

JOHN WAYNE

Ator, também produtor e diretor, nascido Marion Michael Morrison a 26 de maio de 1907 em Winterset, Iowa, e falecido em 1979.

1928: MINHA MÃE (*Mother Machree*, de John Ford); HANGMAN'S HOUSE (de John Ford) ■ 1929: EM CONTINÊNCIA (*Salute*, de John Ford); LETRA E MÚSICA (*Words and Music*, de James Tinling) ■ 1930: HOMENS SEM MULHERES (*Men Without Women*, de John Ford); ROMANCE NAS SELVAS (*Rough Romance*, de A. F. Erickson); CHEER UP AND SMILE (de Sidney Lanfield); A GRANDE JORNADA (*The Big Trail*, de Raoul Walsh) ■ 1931: GIRLS DEMAND EXCITEMENT (de Seymour Felix); THREE GIRLS LOST (de Sidney Lanfield); ASSIM SÃO OS HOMENS (*Men Are Like That* ou *Arizona*, de George B. Seitz); ESTÂNCIA EM GUERRA (*Range Feud*, de D. Ross Lederman); MARKER OF MEN (de Edward Sedgwick); ■ 1932: OURO MAL-ASSOMBRADO (*Haunted Gold*, de Leon Schlesinger); A ÁGUIA DE PRATA (*Shadow of the Eagle*, de Ford Beebe, seriado em 12 episódios); O TREM CICLÔNICO/O EXPRESSO DA AVENTURA* (*Hurricane Express*, de Armand Schaefer e J. P. McGowan, seriado em 12 episódios); O CAVALEIRO DO TEXAS (*Texas Cyclone*, de D. Ross Lederman); HOMEM DE PESO (*Lady and Gent*, de Stephen Roberts); A LEI DA CORAGEM (*Two-Fisted Law*, de D. Ross Lederman); PENA DE TALIÃO (*Ride Him, Cowboy*, de Fred Allen); A GRANDE ESTRADA (*The Big Stampede*, de Tenny Wright) ■ 1933: NA TRILHA DO TELÉGRAFO (*The Telegraph Trail*, de Tenny Wright); ATRAÇÃO DOS ARES (*Central Airport*, de William Wellman); HIS PRIVATE SECRETARY (de Philip A. Whitman); NA TERRA DE NINGUÉM (*Somewhere in Sonora*, de Mack V. Wright); VIVER NA MORTE/A VIDA DE JIMMY DOLAN (*The Life of Jimmy Dolan*, de Archie L. Mayo); OS TRÊS MOSQUETEIROS (*The Three Musketeers*, de Armand Schaefer e Colbert Clark, seriado em 12 episódios); SERPENTES DE LUXO (*Baby Face*, de Alfred E. Green); COLLEGE COACH (de William Wellman); O VALE DA AVENTURA (*The Man From Monterey*, de Mack V. Wright); NA PISTA DO TRAIDOR (*Riders of Destiny*, de Robert N. Bradbury); JUSTIÇA SELVAGEM (*Sagebrush Trail*, de Armand Schaefer) ■ 1934: ARMANDO O LAÇO (*West of the Divide*, de Robert N. Bradbury); SORTE DE VERDADE (*Lucky Texan*, de Robert N. Bradbury); A LEI DO GATILHO/CORAÇÃO DE AÇO* (*Blue Steel*, de Robert N. Bradbury); O TORNEIO DA MORTE (*The Man From Utah*, de Robert N. Bradbury); A FERRO E FOGO (*Randy Rides Alone*, de Harry Fraser); SOMBRA DE SANGUE (*The Star Packer*, de Robert N. Bradbury); THE TRAIL BEYOND (de Robert N. Bradbury); SOB O CÉU DO ARIZONA ('*Neath Arizona Skies*, de Harry Fraser) ■ 1935: FRONTEIRAS SEM LEI (*Lawless Frontier*, de Robert N. Bradbury); TEXAS TERROR (de Robert N. Bradbury); RAINBOW VALLEY (de Robert N. Bradbury); O VALE DO PARAÍSO (*Paradise Canyon*, de Carl Pierson); THE DAWN RIDER (de Robert N. Bradbury); DA DERROTA À VITÓRIA (*Westward Ho*, de Robert N. Bradbury); O CAMINHO DO DESERTO (*Desert Trail*, de Collin Lewis); TERRAS VIRGENS (*New Frontier*, de Carl Pierson); PAÍS SEM LEI (*Lawless Range*, de Robert N. Bradbury) ■ 1936: ORDEM À BALA (*The Lawless Nineties*, de Joseph Kane); O REI DO RIO PECOS (*King of the Pecos*, de Joseph Kane); O REGIME SINISTRO (*The Oregon Trail*, de Scott Pembroke); TENACIDADE (*Winds of the Wasteland*, de Mack V. Wright); SENTINELAS DO MAR (*The Sea Spoilers*, de Frank Strayer); LIMPANDO A ZONA (*The Lonely Trail*, de Joseph Kane); CONFLITO (*Conflict*, de David Howard) ■ 1937: PEQUENO INFERNO (*California Straight Ahead*, de Arthur Lubin); EM PLENA BATALHA (*I Cover the War*, de Arthur Lubin); ÍDOLO DA TORCIDA (*Idol of the Crowds*, de Arthur Lubin); AVENTURAS MARÍTIMAS (*Adventure's End*, de Arthur Lubin) ■ 1938: TRUNFOS NA MESA (*Born to the West* ou *Hell Town*, de Charles Barton); TRAIÇÕES NO DESERTO (*Pals of the Saddle*, de George Sherman); BANDIDOS ENCOBERTOS (*Overland Stage Raiders*, de George Sherman); FORÇAS E FACAS (*Santa Fe Stampede*, de George Sherman); RONDA DE

Stills

SANGUE (*Red River Range*, de George Sherman) ■ 1939: NO TEMPO DAS DILIGÊNCIAS (*Stagecoach*, de John Ford); OS TRÊS CAMARADAS (*The Night Riders*, de George Sherman); TRÊS CAVALEIROS DO TEXAS (*Three Texas Steers*, de George Sherman); BANDOLEIRO INOCENTE (*Wyoming Outlaw*, de George Sherman); A NOVA FRONTEIRA (*New Frontier*, de George Sherman); O PRIMEIRO REBELDE (*Allegheny Uprising*, de William Seiter) ■ 1940: COMANDO NEGRO* (*Dark Command*, de Raoul Walsh); FUGITIVOS DO TERROR* (*Three Faces West*, de Bernard Vorhaus); A LONGA VIAGEM DE VOLTA (*The Long Voyage Home*, de John Ford); A PECADORA (*Seven Sinners*, de Tay Garnett) ■ 1941: O HOMEM TRAÍDO/O TRAÍDO* (*Wheel of Fortune* ou *A Man Betrayed*, de John H. Auer); O CARNAVAL DA VIDA/A DAMA DE LOUISIANA* (*Lady From Louisiana*, de Bernard Vorhaus); O MORRO DOS MAUS ESPÍRITOS (*The Shepherd of the Hills*, de Henry Hathaway); DAMA POR UMA NOITE* (*Lady For a Night*, de Leigh Jason) ■ 1942: VENDAVAL DE PAIXÕES (*Reap the Wild Wind*, de Cecil B. DeMille); A INDOMÁVEL (*The Spoilers*, de Ray Enright); NA VELHA CALIFÓRNIA/O CAMINHO FATAL* (*In Old California*, de William McGann); OS TIGRES VOADORES/A ESQUADRILHA MORTAL* (*The Flying Tigers*, de David Miller); UMA AVENTURA EM PARIS (*Reunion in France*, de Jules Dassin); ÓDIO E PAIXÃO (*Pittsburgh*, de Lewis Seiler) ■ 1943: ARRISCA-TE MULHER/RODEIO DE PAIXÕES (*A Lady Takes a Chance* ou *The Cowboy and the Girl*, de William A. Seiter); GUERRA DOS PIONEIROS/QUANDO A MULHER SE ATREVE* (*War of the Wildcats* ou *In Old Oklahoma*, de Albert S. Rogell) ■ 1944: AS ABELHAS DO MAR/ROMANCE DOS SETE MARES* (*The Fighting Seabees*, de Howard Lydecker); TÊMPERA DE AÇO/ADORÁVEL INIMIGA (*Tall in the Saddle*, de Edwin L. Marin) ■ 1945: A CIDADE DE BÁRBAROS/UM DIA VOLTAREI* (*Flame of the Barbary Coast*, de Joseph Kane); A BATALHA DE BATAAN/ESPÍRITO INDOMÁVEL (*Back to Bataan*, de Edward Dmytryk); DAKOTA (de Joseph Kane); FOMOS OS SACRIFICADOS (*They Were Expendable*, de John Ford) ■ 1946: ROMANCE E FANTASIA/SEM RESERVAS (*Without Reservations*, de Mervyn LeRoy) ■ 1947: O ANJO E O MALVADO/REGENERADO PELO AMOR (*Angel and the Badman*, de James Edward Grant, também como produtor); INFERNO NOS TRÓPICOS (*Tycoon*, de Richard Wallace) ■ 1948: FORTE APACHE/SANGUE DE HERÓI* (*Fort Apache*, de John Ford); RIO VERMELHO* (*Red River*, de Howard Hawks); O CÉU MANDOU ALGUÉM (*Three Godfathers*, de John Ford); ORAS TRODA BRUXA VERMELHA* (*Wake of the Red Witch*, de Edward Ludwig) ■ 1949: A LEGIÃO INVENCÍVEL (*She Wore a Yellow Ribbon*, de John Ford); ESTRANHA CARAVANA/O LUTADOR DE KENTUCKY* (*The Fighting Kentuckian*, de George Waggner); AS AREIAS DE IWOJIMA/IWOJIMA, O PORTAL DA GLÓRIA* (*Sands of Iwo Jima*, de Allan Dwan) ■ 1950: RIO BRAVO (*Rio Grande*, de John Ford) ■ 1951: ÁGUAS TRAIÇOEIRAS (*Operation Pacific*, de George Waggner); HORIZONTE DE GLÓRIAS (*Flying Leathernecks*, de Nicholas Ray) ■ 1952: DEPOIS DO VENDAVAL* (*The Quiet Man*, de John Ford); AVENTURA PERIGOSA (*Big Jim McLain*, de Edward Ludwig) ■ 1953: ATALHOS DO DESTINO (*Trouble Along the Way*, de Michael Curtiz); GELEIRAS DO INFERNO (*Island in the Sky*, de William A. Wellman); CAMINHOS ÁSPEROS (*Hondo*, de John Farrow) ■ 1954: UM FIO DE ESPERANÇA (*The High and the Mighty*, de William A. Wellman) ■ 1955: MARES VIOLENTOS (*The Sea Chase*, de John Farrow); ROTA SANGRENTA (*Blood Alley*, de William A. Wellman) ■ 1956: SANGUE DE BÁRBAROS (*The Conqueror*, de Dick Powell); RASTROS DE ÓDIO* (*The Searchers*, de John Ford) ■ 1957: ASAS DE ÁGUIAS (*The Wings of Eagles*, de John Ford); ESTRADAS DO INFERNO (*Jet Pilot*, de Josef von Sternberg); A LENDA DOS DESAPARECIDOS (*Legend of the Lost*, de Henry Hathaway) ■ 1958: A VÊNUS DE CARNE (*I Married a Woman*, de Hal Kanter); O BÁRBARO E A GEISHA (*The barbarian and the Geisha*, de John Huston) ■ 1959: ONDE COMEÇA O INFERNO* (*Rio Bravo*, de Howard Hawks); MARCHA DE HERÓIS (*The Horse Soldiers*, de John Ford) ■ 1960: O ÁLAMO* (*The Alamo*, também como diretor e produtor); FÚRIA NO ALASKA (*North to Alaska*, de Henry Hathaway) ■ 1961: OS COMANCHEROS* (*The Comancheros*, de Michael Curtiz) ■ 1962: O HOMEM QUE MATOU O FACÍNORA (*The Man Who Shot Liberty Valence*, de John Ford); HATARI!* (de Howard Hawks); O MAIS LONGO DOS DIAS (*The Longest Day*, de Ken Annakin); A CONQUISTA DO OESTE* (*How the West Was Won*, de Henry Hathaway, John Ford e George Marshall) ■ 1963: O AVENTUREIRO DO PACÍFICO (*Donovan's Reef*, de John Ford); QUANDO UM HOMEM É HOMEM (*McLintock!*, de Andrew V. McLaglen) ■ 1964: O MUNDO DO CIRCO* (*Circus World*, de Henry Hathaway) ■ 1965: A MAIOR HISTÓRIA DE TODOS OS TEMPOS* (*The Greatest Story Ever Told*, de George Stevens); A PRIMEIRA VITÓRIA (*In Harm's Way*, de Otto Preminger); OS FILHOS DE KATIE ELDER (*The Sons of Katie Elder*, de Henry Hathaway) ■ 1966: A SOMBRA DE UM GIGANTE (*Cast a Giant Shadow*, de Melville Shavelson) ■ 1967: GIGANTES EM LUTA (*War Wagon*, de Burt Kennedy); EL DORADO* (de Howard Hawks) ■ 1968: OS BOINAS-VERDES* (*The Green Berets*, também como diretor junto a Ray Kellogg); HERÓIS DO INFERNO (*Hellfighters*, de Andrew V. McLaglen) ■ 1969: BRAVURA INDÔMITA* (*True Grit*, de Henry Hathaway); JAMAIS FORAM VENCIDOS (*The Undefeated*, de Andrew V. McLaglen) ■ 1970: CHISUM – UMA LENDA AMERICANA* (de Andrew V. McLaglen); RIO LOBO* (de Howard Hawks) ■ 1971: JAKE, O GRANDÃO (*Big Jake*, de George Sherman); OS COWBOYS (*The Cowboys*, de Mark Rydell) ■ 1972: CANCEL MY RESERVATION (de Paul Bogart) ■ 1973: CAHILL, O XERIFE DO OESTE (*Cahill, United States Marshal*, de Andrew V. McLaglen); OS CHACAIS DO OESTE (*The Train Robbers*, de Burt Kennedy) ■ 1974: MCQ, UM DETETIVE ACIMA DA LEI/MCQ – UM DETETIVE FORA-DA-LEI* (*McQ*, de John Sturges) ■ 1975: JUSTICEIRO IMPLACÁVEL* (*Rooster Cogburn*, de Stuart Millar); A MORTE SEGUE SEUS PASSOS (*Brannigan*, de Douglas Hickox) ■ 1976: O ÚLTIMO PISTOLEIRO* (*The Shootist*, de Don Siegel) ■ 1977: GREAT AMERICAN WEST (documentário de Denis Sanders)

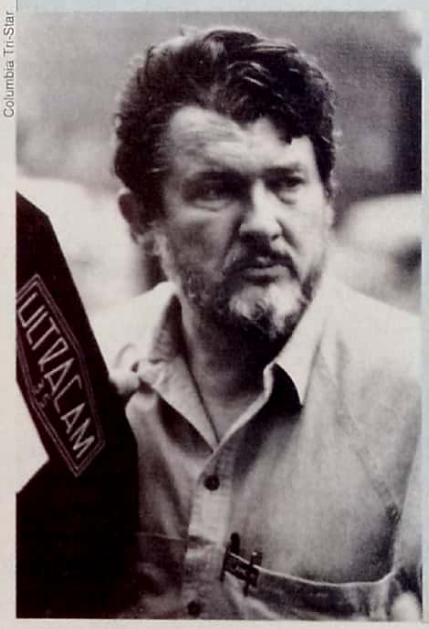
WALTER HILL

Diretor, roteirista e produtor, nascido a 10 de janeiro de 1942 em Long Beach, Califórnia.

Como roteirista: 1972: OS IMPLACÁVEIS* (*The Getaway*, de Sam Peckinpah); HICKEY AND BOGGS (de Robert Culp) ■ 1973: O HOMEM DE MACKINTOSH/O EMISSÁRIO DE MACKINTOSH* (*The Mackintosh Man*, de John Huston); O LADRÃO QUE VEIO JANTAR* (*The Thief Who Came to Dinner*, de Bud Yorkin) ■ 1975: A PISCINA MORTAL* (*The Drowning Pool*, de Stuart Rosenberg)

Como produtor: 1979: ALIEN, O 8º PASSAGEIRO* (*Alien*, de Ridley Scott) ■ 1986: ALIENS, O RESGATE* (*Aliens*, de James Cameron); CIDADE CORROMPIDA* (*Blue City*, de Michelle Manning, também como roteirista) ■ 1992: ALIEN 3 (também como roteirista)

Como diretor: 1968: CROWN, O MAGNÍFICO* (*The Thomas Crown Affair*, de Norman Jewison, como assistente de direção) ■ 1969: UM ASSALTANTE BEM TRAPALHÃO* (*Take the Money and Run*, de Woody Allen, como assistente de direção) ■ 1975: LUTADOR DE RUA (*Hard Times*, também como roteirista) ■ 1978: CAÇADA DE MORTE* (*The Driver*, também como roteirista) ■ 1979: WARRIORS, OS SELVAGENS DA NOITE* (*The Warriors*, também como roteirista) ■ 1980: CAVALGADA DE PROSCRITOS (*The Long Riders*) ■ 1981: CONFRONTO FINAL* (*Southern Comfort*, também como roteirista) ■ 1982: 48 HORAS* (*48 Hrs.*, também como roteirista) ■ 1984: RUAS DE FOGO* (*Streets of Fire*, também como roteirista) ■ 1985: CHUVA DE MILHÕES* (*Brewster's Millions*) ■ 1986: A ENCRUZILHADA* (*Crossroads*) ■ 1987: O LIMITE DA TRAIÇÃO* (*Extreme Prejudice*) ■ 1988: INFERNO VERMELHO* (*Red Heat*, também como roteirista e produtor) ■ 1989: LENDAS DO ALÉM-TÚMULO* (*Tales from the Crypt*, junto a Robert Zemeckis e Richard Donner); UM ROSTO SEM PASSADO* (*Johnny Handsome*) ■ 1990: CONTOS DE TERROR 3 – HISTÓRIAS DE ARREPIAR* (*Tales from the Crypt 3*, junto a Howard Deutch e Arnold Schwarzenegger); 48 HORAS PARTE 2* (*Another 48 Hrs.*) ■ 1992: OS SAQUEADORES* (*Trespass*) ■ 1993: GERÔNIMO (*Geronimo: An American Legend*, também como co-produtor)

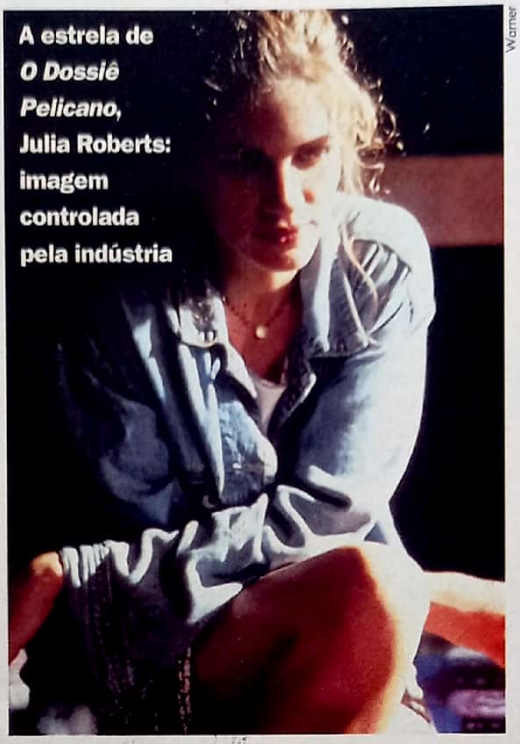


Columbia Tri-Star

José Emilio Rondeau

O VÍCIO HOLLYWOODIANO DO CONTROLE

Caso número 1: antes mesmo de abrir a boca para pronunciar o primeiro "por que" da tarde, os jornalistas estrangeiros que foram entrevistar o casal Kim Basinger e Alec Baldwin sobre sua parceria em *The Getaway* receberam duas imposições. Primeiro, estavam proibidos de perguntar a Kim sobre sua condenação por quebra de "contrato oral" com os realizadores de *Encaixotando Helena* (a cujos produtores Basinger ainda deve cerca de US$ 8 milhões). Se alguém desobedecesse, Kim iria embora imediatamente e Alec provavelmente faria o mesmo. Além disso, só receberia fotos coloridas do filme quem se comprometesse a colocar a entrevista na capa de suas respectivas revistas ou jornais. Os demais teriam que se contentar com fotos em preto-e-branco.



Warner

A estrela de *O Dossiê Pelicano*, Julia Roberts: imagem controlada pela indústria

Caso número 2: na hora de lançar *O Dossiê Pelicano*, havia somente uma entrevista de Julia Roberts à disposição da imprensa estrangeira: um pingue-pongue feito por Chris Connelly, editor executivo da *Premiere* americana. Os interessados deveriam submeter seu pedido à divulgadora de Julia, que decidiria pessoalmente se venderia ou não a matéria – junto com as fotos usadas pela *Premiere* – a tal publicação de tal país. Naturalmente, a matéria teria que ir para a capa.

Caso número 3: antes de entrevistar Michelle Pfeiffer e Daniel Day-Lewis na época do lançamento de *A Época da Inocência*, os jornalistas precisavam assinar um termo de compromisso, especificando para que publicação de que país mandariam seus textos. Qualquer venda free-lance para publicações além das listadas precisaria ser previamente submetida à distribuidora do filme, a quem caberia o poder de veto.

Em Hollywood, "controle" é a palavra de ordem. Controle sobre quem fala o que a quem, para sair quando e onde. Em outras palavras, o controle de como funcionará a campanha de divulgação de um filme.

É uma faca de dois gumes. Os estúdios precisam da divulgação para vender seus filmes, mas as editoras estrangeiras precisam de astros e estrelas nas páginas de suas publicações para vender revistas e jornais. A capacidade de negociação de cada uma das partes varia conforme a) a popularidade do artista; b) a posição do país no ranking de mercados mais rentáveis; c) o perfil e as prioridades das publicações (quanto maior a tiragem, por exemplo, melhores as chances de se obter uma entrevista). O dilema é achar um equilíbrio entre os dois interesses, sem que os estúdios achem que suas campanhas estão sendo sabotadas por jornalistas "difíceis", e sem que a imprensa vire mera extensão dos departamentos de marketing dos estúdios. A questão põe frente a frente duas liberdades estranhamente antagônicas: a liberdade de uma empresa promover seu produto da melhor maneira e a liberdade de imprensa.

Há casos em que esse controle toma contornos mais sutis: o mais comum é quando o estúdio só libera fotos de um filme na hora em que achar conveniente; ou quando pede que a publicação da matéria coincida com o lançamento do filme naquele determinado país – o que sempre é negociável. Há casos, também, em que o tiro sai pela culatra: certa vez, a Universal viu seus meticulosos planos para lançar *Um Sonho Distante* na Austrália irem por água abaixo, quando um jornalista inglês vendeu para uma publicação australiana sua entrevista com Tom Cruise sobre aquele filme, mas depois de o estúdio ter firmado um acordo de exclusividade com uma revista concorrente – publicada por uma editora em que o estúdio investira US$ 300 mil em anúncios do filme –, que prontamente armou um barraco.

Até agora falamos de imprensa estrangeira, mas esse problema afeta os EUA também. Embora os americanos se rebelem contra qualquer termo de compromisso, para eles também há "embargos" requisitando a publicação de suas matérias apenas na época do lançamento do filme. E não é incomum que um artista – ou um estúdio, ou uma divulgadora – negocie com a revista ou jornal que repórter fará a entrevista (quanto mais simpático ao artista, melhor). E dos americanos, também, exigem a capa.

•

A vida imita a ficção? Quando o diretor Alex Rockwell planejou incluir uma seqüência de terremoto em seu novo filme – *Somebody to Love*, estrelado por Harvey Keitel, Rosie Perez, Anthony Quinn e, of all people, o rapper baba latino Gerardo – talvez não soubesse exatamente no que estava se metendo. Na véspera de Rockwell rodar seu terremoto de mentirinha num hotel de Santa Mônica, um terremoto de verdade sacudiu a cidade e destruiu o set de filmagem. Resultado: o terremoto precisou ser realizado num banheiro de cinema pornô e foi simulado da maneira mais simplória, balançando a câmera e derrubando pedaços de reboco na frente da lente.

•

Steven Spielberg deve estar rouco de tanto dizer que não sabe o que fará depois de *A Lista de Schindler*. Puro esquecimento, modéstia ou mera distração. O fato é que Spielberg tem pelo menos catorze projetos em andamento. Pois vamos ajudá-lo um pouco a se lembrar de alguns deles: entre 94 e 95 ele será visto na telinha americana produzindo seriados como *Earth 2* (ficção científica para a NBC sobre a colonização de um novo planeta) e o drama médico que prepara com Michael Crichton (autor de *Jurassic Park*) para a CBS. Na telona, enquanto isso, o crédito de Spielberg como diretor, produtor e/ou produtor executivo aparecerá na quarta aventura de Indiana Jones, em *Pet People* (fantasia sobre bichos de estimação que ressuscitam para ajudar seu dono), em *Daytime* (comédia sobre a luta do elenco de uma telenovela para que ela continue no ar) e nas adaptações do musical *Cats* e de dois clássicos infanto-juvenis dos anos 60, *Gasparzinho* (misturando filme e desenho animado, como *Roger Rabbit*) e *Mr. Magoo* (com Danny DeVito cotadíssimo para o papel-título). Ele ainda produzirá uma versão em longa-metragem de *The Little Rascals*, série de curtas filmados e exibidos originalmente nos anos 20, 30 e 40, estrelados por crianças e adorados nos EUA. Por último, se encarregará de capitanear dois remakes: *Carnival!*, uma releitura de *Lili* (lançado em 1953), e *Cross My Heart*, versão americana do filme francês *La Fracture du Myocarde*, de 1990.

VÍDEO SET

ABRIL

O FUGITIVO

A louca – e milionária – escapada de Harrison Ford

RISCO TOTAL

Stallone à beira do abismo

NINOTCHKA

O sorriso mais famoso do cinema

A FIRMA

Tom Cruise no vídeo mais vendido nos EUA em 1993

A LIBERDADE É AZUL

O "ser ou não ser" do polonês Kieslowski

BRAD PITT

Em *Nada É Para Sempre*

JOHN FORD, HITCHCOCK, ALTMAN, STEPHEN FREARS, ZHANG YIMOU e ETTORE SCOLA

TODO O OSCAR NAS LOCADORAS

JÁ NAS LOCADORAS!

Pais e Filhos aprendem como conseguir a sobrevivência do AMANHÃ, enfrentando a crua realidade do HOJE...

ONDE ESTÁ O CORAÇÃO

"WHERE THE HEART IS"

Uma lição de vida.

PARIS VIDEO FILMES

DABNEY COLEMAN

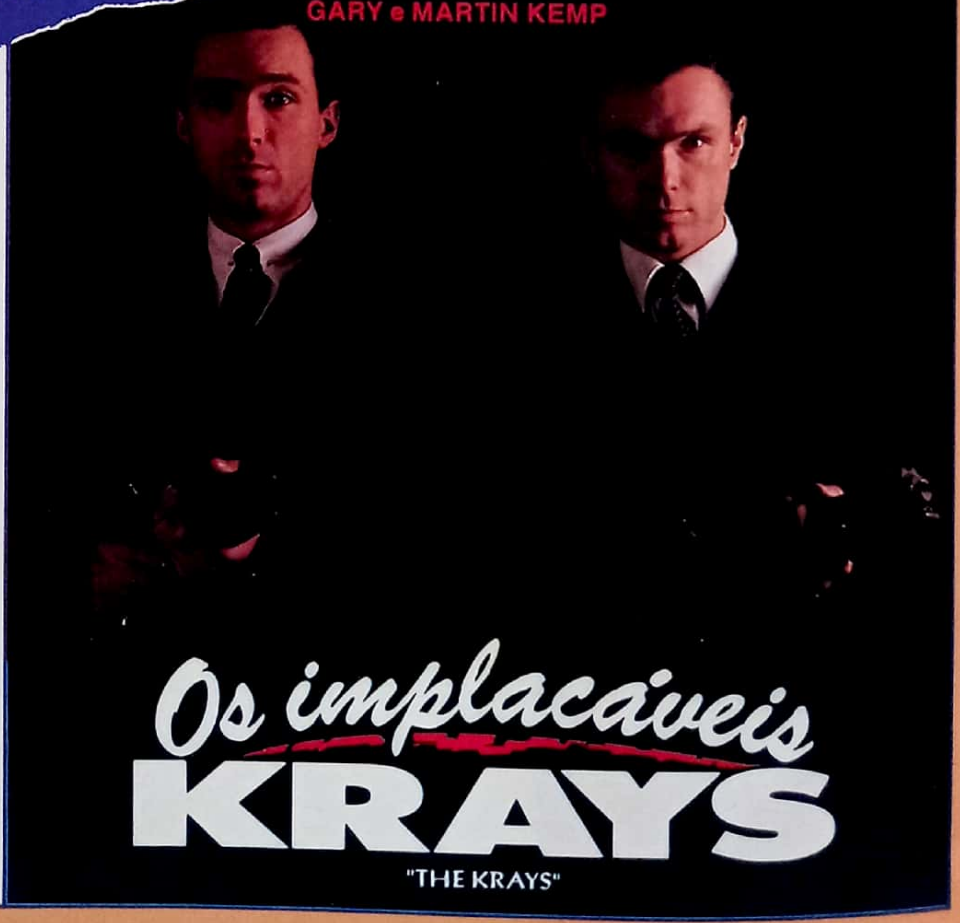
UMA THURMAN

CHRISTOPHER PLUMMER

direção
JOHN BOORMAN
Oscar por "Esperança e Glória"

A HISTÓRIA VERÍDICA DE DOIS GÊMEOS, SÁDICOS, DESTEMIDOS E BRUTAIS.

GARY e MARTIN KEMP



AMERICA VIDEO

direção
PETER MEDAK

Os implacáveis KRAYS

"THE KRAYS"

CAMPEÕES DE BILHETERIA

52 A FIRMA
Tom Cruise enfrenta o crime organizado

58 O FUGITIVO
Harrison Ford na melhor aventura de 1993

59 RISCO TOTAL
Stallone dá uma de alpinista

UK-Tel/Video

CINEMA DE AUTOR

53 QUANDO FALA O CORAÇÃO
Hitchcock, Ingrid Bergman e a psicanálise

62 A GRANDE FAMÍLIA
Stephen Frears homenageia os irlandeses

65 FORTE APACHE
John Ford discute a guerra

Europa/Carat

65 JOGOS & TRAPAÇAS
Robert Altman faz um retrato dos EUA

Orcvideo

66 UM DIA MUITO ESPECIAL
Ettore Scola dirige Sophia e Mastroianni

INFANTIL

Sagres/Rio Filme

67 ERA UMA VEZ
Incursão brasileira pelo conto de fadas

67 FIEVEL – UM CONTO AMERICANO
O ratinho ganha uma série

DOCUMENTÁRIO

56 CAMINHOS CRUZADOS
Retrato social da Aids

ATRIZES & HUMOR

60 ROMANCE DE OUTONO
Shirley MacLaine foge da paixão

63 NINOTCHKA
O sorriso de Greta Garbo

63 FEITA POR ENCOMENDA
Whoopi Goldberg e um segredo do passado

66 A HISTÓRIA DE QIU JU
A bela Gong Li em pé de guerra

Europa/Carat

FRANCESES

Look

54 NAPOLEÃO
O clássico de Abel Gance

55 A LIBERDADE É AZUL
Juliette Binoche e a dúvida da existência

60 A GLÓRIA DE MEU PAI/ O CASTELO DE MINHA MÃE
A passagem para a adolescência com bom humor

FATOS VERÍDICOS

55 PRISIONEIROS DA HONRA
O caso Dreyfus em revista

61 NADA É PARA SEMPRE
Brad Pitt atinge o Nirvana

61 OS IMPLACÁVEIS KRAYS
A trajetória dos líderes do submundo londrino

UK-Tel/Video

Tom Cruise demonstra ser excelente atleta para salvar a própria pele

SUSPENSE

CIC Vídeo

A FIRMA ★★★

Cruise corre atrás da verdade

Sydney Pollack não acerta na direção desde *Tootsie* (82). OK, ele dirigiu o grande vencedor do Oscar 85, *Entre Dois Amores*, mas este é um filme acadêmico, grandiloqüente e muito chato. Errou totalmente a mão com o anacrônico *Havana* (90). Sua carreira é redimida com a adaptação da obra milionária de John Grisham, *A Firma*.

Além de ser o vídeo mais vendido nos EUA no ano passado, *A Firma* também ficou em 3º lugar entre as bilheterias do ano (US$ 160 milhões só no mercado americano). Não é graças a Pollack, porém, que o filme alcançou tal repercussão. O rosto gigante de Tom Cruise no pôster fez tanto ou mais efeito que a curiosidade do público em assistir à adaptação de romance tão badalado.

O diretor, pelo contrário, quase atrapalha o resultado final. A produção é de absoluta primeira linha, mas Pollack conduz a história no piloto automático, de forma burocrática e quase sem fôlego. A opção de priorizar a palavra, e não a ação, torna suas duas horas e meia excessivas. No caso de um thriller cinematográfico que não é francês, isso é quase um crime federal.

Para a felicidade geral do espectador, porém, o elenco está afiadíssimo, em especial o secundário. Destaque absoluto para Gene Hackman como o vilão-mor, Ed Harris como um agente do governo e uma surpreendente Holly Hunter no papel de uma secretária perua muito esperta. Cruise, por sua vez, não compromete e consegue correr como ninguém, nem que seja para perseguir sua mulher (Tripplehorn, de *Instinto Selvagem*) quando esta decide abandonar o casamento.

(The Firm, EUA, 1993) Direção: Sydney Pollack. Com Tom Cruise, Jeanne Tripplehorn, Gene Hackman, Ed Harris, Holly Hunter, Wilford Brimley. 154 min. CIC Vídeo.

CHRISTIAN PETERMANN

AMBIÇÃO SINISTRA ★★ INÉDITO NO CINEMA

(Ambition, EUA, 1991) Direção: Scott D. Goldstein. Com Lou Diamond Phillips, Clancy Brown, Cecilia Peck, Haing S. Ngor. 100 min. VTI.

Lou Diamond Phillips, além de tentar ser diretor, estréia também na carreira de roteirista com este filme de boas idéias e alguns exageros, mas suspense razoável. Ele é Domingo, um escritor em crise com a própria origem e que não aceita o pai doente (Ngor, vencedor do Oscar de coadjuvante por *Os Gritos do Silêncio*). Obcecado por um criminoso recém-libertado (Brown), ele entra em desequilíbrio, e a história acaba lembrando um pouco o recente *Kalifornia*. O maior problema, no entanto, fica por conta da atuação de Phillips, sem grandes sutilezas psicológicas.

CESAR GARCIA LIMA

NAS TEIAS DO DESEJO ★★ INÉDITO NO CINEMA

(Those Bedroom Eyes, EUA, 1992) Direção: Leon Ichaso. Com Tim Matheson, Mimi Rogers, William Forsythe. 96 min. Alpha.

Ichaso começou dirigindo filmes publicitários, o que explica a preocupação estética deste filme, em que brinca com luz e sombra – como no anterior *Aprisionada pelo Medo*. O diretor usa o incesto como pano de fundo para mostrar uma mulher que mata seus amantes com tiros na virilha. Tem até um professor de psicologia que se envolve com uma lasciva decoradora e, ingênuo, não percebe o estranho comportamento da namorada. O argumento é mal amarrado e previsível, mas vale por Mimi Rogers, que carrega o filme nos ombros.

DEBORAH PELEIAS

DESEJO ASSASSINO ★★ INÉDITO NO CINEMA

(Cold Sweat, Canadá, 1993) Direção: Gail Harvey. Com Ben Cross, Adam Baldwin, Shannon Tweed. 90 min. Mundial.

Com um componente surreal (um fantasma) e uma boa dose de sexo, este thriller tem tudo para agradar. Mark (Ben Cross, de *Carruagens de Fogo*) é um matador profissional que é obrigado a "apagar" uma garota que havia visto na rua e com quem simpatizara. Ele vai ao funeral da moça, que a partir daí começa a aparecer para Mark nas horas mais impróprias, tornando sua vida um verdadeiro inferno.

FRANCISCO COSTA

INDECÊNCIA ★★
(Indecency, EUA, 92) Direção: Marisa Silver. Com Jennifer Beals, James Remar. 86 min. CIC

Não se assuste. A morena que aparece no início do filme é mesmo Jennifer Beals, de *Flashdance*. Você tem mais 80 minutos para comprovar que o tempo passa e leva a graça até de algumas damas de Hollywood. Enquanto isso, tente se envolver na trama capenga sobre uma empresária pressionada pelas ameaças do ex-marido, pela ambição da sócia e pela promessa de ajudar uma amiga em crise de depressão. Homicídios, tráfico, desfalques e falsos amores são amarrados com linha frouxa pelo roteiro previsível, prejudicado ainda pelo elenco.

FATIMA GIGLIOTTI

O SONHO DO MACACO LOUCO★★★
(The Mad Monkey, França/Espanha, 1989) Direção: Fernando Trueba. Com Jeff Goldblum, Miranda Richardson, Anemone, Dexter Fletcher. 100 min. Paris.

O diretor espanhol Fernando Trueba fez sucesso de público e crítica com *Sedução*. O filme, uma ciranda amorosa, foi comparado a Jean Renoir. Trueba não repetiu a dose com *O Sonho do Macaco Louco*. É um filme cheio de perversões sobre os bastidores do cinema. Parece um ajuste de contas. Jeff Goldblum, sempre com cara de quem vai começar a virar mosca, é o roteirista que se deixa envolver, na vida e na arte, pelas maquinações de um jovem diretor que mantém uma relação incestuosa com a irmã. Não é programa para todos os gostos, mas possui uma sensualidade exasperada e cenas insólitas, como as que se passam no necrotério. A questão é saber se leva para o vídeo sua fama de cult.

L.C.M.

QUANDO FALA O CORAÇÃO★★★

Psicologia à antiga

Para quem espera alta carga de tensão devido ao título de mestre de suspense que acompanha Hitchcock, o filme pode desapontar. Com roteiro do intelectual Ben Hecht, o argumento adaptado de um livro de Francis Beeding tornou-se anacrônico nos seus meandros "freudianos". É verdade que alguns se justificam, já que a personagem central é uma psicanalista (Bergman). Dedicada à profissão, ela se apaixona por um sujeito (Peck) que se apresenta como o novo diretor da instituição onde ela trabalha, mas depois se revela dono de problemas mentais e suspeito de assassinato.

Mas o filme é envolvente. O tema do falso culpado, tão freqüente em Hitchcock, permitiu uma criação então inovadora nas suas soluções formais (os movimentos de câmera, o uso dos desenhos de Salvador Dali) e na atmosfera sensual, patente já na intervenção inicial da novata Fleming (a ninfômana). Esse clima torna-se mais vibrante no desenrolar do romance central, realçado pela música de Miklos Rozsa (vencedora do Oscar) e pela atuação da luminosa Bergman no primeiro dos três filmes que fez sob as ordens do brilhante diretor inglês.

(Spellbound, EUA, 1945) Direção: Alfred Hitchcock. Com Ingrid Bergman, Gregory Peck, Leo G. Carrol, Michael Chekhov, Rhonda Fleming. 111 min. Continental.

ALFREDO STERNHEIM

Continental

Gregory Peck ludibria e envolve a psicanalista Ingrid Bergman

POLICIAL

LEGADO DE MENTIRAS ★★★
(Legacy of Lies, EUA, 1992) Direção: Bradford May. Com Michael Ontkean, Martin Landau, Eli Wallach. 93 min. CIC.

Legado de Mentiras engana. Começa como um policial corriqueiro, mas depois revela seu interesse: o drama de pai e filho, policiais, divididos entre ética e crime. Ontkean é Zack, um policial atormentado pelo passado do pai (o ótimo Landau). Em meio à investigação sobre uma morte, Zack é obrigado a rever seus princípios, tentando não se deixar levar pelas emoções. Pena que o roteiro revele a Máfia só em tiros, mortes e queimas de arquivo.

C.G.L.

ASSALTO AO 13ª DP ★★★
(Assault on Precinct 13, EUA, 1976) Direção: John Carpenter. Com Austin Stoker, Darwin Joston, Laurie Zimmer. 90 min. Opção.

O último dia de funcionamento da 13ª delegacia, em um subúrbio de Los Angeles, tinha tudo para ser tranqüilo. Até o momento em que chega um transporte da penitenciária trazendo presos perigosos, ao mesmo tempo em que um bando misterioso começa a matar pessoas das redondezas. Isso é o que acontece no primeiro longa do diretor John Carpenter (de *A Coisa, Aventureiros do Bairro Proibido, Fuga de Nova York*), que também assina o roteiro e a trilha sonora feita em sintetizador.

O filme parece um protótipo de outras produções de Carpenter. A gangue que ataca a delegacia pode ser substituída por qualquer tipo de monstro que tenha habitado suas obras. Ele mostra habilidade em criar um clima claustrofóbico, mas os atores têm um desempenho muito fraco. Quem quiser conferir a estréia de Carpenter vai ter problemas em assistir a fita: a telecinagem é ruim, provavelmente feita a partir de uma cópia igualmente ruim. Como a maior parte da ação acontece à noite, na delegacia sem luz, é difícil enxergar alguma coisa.

MARCOS SMIRCOFF

Qual a cor do cavalo preto de Napoleão?

CLÁSSICO

NAPOLEÃO ★★★★

Obra-prima com falhas

Clássico absoluto do cinema, o *Napoleão* de Abel Gance chega ao vídeo na versão mais próxima possível do original. Com quase quatro horas de duração, é o resultado de um minucioso trabalho de reconstituição empreendido pelo pesquisador inglês Kevin Brownlow e patrocinado por Francis Coppola. É, aliás, de Carmine Coppola, pai do cineasta, a música desta versão, lançada em 1981.

Se o vídeo amesquinha muito da grandeza desse monumento cinematográfico – sobretudo nas cenas em que a tela se divide em três imagens diferentes –, é preciso reconhecer que o recurso do *fast forward* será útil para pular as partes mais chatas do filme: os amores de Napoleão, seus dramas familiares, os discursos dos políticos na Assembléia etc.

Pois esta não é, nem de longe, uma obra-prima sem falhas. Alterna, na verdade, momentos de delirante invenção com passagens tediosas e de um convencionalismo completo. Uma câmera colocada nos locais mais improváveis (como o lombo de um cavalo ou a proa de um barco), movimentos vertiginosos, montagem frenética e conceitual que antecipa os videoclips – isso é o que justifica o filme, além das atuações de Dieudonné no papel-título (consta que o ator enlouqueceu depois deste trabalho) e do grande Artaud como Marat.

(Napoleon, França, 1925) Direção: Abel Gance. Com Albert Dieudonné, Edmond Van Daele, Antonin Artaud, Alexandre Koubitzky. 222 min. Continental.

José Geraldo Couto

DRAMA

COLETTE – DIÁRIO DE UMA PAIXÃO★★

(Becoming Colette, EUA/Alemanha, 1992) Direção: Danny Huston. Com Mathilda May, Klaus Maria Brandauer, Virginia Madsen. 97 min. Reserva Especial.

Esta incursão do filho de John Huston por trás das câmeras revela um olho clínico para o detalhe histórico. A produção é suntuosa. Danny só não transmite tesão. A biografia de Gabrielle Colette, inocente camponesa cuja sexualidade e consciência são despertadas por um playboy, é folhetinesca. Sua adaptação à vida mundana de Paris, no final do século passado, é um assunto instigante, mas o roteiro abandona a lascividade do entrecho e apenas explica como "nasceu" a escritora romântica Colette. Desperdiça o melhor do filme, a presença fulgurante da bela Virginia Madsen, como a bissexual Polaire Sorel.

Ch. P.

UM MUNDO SEM PIEDADE★★★

(Un Monde Sans Pitié, França, 1989) Direção: Eric Rochant. Com Hippolyte Girardot, Mireille Perrier. 84 min. Abril Vídeo/Belas Artes.

Um Mundo Sem Piedade lembrou a muitos o Truffaut de *Os Incompreendidos*. Hippo (Girardot) é um romântico perdido no mundo hostil, um incompreendido que gosta de se colocar à margem. Não é bandido, mas seu comportamento pouco convencional coloca a polícia atrás dele. O amor com Mireille Perrier é difícil: momentos de ternura e sensualidade em meio a muito mal-entendido. A história importa pouco. Tudo está no tom. O diretor solta o ator e filma nas ruas, como se ainda estivesse na época da Nouvelle Vague. Não é um grande filme, mas pelo menos nos poupa do pedantismo de boa parte do cinema francês atual. E tem charme.

L.C.M.

Abril Vídeo

Judith Henry é vítima de um jogo masculino em torno do poder da sedução

A DISCRETA INTIMIDADE DE UMA MULHER ★★★

Expondo o invisível

Christian Vincent diz que seu ídolo é Jean Renoir, mas seu longa de estréia lembra mais Truffaut e Eric Rohmer. Do primeiro, empresta até o nome do protagonista, Antoine, como o Doinel que Jean-Pierre Léaud interpretou por vinte anos. Metido a Don Juan, falante e presunçoso, sente-se um trapo quando a namorada o troca por outro. Um amigo sugere a vingança: fazer com que uma jovem se apaixone por ele, e depois abandoná-la. Um diário registra a cronologia da sedução. Prêmio da Crítica em Veneza-90, é a segunda jóia consecutiva revelada pelo produtor Alain Rocca (que um ano antes emplacara *Um Mundo sem Piedade*). No final, o próprio Vincent lembra que, "ao olharmos para alguém, só vemos metade". Seu filme surpreende por expor o invisível. Não tem o encanto de Truffaut e Rohmer, mas não faz feio.

(La Discrète, França, 1990) Direção: Christian Vincent. Com Fabrice Luchini, Judith Henry, Maurice Garrel, Marie Brunel. 93 min. Abril Vídeo.

Sérgio Rizzo

HOFFA – UM HOMEM, UMA LENDA ★★★

(Hoffa, EUA, 1992) Direção: Danny DeVito. Com Jack Nicholson, Danny DeVito, Armand Assante. 140 min. Abril Vídeo.

A reverência é o tom escolhido pelo diretor Danny DeVito e pelo roteirista David Mamet para narrar a trajetória do sindicalista Jimmy Hoffa (Nicholson), criador da União dos Caminhoneiros – um dos maiores sindicatos dos EUA. Desaparecido misteriosamente em 1975, Hoffa passou a maior parte de sua vida empenhado numa luta política que lhe angariou tantos simpatizantes quanto inimigos. É compreensível o fascínio exercido por esse homem de grandes ambições e métodos pouco ortodoxos, mas o filme não consegue ser tão fascinante quanto a pessoa. Acadêmico e arrastado, *Hoffa* tem seu maior trunfo na interpretação de Jack Nicholson, muito mais contido que de costume, e nos coadjuvantes de primeira linha.

I.B.

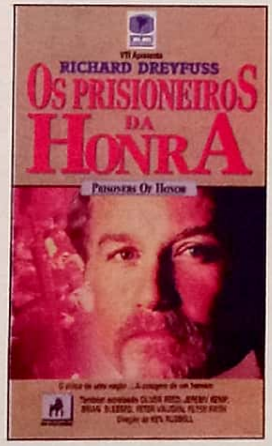
NÃO MATARÁS ★★★★★

(Krótki Film o Zabijaniu, Polônia, 1987) Direção: Krzysztof Kieslowski. Com Miroslaw Baka, Krzysztof Globisz, Jan Tesarz. 85 min. United.

Antes que a minissérie *Decálogo* estivesse finalizada, Kieslowski montou uma versão para cinema de seu quinto episódio. Se o objetivo era provocar impacto e criar expectativa em relação ao pacote completo, a escolha não poderia ter sido mais feliz. Pouco depois, vieram *Não Amarás* – adaptação para cinema do sexto episódio – e a íntegra de *Decálogo*, que o cineasta define como um embate entre "esses Mandamentos simplistas" (os dez que Moisés teria recebido) e "as situações confusas e opressivas em que vivemos".

Não Matarás é a melhor tradução, na prática, dessa proposta. Ex-documentarista, Kieslowski registra as ruas de Varsóvia com uma fotografia suja e esverdeada. No prólogo, apresenta os protagonistas de seu *Crime e Castigo*: um motorista de táxi que se diverte com pequenas maldades, um jovem desocupado e um advogado idealista. Depois, entra de sola no crime – prepare o estômago para um dos mais bárbaros assassinatos do cinema. Em seguida, corta para a decretação do castigo – a pena de morte, em outra seqüência que mexe com as vísceras – e para a culpa que o derrotado advogado de defesa sente desabar sobre as costas. A música discreta embala, no final, a dor provocada pela impossibilidade de se entender os fatos.

S.R.



PRISIONEIROS DA HONRA ★★★

(Prisoner of Honor, Inglaterra, 1991) Direção: Ken Russell. Com Richard Dreyfuss, Oliver Reed, Peter Firth. 87 min. VTI.

Este é um dos filmes mais comportados do diretor Russell (*Crimes de Paixão*). Feito para a TV a cabo, reconstrói o verídico caso judicial do final do século passado, na França, através do qual o militar Alfred Dreyfus foi expulso do Exército, acusado de traição e humilhado pela sociedade. O coronel Georges Picquart (Dreyfuss, sem qualquer parentesco e aqui também co-produtor) acredita em sua inocência, argumentando que a falsa acusação advém do fato de Dreyfus ser judeu. Por tomar as dores do "traidor", Picquart é levado à corte marcial. A narrativa é linear, enxuta e acadêmica; apóia-se totalmente em seu ótimo elenco. É aí que o diretor imprime uns rápidos toques russellianos, enfatizando a hipocrisia dos dominantes, a manufaturação da verdade pelos poderosos. Seria hilariante, não fosse verdadeiro.

Ch. P.

Juliette Binoche contempla o vazio de sua vida como uma sobrevivente

A LIBERDADE É AZUL★★★★★

A vida como escolha

Temos da vida a idéia de uma coisa dada, que recebemos quase como obrigação. É precisamente essa idéia que *A Liberdade é Azul* coloca na berlinda, através da história de uma mulher (Juliette Binoche) que perde o marido e a filha em um acidente.

Ninguém espere um soturno filme polonês (até porque ele é inteiramente francês). Desde que não consegue pôr em prática a idéia de suicídio, o que Binoche (estupenda, diga-se) experimenta é a dúvida entre existir ou morrer. Sua vida retorna a uma espécie de estágio zero: não é nada, exceto os gestos de sobrevivência.

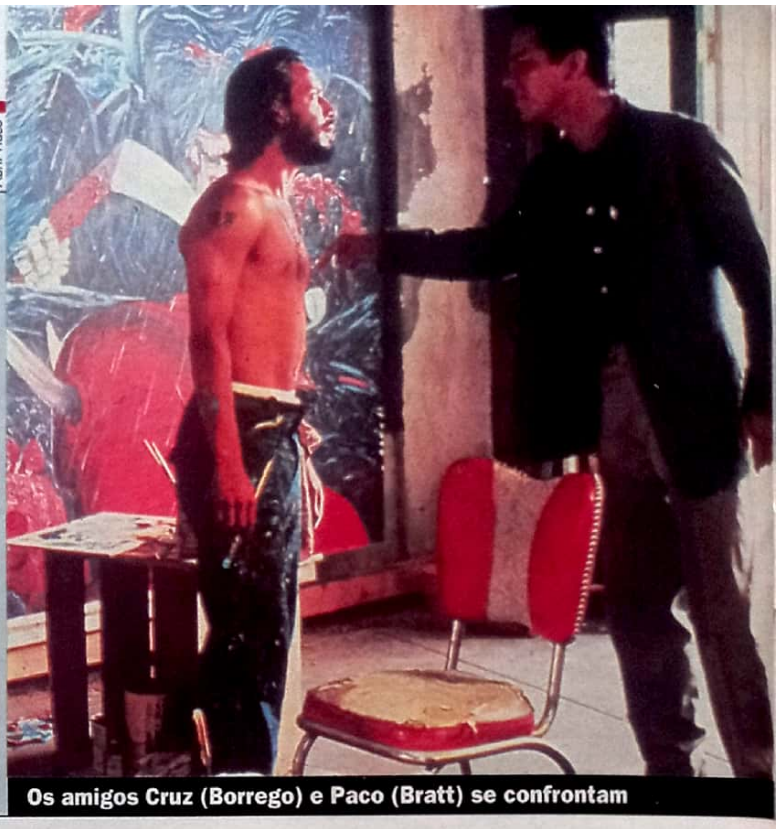
Ao abrir sua trilogia sobre as cores da bandeira francesa (o azul, o vermelho e o branco), Kieslowski faz um filme de pequenos incidentes: um mero ruído num prédio deserto, à noite, instaura o suspense. Mais adiante, uma mulher mergulha nas piscina; a câmera a perde: terá, enfim, decidido morrer? Notações como essas, espalhadas ao longo do filme, lhe dão vida e criam um estranho, originalíssimo clima de incerteza, de suspensão do tempo.

Com isso, Kieslowski reafirma a vida como pendência e como escolha. Talvez não seja novo. Mas, quando um tema, mesmo que antiquíssimo, é desenvolvido a poder de imagens inéditas, de uma sucessão vertiginosa de idéias, de um sentimento de crença absoluta naquilo que se diz, pisa-se no terreno do inteiramente novo. É um grande filme, que em vídeo talvez seja prejudicado pela tela dupla e ausência do dolby.

(Trois Couleurs: Bleu, França/Polônia, 1993) Direção: Krzysztof Kieslowski. Com Juliette Binoche, Benoit Régent, Hélène Vincent, Emmanuelle Riva. 97 min. Look.

Inácio Araujo

Videolançamentos


Abril Vídeo

Os amigos Cruz (Borrego) e Paco (Bratt) se confrontam

MARCADOS PELO SANGUE★★★

Saga chicana

Poderia se chamar *Era Uma Vez no Barrio* esta incursão de Taylor Hackford (*A Força do Destino*) pelo universo chicano de Los Angeles. Hackford é chegado em questões ligadas a ética, rebeldia e congêneres, e transformou a história de três amigos latinos, da adolescência à idade adulta, em uma verdadeira saga – embalada pelo que parece uma sinfonia mexicana, de autoria de Bill Conti.

O diretor não poupa clichês e sentimentalismo, mas mostra vitalidade. Vamos lá: Paco é um galo-de-briga, Cruz é um artista e Miklo, bem, Miklo tem olhos azuis, mas é filho de mãe chicana e se sente como tal. Em quase três horas, Hackford explica como pularam da delinqüência juvenil para os respectivos destinos de policial, junkie e líder de gangue no presídio. Haja fôlego, mas o espectador até que sobrevive. Afinal, são tantas as reviravoltas que a cada meia hora um filme novo parece estar começando – o que, aliado ao elenco irregular, não deixa de ser também o maior defeito de *Marcados pelo Sangue*.

(Blood In, Blood Out, EUA, 1993) Direção: Taylor Hackford. Com Damian Chapa, Jesse Borrego, Benjamin Bratt. 174 min. Abril Vídeo.

ISABELA BOSCOV

A GUERRA DO CHOCOLATE ★★★
(The Chocolate War, EUA, 1988) Direção: Keith Gordon. Com John Glover, Ilan Mitchell-Smith, Wally Ward, Bud Cort. 103 min. Mundial.

INÉDITO NO CINEMA

Surpreendente estréia na direção do ator Keith Gordon, o filho de Angie Dickinson em *Vestida para Matar*. Ele revela sensibilidade na composição de personagens e inteligência na tradução de roteiros acima da média (como também no posterior *Noites Calmas*, disponível em vídeo). Narra-se um conflito armado num colégio católico, no qual o diretor força os alunos a vender uma cota absurda de chocolates para arrecadar fundos. Um aluno se rebela e teima em não participar da armação. O desenlace é inesperado e o estudo psicológico sincero não atravanca o prazer de acompanhar uma fita séria, mas divertida.

C. P.

PASSOS DE PAIXÃO ★★★
(Naked Tango, EUA, 1990) Direção: Leonard Schrader. Com Vincent D'Onofrio, Mathilda May, Esai Morales, Fernando Rey. 86 min. América.

INÉDITO NO CINEMA

Bela surpresa dirigida com personalidade por Leonard Schrader (irmão de Paul), que já chamara a atenção como roteirista de *Mishima*. O filme traça um perfil da noite portenha do começo do século, com o tango dominando um jogo de cena em que os "cumpadritos" bailam com suas adagas nas esquinas escuras. Mathilda May, a encantadora noiva do juiz Fernando Rey, troca de identidade num navio que segue para a capital argentina e se transforma em Alba – que se apaixonará pelo bailarino e marginal D'Onofrio, que faz do tango uma arte. O filme é uma tocante homenagem ao escritor Manuel Puig e traz Patricio Bisso como ator e figurinista.

F.C.

A SAUNA ★★
(Steaming, Inglaterra, 1985) Direção: Joseph Losey. Com Vanessa Redgrave, Sarah Miles, Diana Dors, Patti Love. 95 min. LK-Tel/Vídeo.

INÉDITO NO CINEMA

A montagem brasileira da peça da inglesa Nell Dunn fez sucesso em 1992 principalmente por exibir o nu de Suzy Rêgo, Ísis de Oliveira e Maitê Proença. Em vídeo, o texto descarta esse oportunismo, mas mostra sua fragilidade com um discurso feminista datado, em que cabem apenas lamúrias. A direção rigorosa de Losey se dilui na monotonia, desperdiçando o trabalho de Redgrave e Miles. Reunidas num banho turco decadente, as personagens tentam desesperadamente evitar que o local vire estacionamento.

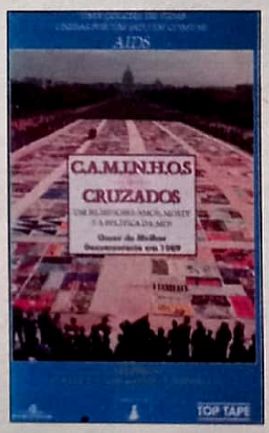
C.G.L.

ACIMA DA LEI ★★
(Prophet of Evil – The Ervil LeBaron Story, EUA, 1993) Direção: Jud Taylor. Com Brian Dennehy, William Devane, Tracey Needham. 100 min. Alpha.

A vida do fanático religioso Ervil LeBaron que, nos anos 70, usou métodos violentos para obter seguidores para sua igreja. A única coisa boa deste telefilme é Dennehy como o maluquíssimo Ervil, que se dizia o profeta escolhido por Deus para limpar o planeta. Os outros atores se esforçam, mas não convencem. Além disso, Ervil era na verdade um assassino, mas o filme disfarça homeopaticamente a violência.

D.P.

DOCUMENTÁRIO



CAMINHOS CRUZADOS ★★★★
(Common Threads: Stories From the Quilt, EUA, 1989) Direção: Robert Epstein, Jeffrey Friedman. Cores e p&b. 75 min. Top Tape/Filmes do Estação.

Merecidíssimo Oscar de documentário de 1990, *Caminhos Cruzados* é um retrato sincero e perturbador da epidemia da Aids nos EUA. O ator Dustin Hoffman, que faz as vezes de narrador, amarra os depoimentos de cinco portadores do vírus HIV: um ex-atleta olímpico, um comandante aposentado da Marinha, um hemofílico de onze anos de idade, um escritor e ativista gay e um viciado em drogas injetáveis. Como se vê, foge-se do estereótipo homossexual ainda associado à doença.

O gancho é a história da Aids Memorial Quilt, uma gigantesca colcha de retalhos montada por amigos e parentes das vítimas – cada retalho é uma homenagem – e que volta e meia é estendida, gigantesca, no Central Park de Nova York. O filme é imparcial, apenas expõe fatos e declarações com o belíssimo fundo musical composto especialmente por Bobby McFerrin. Os responsáveis por este excelente trabalho são veteranos na linguagem documental. Robert Epstein já levara um Oscar de documentário em 1985 pelo marcante e inédito *The Times of Harvey Milk*, sobre o primeiro fiscal gay eleito em San Francisco. Já Jeffrey Friedman venceu o Festival de Chicago de 1987 com *Faces of the Enemy*. Eles sabem o que fazem. O espectador politicamente consciente agradece.

CHRISTIAN PETERMANN

A FRENTE

FITA NOVA E USADA JOINTVIDEO

O VERSO

NOSSOS SERVIÇOS EXCLUSIVOS

Sedex gratuito todo Brasil Manual c/ dicas p/ melhorar seu negócio*
Avaliação, auditoria e diagnóstico da sua locadora Assessoria gratuita p/ quem está iniciando Permuta - Sua fita usada vale dinheiro Guia mensal - seleção de filmes c/ aval da revenda Loja ampla, estacionamento próprio Sala de projeção p/ fitas de serviço (futuros lançamentos) Acervo de 15 mil fitas, garantia de 3 meses Entrega de lançamentos em 24 hs p/ SP e Gde. SP**

* Para clientes cadastrados
** Serviço sob contrato

O PREÇO

FÓRMULA JOINTVIDEO CONTRA A INFLAÇÃO. CONFIRA!

Fone: (011) 290-0811 - Fax: (011) 267-6120

JOINTVIDEO
COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA.
Av. Gal. Ataliba Leonel, 411 - Santana - S. Paulo

ÊNFASE COMUNICAÇÕES

AVENTURA

O FUGITIVO★★★★★

Escolha sua seqüência favorita

Harrison Ford é um astro de Hollywood. Tão astro que se dá ao luxo de fazer um filme por ano, nada mais. Se *Uma Segunda Chance* (1991) e *Jogos Patrióticos* (1992) eram meia-bomba, sem deixar saudade, *O Fugitivo* recoloca o astro na sua sina de herói. O personagem do Dr. Richard Kimble passa por tantos apuros, tantas ciladas aparentemente sem saída, que só mesmo a figura familiar de Harrison Ford para dar credibilidade às escapadas. Faça o teste na cena da represa. No primeiro instante, o espectador torce o nariz. Mas basta lembrar que foi Han "Indiana" Solo quem saltou para fazer tudo parecer real.

Mas os méritos não são apenas de Ford. A série de TV *O Fugitivo*, com David Janssen no papel de Kimble, já tinha elementos suficientes para garantir uma boa adaptação para o cinema. A história: Kimble, um médico condenado injustamente pelo assassinato da esposa, consegue escapar da execução para sair pelos EUA caçando o homem de um braço só que ele sabe ser o verdadeiro assassino, ao mesmo tempo que é perseguido pelo obstinado policial Gerard. Tudo isso, condensado em pouco mais de duas horas de filme, era sinônimo de muita ação.

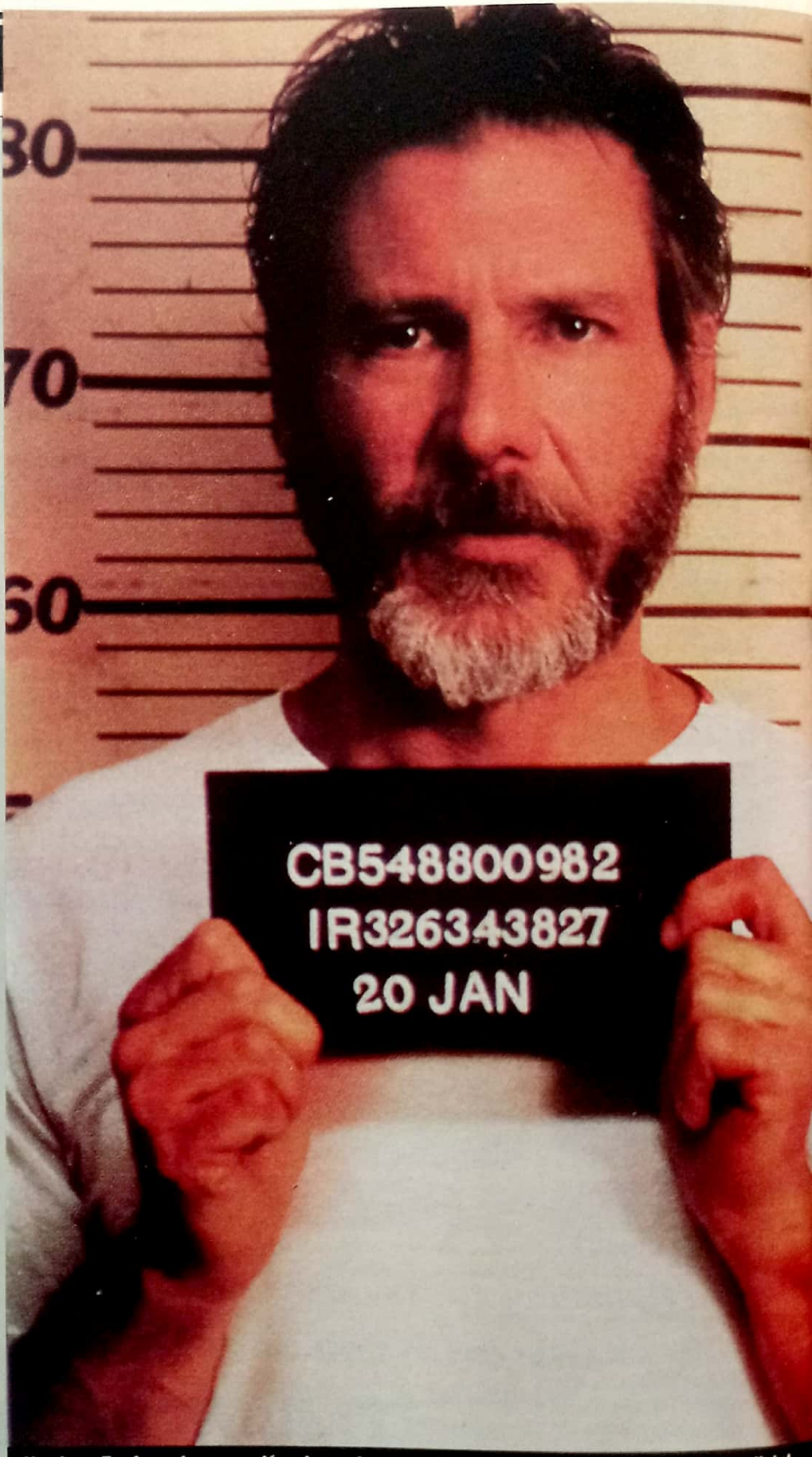
Mas os méritos não são apenas de Ford e do bom roteiro. Há a magistral interpretação de Tommy Lee Jones como o policial, compondo um personagem até mais carismático do que o Kimble de Ford. Aqui não há vilões. São dois mocinhos lutando por suas verdades, e por isso conquistam o espectador.

Mas os méritos não são apenas de Ford, Jones e do bom roteiro. Orquestrando a coisa toda está Andrew Davis, menosprezado diretor de alguns dos melhores filmes de ação dos últimos anos. Fez um dos grandes momentos de Chuck Norris em *Código do Silêncio*, lançou Steven Segal em *Nico, Acima da Lei*, regeu o duelo de Gene Hackman e Tommy Lee Jones em *Entrega Mortal* e estourou as bilheterias com *A Força em Alerta*, com seus favoritos Segal e Jones.

Por tudo isso, *O Fugitivo* é um filme para se ver várias vezes e tentar descobrir qual a sua seqüência favorita. O acidente espetacular de trem? A perseguição na represa? A fuga no meio da parada militar? É assistir para decidir.

(The Fugitive, EUA, 1993) Direção: Andrew Davis. Com Harrison Ford, Tommy Lee Jones. 127 min. Warner.

THALES DE MENEZES

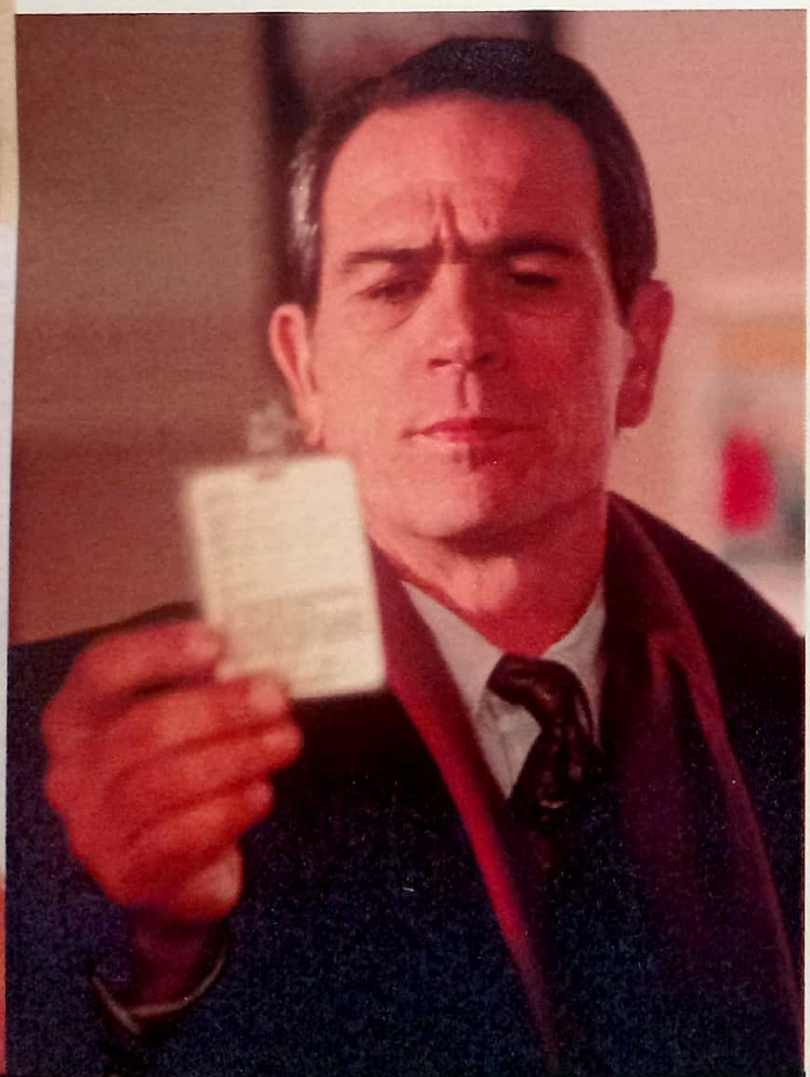


Harrison Ford mostra que, além de um homem, é também um número, enquanto o policial

Warner

LK-Tel/Vídeo

Stallone sua frio ao ajustar as contas com seu ex-amigo Michael Rooker à beira do abismo: momento-limite



Tommy Lee Jones faz as contas de quanto tempo levará para agarrar seu fugitivo

RISCO TOTAL ★★★

Stallone enfrenta as alturas

Após anos de amargura, perdido em meio a comédias sem graça e sem público, o veterano herói muscular recuperou sua estrela com *Risco Total*, a 9ª bilheteria do ano (US$ 85 milhões nos EUA, US$ 223 milhões no circuito mundial).

Stallone teve que suar muito para recuperar o status. O diretor Harlin (*Duro de Matar 2*) forçou-o a não usar dublê em várias de suas cenas mais perigosas, dependurado em montanhas colossais. O astro tem medo de alturas. Deve ter esquentado seus neurônios até mesmo em meio às paisagens glaciais.

A história, co-assinada por Stallone, é puro clichê, com densidade psicológica e lógica nulas. O que o espectador quer, porém, é adrenalina nas veias. A seqüência de abertura, quando Stallone tenta evitar a morte da esposa de seu melhor amigo, é o ponto alto do filme. Depois do clímax imediato, muita aventura para quem desligar o cérebro. Os vilões, encabeçados por John Lithgow (que parece estar se especializando no tipo psicopata), extrapolam no sadismo, e Stallone, por sua vez, na resistência física. O perigo crescentemente absurdo deixa o espectador indiferente.

As expectativas, então, concentram-se nas tomadas aéreas (o *teaser*, ou pré-trailer, tirou o fôlego de meio mundo). Revolução à vista? Nem tanto. Harlin optou por narrar sua epopéia física com um sem-número de planos fechados. Há mais veias saltadas no pescoço de Stallone do que tomadas de seu corpo, minúsculo, em pleno despenhadeiro. Se esta escolha frustrou muitos espectadores, ajuda o público de vídeo a "absorver" melhor o drama das situações. *Risco Total* em casa é quase tão divertido quanto nas salas de cinema.

(Cliffhanger, EUA, 1993) Direção: Renny Harlin. Com Sylvester Stallone, John Lithgow, Janine Turner, Michael Rooker. 112 min. LK-Tel/Vídeo.

CHRISTIAN PETERMANN

EM FAMÍLIA

ROMANCE DE OUTONO ★★★

Pas-de-deux ítalo-judaico

Na Nova York dos anos 40, um homem tira sua mulher para dançar e interrompe o que poderia ser uma crise fatal do casamento. Este pequeno prólogo é o cerne desta comédia dramática em que o personagem mais constante é a morte. Ela entra em cena quando, vinte anos depois, aquela mesma mulher, Pearl (MacLaine), segue para o enterro do marido. E é a morte também o pretexto que o italiano Joe (Mastroianni) encontra para se apresentar à viúva – e convidá-la para um programa antes mesmo que o funeral tenha terminado.

Todos na família de Pearl – típicos judeus de classe média – estão às voltas com a morte. Uma das filhas perdeu o bebê e virou uma excêntrica que imita estrelas de cinema. O neto se acha protegido pelo espírito do avô e namora o perigo. A mãe e a tia (Tandy e Sidney, ótimas) devem escolher entre Miami ou o asilo, e a própria Pearl usa seu luto para se defender do romantismo de Joe.

Este, o italiano, é o único que está pensando na vida. É ele portanto quem pode mudar algo na vida de seus novos amigos. O bom da história é a delicadeza com que a inglesa Kidron dirige o destino de seus personagens. Além, é claro, das interpretações de MacLaine e Mastroianni, em um belo *pax-de-deux*.

(Used People, EUA, 1992) Direção: Beeban Kidron. Com Shirley MacLaine, Marcello Mastroianni, Kathy Bates, Marcia Gay Harden, Jessica Tandy, Sylvia Sidney. 115 min. Abril Vídeo.

ISABELA BOSCOV

Abril Vídeo

Mastroianni, descalço, declara seu amor por MacLaine

A GLÓRIA DE MEU PAI ★★★
O CASTELO DE MINHA MÃE ★★★

Memórias com alto astral

Só munido de muito mau humor é possível não gostar deste filme. As saborosas *Memoires d'Enfance* do escritor e cineasta Marcel Pagnol (1875-1974) encontraram no diretor Yves Robert (autor do clássico *A Guerra dos Botões*, de 1961) um intérprete sensível e fiel.

Tudo é muito simples e delicado: o pequeno Marcel vai passar férias com a família na Provença e descobre o fascínio da vida campestre. Ao mesmo tempo, passa a ver seu pai não mais como o professor perfeito, o ídolo sem mácula, mas como um homem que também tem lá suas fraquezas e limitações: insegurança, inabilidade e até uma certa falsidade.

O diretor Robert escapa ileso de todas as armadilhas: a nostalgia piegas, o infantilismo, o pastelão. Nada é espetacularmente engraçado ou dramático. O encanto desta produção modesta está justamente no tom discreto com que expressa o universo imaginário da criança.

O mais espantoso, porém, é a vitalidade do diretor Robert que, aos 70 anos, realizaria logo depois uma continuação, *O Castelo de Minha Mãe*, igualmente bem-sucedida.Com o mesmo elenco de *A Glória, O Castelo* introduz problemas mais complexos, marcando a passagem de Marcel da infância à adolescência. O primeiro amor, as primeiras noções de ética, tudo isso é tratado com delicadeza e, como no filme anterior, o alto astral domina o conjunto. Entre as novidades dignas de nota, há uma participação especialíssima de Jean Rochefort (*O Marido da Cabeleireira*) como o pai – revisor de jornal, poeta e alcoólatra – da garota por quem Marcel se apaixona, tendo como cenário ainda uma vez as belíssimas colinas da Provença.

(La Gloire de Mon Père/Le Château de Ma Mère, França, 1990) Direção: Yves Robert. Com Philippe Caubère, Nathalie Roussel, Julien Ciamaca. Abril Vídeo.

JOSÉ GERALDO COUTO

Abril Vídeo

Philippe Caubère (o pai, sentado) prepara-se para uma pescaria

ONDE ESTÁ O CORAÇÃO ★★

(Where the Heart Is, EUA, 1990) Direção: John Boorman. Com Dabney Coleman, Uma Thurman, Joanna Cassidy, Crispin Glover, Suzy Amis, Christopher Plummer. 94 min. Paris.

Por que Boorman (*Esperança e Glória*) foi escolhido para dirigir esta fábula moderna/urbana/quase surreal? É notório que ele não consegue driblar um material esquizóide, como é o caso de *Zardoz*, e por isso realiza filmes híbridos e pouco coesos. É o que acontece aqui: o diretor, mesmo sendo co-roteirista, é estranho a este delírio que reúne uma família implodida, estilistas sem grana, pintoras radicais, mendigos filósofos, corretores da Bolsa, ruínas urbanas e uma Nova York à beira da miséria social. Há passagens curiosas e um clímax festeiro, mas a impressão é de que o cerne da coisa se perdeu e/ou se desfigurou no processo de criação.

CH.P.

LK-Tel/Vídeo

NADA É PARA SEMPRE

★★★

A vida é como um rio

Se em *Gente Como a Gente* Robert Redford se preocupava em dissecar a violência com que a repressão pode atingir as relações familiares, ele aqui mostra o reverso da medalha: permanecem a repressão e a incomunicabilidade, mas há um acúmulo de boas intenções que termina por redimir cada personagem de seus erros.

O principal – e talvez o único – elo entre o austero reverendo Maclean (Tom Skerritt, fabuloso) e seus filhos, o responsável Norman e o independente Paul, é a pescaria nos rios da idílica Montana das primeiras décadas do século. O esporte não é só um exercício de disciplina a que o pai submete os filhos; é sobretudo o legado que procura transmitir a eles, de uma técnica de "comunicação divina", um estado de graça.

Ninguém é capaz de chegar mais perto dessa iluminação que Paul, tanto mais próximo da perfeição dentro de um rio quanto mais distante do auxílio de sua família – à medida que seu gosto pela dissolução coloca sua vida em risco. Brad Pitt tira o fôlego no papel do belo e selvagem Paul, enquanto Redford dirige seu filme (baseado na novela autobiográfica de Norman Maclean, grande sucesso nos EUA) no mesmo ritmo que o rio do título original: às vezes lento, às vezes mais animado, mas sempre belo. E a fotografia, vencedora do Oscar, é de babar.

(A River Runs Through It, EUA, 1992) Direção: Robert Redford. Com Brad Pitt, Craig Sheffer, Tom Skerritt, Brenda Blethyn, Emily Lloyd. 123 min. LK-Tel/Vídeo.

ISABELA BOSCOV

Craig Sheffer e Brad Pitt em plena pescaria, a única paixão que une a família

LEOLO ★★★

(Léolo, Canadá, 1992) Direção: Jean-Claude Lauzon. Com Maxime Collin, Ginette Reno, Julien Guiomar. 105 min. Top Tape/Filmes do Estação.

Crônica familiar elaborada a partir do ponto de vista de uma criança. O filme é um conto de fadas introspectivo e onírico (quase um pesadelo). Em meio a imagens poéticas, passagens de forte emoção e instantes de puro humor negro, o diretor alcança um retrato perturbador da loucura. De início, suspeita-se que a família de Leolo é meio batida da cabeça. Depois, a dúvida recai sobre o próprio narrador, completando um quadro melancólico de personagens marginais e tristes. O que começa como um mosaico de tipos estranhos acaba se revelando um atestado de falência genética. E nisso o filme se resolve de forma contundente.

CH.P.

OS IMPLACÁVEIS KRAYS ★★★

(The Krays, Inglaterra, 1990) Direção: Peter Medak. Com Gary Kemp, Martin Kemp, Billie Whitelaw, Susan Fleetwood. 119 min. América.

O diretor Medak faz um casamento inusitado entre brutalidade e "camp" nesta cinebiografia dos irmãos Kray e seu reinado no submundo londrino dos anos 60 – liquidado com a prisão por dois assassinatos bárbaros em 1969. Curiosamente, a melhor parte não é aquela em que os gêmeos (intepretados pelos irmãos Gary e Martin Kemp, do grupo pop Spandau Ballet) já se estabeleceram como líderes do crime e da violência, mas sim a que trata da gênese dos "monstros" – e que o diretor freudianamente atribui à mãe ultradominadora, representada com preciosismo por Billie Whitelaw. Embora irregular, o filme é prova de que uma boa história, uma direção criativa e um elenco competente costumam ser suficientes para superar deficiências orçamentárias.

I.B.

LEMBRANÇAS DO CORAÇÃO ★★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Queen of Hearts, Inglaterra, 1989) Direção: Jon Amiel. Com Vittorio Duse, Joseph Long, Anita Zagaria. 112 min. Mundial.

É um filme difícil de ser descrito. Quanto menos se sabe, porém, melhor. Trata-se de mais uma crônica familiar narrada pelo filho mais novo, mas o roteiro, sempre inesperado, faz uma fusão rica e instigante de melodrama, musical, romance e comédia, obtendo efeitos irresistíveis. Começa em clima de cinema mudo acelerado, com um casal de italianos proibido de se casar fugindo de seu país para tentar a vida na Londres dos anos 50. O noivo abandonado persegue a dupla e será uma sombra para o resto de suas vidas. Incrível estréia na direção de Amiel, que em Hollywood realizaria depois um filme curiosamente banho-maria, *Sommersby – O Retorno de um Estranho.*

CH.P.

COMÉDIA

Continental

Harpo, Groucho e Chico vão ao Oeste mas já não se divertem como

NO TEMPO DO ONÇA ★★

Irmãos Marx em clima melancólico

"Sempre acreditei no nepotismo. Não consigo imaginar ninguém que pudesse interpretar um irmão Marx melhor do que o irmão Marx. No entanto, há exceções que provam a regra."

A exceção de que falava Groucho Marx era o produtor Jack Cummings, sobrinho de Louis B. Mayer, responsável por *No Tempo do Onça*, melancólica intervenção dos fabulosos Marx no mundo do faroeste. Basta ver a primeira seqüência para se ter idéia do que acontecerá: Groucho, Harpo e Chico estão simplesmente tristes, desanimados.

Tirando a bela seqüência no interior de uma diligência, nada lembra o humor ou a anarquia de seus melhores filmes. À deriva, os Marx deslocam-se até o Oeste, 1870, para promover um encontro açucarado entre mocinho e mocinha e mais um ou dois acontecimentos igualmente edificantes.

Como se tudo não estivesse suficientemente mal encaminhado, a Metro insistiu em sua ideologia de empanturrar os filmes dos irmãos de números musicais. Os de *No Tempo do Onça* são pífios. E Edward Buzzell dirige o filme como quem dirige uma carroça.

(Go West, EUA, 1940) Direção: Edward Buzzell. Com Groucho, Chico e Harpo Marx, John Carroll, Diana Lewis. 81 min. Continental.

INÁCIO ARAUJO

A GRANDE FAMÍLIA ★★★★

A Irlanda é uma festa

Nada mais diferente de *Os Imortais* do que *A Grande Família*. Depois de um estudo do homem e da mulher como predadores, Stephen Frears muda o registro e apresenta uma deliciosa comédia sobre relações familiares. Em Cannes, no ano passado, foi singelo. Disse que fez o filme porque adorou o roteiro de Roddy Doyle. E também porque *A Grande Família* lhe permitiu falar sobre os irlandeses, mostrando que pessoas solidárias e maravilhosas eles são.

A grande família é a dos Curley: papai, mamãe, seis filhos e um cachorro. A vida é uma festa que, de repente, assume ares de velório quando Sharon anuncia estar grávida. Pior: a moça não quer dizer o nome do responsável, para que papai Curley o obrigue a se casar com ela. Começa a engordar – e a ficar falada na vizinhança. A descoberta, divertida, é que Sharon não fez amor com nenhum jovenzinho. Nem foi para a cama: foi no estacionamento mesmo, e com um homem mais velho, com idade para ser seu pai – e avô do bebê.

Frears filma rapidamente, e com eficiência. A vida nos bairros operários, registrada como é. Os atores fantásticos estabelecem a cumplicidade com o público e fazem de *A Grande Família* uma gostosura para se curtir também em vídeo.

(The Snapper, Irlanda, 1993) Direção: Stephen Frears. Com Tina Kellegher, Colm Meaney, Ruth McCabe, Colm O'Byrne. 90 min. Europa/Carat.

LUIZ CARLOS MERTEN

Europa/Carat

Tina Kellegher (ao centro) ri da confusão que causou à família

A AMANTE ★★

(Mistress, EUA, 1992) Direção: Barry Primus. Com Robert Wuhl, Martin Landau, Robert De Niro, Danny Aiello, Eli Wallach, Christopher Walken, Ernest Borgnine. 109 min. Paris.

Comédia dramática morna, que começa como uma crítica aos bastidores de Hollywood e se perde no roteiro prolixo e no excesso de personagens secundários. De Niro, como um produtor, está perdido e não se sabe o que o levou a co-produzir esta estréia na direção do ator Primus, sobre a neurose de um roteirista em levar um texto às telas da forma mais fiel possível. O título refere-se à amante perua do produtor, que deverá ser a (incompetente) atriz do filme a ser realizado. Como se vê, a incompetência é geral.

Ch. P.

THE SUPER★★★

INÉDITO NO CINEMA

(The Super, EUA, 1991) Direção: Rod Daniel. Com Joe Pesci, Vincent Gardenia, Madolyn Smith Osborne. 90 min. Abril Vídeo.

Primeiro papel principal de Pesci – que, quando está em cena, sempre parece ser o protagonista. De *Máquina Mortífera* a *Meu Primo Vinny*, é só conferir. Aqui ele é Loui, que ganha de seu pai sovina um prédio para administrar. Mas os tempos mudaram e já não se pode dar mais uma esfrega nos inquilinos. Agora há a prefeitura zelando pelo bem-estar da comunidade. Comédia com dose certa de sentimentalismo. Gardenia está ótimo como "Big Lou", o pai.

F.C.

Reserva Especial

Melvyn Douglas faz Garbo rir pela primeira vez diante das lentes e *Ninotchka* entra para a história

NINOTCHKA ★★★★★
Sedutora comunista

"Garbo ri", dizia a publicidade de *Ninotchka* na época de seu lançamento. Habituada ao papel de sofredora em tragédias e dramalhões, a estrela sueca pela primeira vez atuava numa comédia e presenteava o mundo com sua bela risada. Mas o que este grande filme do genial Lubitsch tem de mais engraçado não é o célebre riso de Garbo, mas sua cara amarrada.

Agente soviética enviada a Paris para vender jóias expropriadas de nobres russos, ela resiste ferreamente às investidas do galã Léon d'Algout (Melvyn Douglas), em nome da moral comunista. Toda a bem engendrada trama do filme – escrita, entre outros, pelo então novato Billy Wilder – se alimenta dessa tentativa de sedução da rígida representante proletária não só pela lábia de Léon, mas também pelas festas, roupas e luzes de Paris.

A capital francesa é uma espécie de Sodoma que primeiro faz sucumbir à perdição capitalista os funcionários que acompanham Ninotchka – os três patetas do povo Buljanoff, Kopalski e Iranoff –, para depois centrar seu poder de fogo na própria.

Elegância, ironia e malícia – a quintessência do cinema de Lubitsch – estão presentes da primeira à última cena desta comédia irresistível, que o tempo só tornou ainda mais atual.

(Ninotchka, EUA, 1939) Direção: Ernst Lubitsch. Com Greta Garbo, Melvyn Douglas, Ina Claire, Bela Lugosi. 110 min. Reserva Especial.

JOSÉ GERALDO COUTO

UMA EQUIPE NADA ESPECIAL★★★

(The Comrades of Summer, EUA, 1992) Direção: Tommy Lee Wallace. Com Joe Mantegna, Natalya Negoda, Mark Rolston. 106 min. Abril Vídeo.

Wallace (*A Hora do Espanto 2*) se aventurou na comédia com este filme para TV a cabo sobre beisebol e acertou em cheio. Mantegna é um jogador e treinador mais preocupado com dinheiro e poder que, após um acidente, fica impossibilitado de jogar. Demitido e falido, só lhe resta aceitar o convite para treinar a seleção da Ex-URSS. É lá que Mantegna cai na real, em plena perestroika: não há equipamentos e os jogadores vêm de outros esportes; a única diversão é entrar em filas. O treinador acaba ficando louco pela assessora de esportes (Negoda, de *A Pequena Vera*), que não lhe dá bola. Simpático e engraçado, é uma homenagem à paz mundial.

D.P.

FEITA POR ENCOMENDA★★★

(Made in America, EUA, 1993) Direção: Richard Benjamin. Com Whoopi Goldberg, Ted Danson, Will Smith, Nia Long, Paul Rodriguez. 110 min. Warner.

Entre o sucesso de *Mudança de Hábito* e as filmagens da inevitável continuação, Whoopi teve tempo para protagonizar esta comédia de Benjamin (*Minha Mãe é Uma Sereia*) e namorar Ted Danson. A química do casal rende cenas hilárias e valoriza o roteiro corretinho, que aborda o racismo com bom humor. Zora arranca da mãe a confissão de que seu pai foi "escolhido" num banco de esperma. Acaba descobrindo que o doador é branco e dirige uma revendedora de automóveis, para a qual faz bizarros comerciais. Em suma, um completo idiota. Isso não a impede de tentar uma aproximação, sob os protestos da mãe. Para acabar com qualquer mau humor.

F.G.

CONFISSÕES DE UM LOUCO ★★★

(Confessions d'un Barjo, França, 1992) Direção: Jerome Boivin. Com Hippolyte Girardot, Anne Brochet, Richard Bohringer. 78 min. Europa/Carat.

Estranha adaptação da história *Confessions of a Crap Artist*, de Philip K. Dick, cujas obras deram origem a filmes como *Blade Runner* e *O Vingador do Futuro*. Aqui ele brinca surrealmente com a loucura, e o diretor Boivin, coroteirista, imprime um humor meio que *à la* Jacques Tati. A mistura atrai. Girardot (*Um Mundo sem Piedade*), irmão gêmeo de Brochet (*Cyrano*), é um desajustado mental com memória enciclopédica e ingenuidade à toda prova. Brochet, casada com um Bohringer cético e irritadiço, também não fica atrás em seu comportamento excêntrico. A versão lançada no Brasil está reduzida, o que sacrifica um pouco a fluidez da narrativa. Repare na deliciosa música-tema.

C.P.

POR AMOR OU POR DINHEIRO ★★★
(The Concierge/ For Love or Money, EUA, 1993) Direção: Barry Sonnenfeld. Com Michael J. Fox, Gabrielle Anwar, Anthony Higgins. 94 min. CIC.

Fox andava em baixa desde a trilogia *De Volta para o Futuro*. De mal com a vida, esta comédia romântica foi escrita para tentar levantar a carreira do ator, aqui um atendente de hotel ambicioso que se une a um executivo para realizar seu sonho: ter seu próprio e luxuoso hotel. Sonnenfeld (*A Família Addams*) fez uma comédia com ingredientes dos anos 50 (rapaz ambicioso, pobre e solitário, mas boa-pinta e de bom coração, que se apaixona pela garota – Anwar, de *Perfume de Mulher* – de seu sócio, criando todas as encrencas possíveis) e soube explorar o carisma de Fox.

D.P.

COMO AGARRAR UM MILIONÁRIO ★★★

Empreitada calculista

Como Agarrar um Milionário não é, em definitivo, outro *Os Homens Preferem as Louras*, embora as situações sejam parecidas. Aqui, três belas garotas dispõem-se a encontrar milionários com quem casar. Como as garotas chamam-se Lauren Bacall, Marilyn Monroe e Betty Grable, naturalmente não faltam interessados.

O problema das moças é distinguir, na montanha de signos que compõem a falsidade social (e da qual elas próprias fazem parte), onde estão os verdadeiros milionários. Essa empreitada calculista, que Bacall lidera com a desenvoltura de mulher desiludida com as coisas do amor, esbarrará em uma série de acasos e desviará de maneira insidiosa – embora previsível – o curso da trama.

Com isso, este filme escrito por Nunnally Johnson e dirigido por Jean Negulesco encaminha-se para o beco sem saída das boas intenções. Não sem antes se revelar o razoável documento de uma época em que a mulher hesitava entre ser um prolongamento do homem e constituir identidade própria. Dessa dúvida nasce o que o filme tem de melhor, além de suas atrizes: alguns diálogos capazes de fazer rir ainda hoje.

(How to Marry a Millionaire, EUA, 1953) Direção: Jean Negulesco. Com Marilyn Monroe, Betty Grable, Lauren Bacall, William Powell. 95 min. Abril Vídeo.

INÁCIO ARAUJO

Abril Vídeo

Bacall, Grable e Monroe loucas para dar o golpe

TERROR E FICÇÃO

Vídeo Arte

Elias Koteas e a filha de Jon Voight fogem do perigo para viver um romance

A CONDESSA DRÁCULA ★★★
(Countess Dracula, Inglaterra, 1972) Direção: Peter Sasdy. Com Ingrid Pitt, Nigel Green, Sandor Elès, Lesley-Anne Down. 93 min. VTI.

Mais um exemplo de genialidade da lendária produtora inglesa Hammer. Um soldado, Imre, herda de um conde uma bela propriedade e torna-se o objeto da paixão da vetusta e malévola condessa Elisabeth. Casualmente, a condessa percebe que o contato com o sangue tem o poder de rejuvenescer. Ela tem assim a idéia de beber (?) sangue de mocinhas, tornando-se jovem e enganando Imre, que se apaixona por ela. Mas a mentira tem pernas curtas, muitas rugas e dias contados. A Hammer deu à história um toque transilvânico e conseguiu algo criativo, com muito erotismo e seios a granel. Se o forte não são as interpretações, a imaginação e ambientação são de primeira.

WALTER DE SILVA

CYBORG 2 ★★★
O EXTERMINADOR DE ANDRÓIDES ★★

Citações e apropriações

Chegam simultaneamente às locadoras duas ficções "parentes" entre si. Ambas falam de andróides, e o diretor de *Nemesis*, Pyun, foi o responsável pela primeira parte de *Cyborg*, cuja continuação está sendo lançada direto em vídeo. Principal constatação: Pyun é um diretor bastante fraco. *Cyborg 2* é muitas vezes superior ao original e também não tem comparação com este *Exterminador* pobre e sem graça personificado pelo campeão francês de lutas marciais Olivier Gruner.

Os dois filmes raspam na questão da humanização dos andróides ou do processo inverso, a mecanização dos humanos. *Cyborg 2*, porém, conta com uma produção B bastante convincente. Tem humor, uma história de amor meio Romeu e Julieta entre humano (Koteas) e andróide (Jolie, filha de Jon Voight), uma participação especial de Jack Palance pós-Oscar e uma cara de realização de Charles Band. Já *Exterminador* faz uma mistura de todos os filmes do gênero, mas com pouca imaginação, muita violência e uma produção perceptivelmente barata.

Opte pelo *Cyborg*: Van Damme aparece em algumas cenas reminiscentes da primeira parte, o elenco conta com atores cult como Allen Garfield (o produtor de *O Estado das Coisas*, de Wim Wenders) e Tracey Walter (especialista em pontas de filmes de Jonathan Demme e Joe Dante) e o conjunto é muito mais divertido.

(Cyborg2: Glass Shadow, EUA, 1993) Direção: Michael Schroeder. Com Elias Koteas, Angelina Jolie, Jack Palance, Billy Drago. 105 min. Europa/Carat.

(Nemesis, EUA, 1992) Direção: Albert Pyun. Com Olivier Gruner, Tim Thomerson, Brion James, Deborah Shelton. 95 min. Vídeo Arte.

CHRISTIAN PETERMANN

NO OESTE

FORTE APACHE ★★★★★

A grandeza de John Ford

Pode ser só coincidência. O fato é que John Ford realizou sua trilogia sobre a cavalaria baseada em livros de James Warner Bellah entre 1948 e 1952, auge do macartismo. *Forte Apache* (em cinemas chamou-se *Sangue de Herói*) abre a série – que se completa com *Rio Grande* e *Legião Invencível* – deixando bem claras certas idéias do diretor.

A história é, em linhas gerais, a do massacre de Little Big Horn, com outros nomes. Aqui, o pomposo coronel Thrusday (Henry Fonda), um "wasp" ("white, anglo-saxon, protestant"), assume o comando do forte. Thrusday despreza seus homens. Para ele, o Exército é um lugar de feitos gloriosos. Para seus comandados, ao contrário, a começar do capitão York (John Wayne), significa sobrevivência, camaradagem, interação social.

Forte Apache é, em grande medida, um filme de descrição detida e amorosa da vida militar. Mas Thrusday é o homem inflexível, que chega para transformar farda em fardo. Não compreende seus homens, seus inimigos, o Oeste. Todo o filme é um libelo a favor do Exército e, ao mesmo tempo, contra a guerra inútil. A favor da democracia e contra a intolerância. A favor dos homens simples, plebeus, heróis anônimos, e contra os grandes feitos vazios. Um filme que trabalha o mito americano da integração dos povos e da igualdade entre os homens. E que no mesmo movimento pressente sua impossibilidade.

De todos os lados por onde se olhe – o do coração ou o da razão, da beleza ou da história –, *Forte Apache* tem a grandeza de Ford.

(Fort Apache, EUA, 1948) Direção: John Ford. Com Henry Fonda, John Wayne, Shirley Temple. 127 min. Continental.

INÁCIO ARAÚJO

John Wayne, de espingarda na mão, representa um militar do povo

JOGOS & TRAPAÇAS – QUANDO OS HOMENS SÃO HOMENS ★★★★

Altman revê o nascimento de uma nação

Robert Altman parece ter voltado à ponta dos cascos com *O Jogador* e *Short Cuts*. A década de 70 permanece, no entanto, como seu período de maior criatividade. Pertence àquela fase de ouro *Jogos & Trapaças*, um precoce western naturalista cujo descendente mais ilustre talvez seja *Os Imperdoáveis*. Clint Eastwood soube a hora certa de fazer seu papa-Oscar, mas Altman colheu na época um monumental fracasso de bilheteria. Era seu projeto mais ambicioso até então. Revê-lo permite constatar que não passa vergonha perto de *M.A.S.H.* ou *Nashville*.

Na virada do século, um vigarista (Beatty) une-se a uma prostituta (Christie) para montar um bordel num vilarejo mineiro no Estado de Washington. Sob medida para um épico hollywoodiano, o romance de Edmund Naughton ganhou um tratamento sem nenhum glamour, com narrativa fragmentada (que as canções de Leonard Cohen procuram costurar), excelente fotografia (de Vilmos Zsigmond) e elenco de tirar o chapéu. É o nascimento dos EUA retratado pela Polaroid revisionista de Altman. Um instantâneo tremido, mas instigante.

(McCabe & Mrs. Miller, EUA, 1971) Direção: Robert Altman. Com Warren Beatty, Julie Christie, Rene Auberjonois, Shelley Duvall, Keith Carradine, John Schuck. 121 min. Warner.

SÉRGIO RIZZO

ROY BEAN – O HOMEM DA LEI ★★★

(The Life and Times of Judge Roy Bean, EUA, 1972) Direção: John Huston. Com Paul Newman, Victoria Principal, Jacqueline Bisset, Ava Gardner, Roddy McDowall, Anthony Perkins, Tab Hunter, John Huston, Stacy Keach, Ned Beatty. 124 min. Opção.

Em sua autobiografia, John Huston conta que foi seduzido pelo roteiro de John Milius (*Apocalipse*) porque se enquadrava na "tradição secular americana do conto cheio de invencionices, de lorotas". Roy Bean (Newman) é um foragido que se proclama juiz e mandachuva de um vilarejo no Texas, no final do século passado. Confisca dinheiro de bandidos (alguns dos quais enforca em praça pública), mantém um urso de estimação que gosta de cerveja e dá ao lugar o nome de sua artista preferida, Lily Langtry (ponta esplendorosa de Gardner). Ao contrário do que Robert Altman fizera um ano antes com *Jogos & Trapaças*, Huston diverte-se em alimentar a mitologia do Velho Oeste. Sua irreverência torna o filme especialmente saboroso.

S.R.

Julie Christie(à direita) interpreta uma prostituta desglamourizada

Warner

ITALIANOS

Sophia Loren e Marcello Mastroianni trocam confidências e desventuras

Orovideo

UM DIA MUITO ESPECIAL ★★★★

Amor impossível

Scola tem criações voltadas para o social que costumam realçar a força do afeto em certos contextos históricos. É o que atesta este filme, que alcança extraordinárias ressonâncias com uma narrativa intimista ao extremo. Além de um único ambiente, a maior parte do tempo há apenas Loren e Mastroianni – magníficos – em cena.

Ela é a dona-de-casa Antonieta, e ele é o vizinho Gabriele, na Roma de 1938; naquele dia, o prédio está quase vazio – todos foram festejar a recepção de Mussolini a Hitler. Gabriele lamenta ter sido demitido por ser homossexual, e Antonieta expõe seu sofrimento doméstico. Com esse encontro de almas culturalmente diversas, mas carentes e oprimidas, Scola faz uma análise comovente da repressão no interior das pessoas e da coletividade.

(Una Giornata Particolare, Itália, 1977) Direção: Ettore Scola. Com Sophia Loren, Marcello Mastroianni, John Vernon, Françoise Berd. 106 min. Orovideo.

ALFREDO STERNHEIM

ENTARDECER INSENSATO ★★

(Wicked, Itália, 1991) Direção: Carlo Lizzani. Com Julian Sands, Giuliana de Sio. 85 min. NCA.

INÉDITO NO CINEMA

Drama com trejeitos de filme de arte dos anos 60 e 70. Sem uma direção competente, este famoso caso, o de Emília, que deu origem à teoria junguiana de "æanimus" e "anima", perde sua força. Jung (Sands) aparece como um jovem médico tentando juntar à sua formação psiquiátrica uma psicologia ainda vacilante. Para aficionados.

F.C.

O PROCESSO DO DESEJO ★★★

(La Condanna, Itália, 1991) Direção: Marco Bellocchio. Com Vittorio Mezzogiorno, Claire Nebout. 90 min. Top Tape.

Bellocchio faz aqui um filme explosivo sobre o difícil aprendizado das relações entre homens e mulheres. Mezzogiorno – persuasivo, viril – fica preso dentro de um museu com Claire Nebout. Fazem o jogo da sedução. De manhã, ela descobre que ele tem as chaves. Leva-o aos tribunais, acusado de estupro. O juiz se perturba: incapaz de ter sexo legal com sua mulher, não sabe como reagir diante desse homem que parece deter o segredo do prazer feminino. Bellocchio, novamente com a cumplicidade do psiquiatra Massimo Fagioli, fala sobre violação. Vale a pena assistir, até como homenagem ao grande Mezzogiorno, morto em fevereiro.

L.C.M.

ORIENTAIS

O CHEIRO DO PAPAIA VERDE ★★★

(Mui Du Du Xanh, França, 1993) Direção: Tran Anh Ang. Com Lu Man San, Tran Nu Yen-Khe. 104 min. Top Tape.

Papaia Verde segue a trilha de *Como Água para Chocolate*. Faz do cinema uma arte para gourmets e usa a comida para falar de sexo. Conta a história de uma menina vietnamita que trabalha como empregada. A natureza participa da trama por meio da fruta e da chuva, dos grilos e das formigas que o filho da patroa tortura. É um filme sobre a mulher num universo de homens: o mundo parece imutável, visto do interior da casa, mas logo o Vietnã deixará de pertencer à França. É sensível e refinado, mas não seria tão bom se não contasse com atrizes cativantes como a menina Lu Man San. Seus olhos imensos transmitem assombro e magnetizam o espectador.

L.C.M.

A HISTÓRIA DE QIU JU ★★★

Neo-realismo à chinesa

Zhang Yimou colocou o cinema chinês no mapa com filmes como *Lanternas Vermelhas* e ajudou a impor a atriz Gong Li. Até Hollywood está interessada na moça, vencedora do prêmio de melhor atriz em Veneza por *Qiu Ju*. Já as autoridades de Pequim não gostaram muito e perseguiram o diretor. Yimou foi comparado ao mestre do neo-realismo, Roberto Rosselini, por filmar com câmeras disfarçadas nas ruas da capital chinesa. Queria mostrar a realidade como ela é, em estado bruto.

Gong Li é Qiu Ju, uma mulher em luta por seus direitos – no caso, em defesa do marido, que foi humilhado pelo prefeito da cidade. Qiu Ju passa por todos os escalões do governo para resolver a questão, na primeira incursão de Yimou pelo humor. A atriz está perfeita, mas o mesmo não se pode dizer do diretor: *Qiu Ju* exibe qualidades, mas Yimou é melhor quando solta seu esteticismo.

(Qiu Ju da Guansi, China/Hong Kong, 1992) Direção: Zhang Yimou. Com Gong Li, Liu Peigi, Lei Caosheng, 107 min. Europa/Carat.

LUIZ CARLOS MERTEN

Gong Li (de touca) em raro momento de confraternização familiar

Europa/Carat

INFANTIL

A PEDRA DOS SONHOS ★★★
(The Dreamstone, Inglaterra, 1990) Direção: Phil Robinson. 52 min. Mundo Mágico.

Esta série britânica vem sendo exibida pela TV Cultura. É do tipo de fábula inspirada pela obra do escritor irlandês J.R.R. Tolkien (autor de *O Senhor dos Anéis*, que inclusive rendeu um longa em animação de Ralph Bakshi). A fita traz dois episódios. No primeiro, o pequeno Rufus, aprendiz do Senhor dos Sonhos, tem a missão perigosa de recuperar a Pedra dos Sonhos, preciosidade roubada pelo terrível vilão Zodrak, o Senhor dos Pesadelos. No segundo, "O Balão Tricotado", Rufus e seus amigos enfrentam um plano engendrado por Zodrak mas executado por seus desmiolados agentes. A série tem humor ingênuo, um pouco repetitivo, e animação cuidada, se bem que pouco refinada. A originalidade ficou concentrada em alguns personagens, como o peixe-cão que serve de mascote ao Senhor dos Sonhos e o ótimo cientista assistente de Zodrak – com design psicodélico à moda de Gerald Scarfe, animador das seqüências em desenho de *The Wall*, de Alan Parker.

M.S.

OS FLINTSTONES E AMIGOS EM VIAGEM MALUCA ★★★
(EUA, 1992) Direção: William Joseph e Hanna Barbera. 57 min. Vídeo Arte Kids.

Quatro histórias bem-humoradas, que contam ainda com excelente qualidade de imagem e dublagem. No primeiro, "Hollyrock, Aqui Vou Eu", Betty e Wilma ganham um concurso de frases para as Almôndegas Mamãe Amélia e são premiadas com uma viagem ao mundo das estrelas, Hollyrock, sob os protestos de Fred e Barney. Os dois episódios centrais, com o jacaré Wally Gator e a dupla Luppy e Hardy – a velha e triste hiena que se lamenta de tudo – são curtos, quase uma seqüência de esquetes rápidos e divertidos. No quarto episódio, "O Longo, Longo Fim-de-Semana", os Flintstones embarcam numa viagem para o futuro – e quase cruzam com os Jetsons – num passe de mágica do extraterrestre Gazu. Uma verdadeira pérola. Dublado.

F.G.

VON PATO – UM QUACK VAMPIRO ★★★
(Count Duckula, Inglaterra, 1988) Direção: Chris Randall. 65 min. Mundo Mágico.

Animação de primeira com uma versão diferente do Conde Drácula: o último descendente do vampiro mais terrível da história é um pato bobão que vive no castelo da família na Transilvânia, sob os cuidados do mordomo Igor e da governanta atrapalhada Nanny. Uma noite, Igor conta a Von Pato a história de seus antepassados e o conde se interessa por um tal saxofone que faz o castelo se transportar no tempo e no espaço. Os três, então, vivem aventuras incríveis nas pirâmides do Egito e encontram piratas, vikings, valquírias e Sherlock Holmes. Até o dr. Frankenstein e sua criatura dão uma forcinha na história. Um desenho para toda a família.

D.P.

Sagres/Rio Filme

O elenco jovem enfrenta os perigos desta aventura com produção surpreendente

ERA UMA VEZ ★★★
Conto de fadas atualizado

O grande trunfo deste filme é o de ser uma produção brasileira infantil que não é da Xuxa nem dos Trapalhões. Entre suas virtudes está a de buscar uma combinação inteligente entre o universo dos contos de fada – com duendes, princesas, dragões e bruxas – e uma linguagem sintonizada com os novos tempos. Entre seus defeitos, a excessiva verbalização de mensagens edificantes contra a guerra e a favor da ecologia.

A história é simples e bem contada: numa época indeterminada, mas que evoca a Idade Média, dois adolescentes aventureiros e uma pequena ladra tentam livrar o mundo das guerras e salvar uma princesa da influência nefasta de um príncipe mau. Só que este é representado por um cantor meio punk, meio heavy metal – o que pode desagradar a garotada ligada no rock.

O fato de o diretor Arturo Uranga, argentino radicado no Brasil, ter criado os efeitos especiais de filmes dos Trapalhões e da série *Armação Ilimitada* tornou-o capaz de criar uma cenografia fabulosa sem gastar muito dinheiro.

(Brasil, 1994) Direção: Arturo Uranga. Com Rodrigo Pena, Tonico Pereira, Gabriela Alves. 100 min. Sagres/Rio Filme.

José Geraldo Couto

FIEVEL – UM CONTOAMERICANO (Volume 1) ★★
(Fievel's American Tails, EUA, 1992) Direção: Lawrence Zelig Jacobs. 48 min. CIC.

O simpático ratinho Fievel ganhou uma série de desenhos supervisionados de perto por Spielberg. É natural que os episódios não tenham o mesmo acabamento e encanto do longa de 1986, mas cumprem a função de divertir, com aventura e suspense a serviço de mensagens pedagógicas, "de bem". Na primeira história, "Em Busca do Ouro", uma pepita cai misteriosamente na janela de um comerciante, e os ratos de Green River iniciam uma arriscada corrida do ouro. Em "Amigos para Sempre", Tigre e Fievel se desentendem para mostrar o valor da amizade. A distribuidora vai lançar mais dois volumes da série, mensalmente. Dublado.

F.G.

DRAMA E AÇÃO DOMINAM O MÊS DE MAIO

Fox

Um grande destaque é *O Piano*, um dos filmes mais importantes do ano passado. Junto a ele, merecem especial atenção o também premiado *Adeus Minha Concubina*, de Chen Kaige; *Arizona Dream*, que reúne Jerry Lewis e Johnny Depp; a biografia *Malcolm X* (à direita), o projeto mais ambicioso de Spike Lee; e duas adaptações literárias com heroínas românticas personificadas pela francesa Isabelle Huppert, *A Dama das Camélias* e *Madame Bovary*.

Se o pique do espectador estiver mais para a adrenalina pura, a escolha pode ficar entre *Na Linha de Fogo* (à esquerda), no qual Clint Eastwood enfrenta um espertíssimo John Malkovich; o mexicano *El Mariachi*, já lendário por ter sido feito com supostos US$ 7 mil; o quase cult *Kalifornia*, que mostra o ex-casal Brad Pitt e Juliette Lewis em papéis desglamourizados; ou *O Demolidor* (abaixo), o segundo gol de Sylvester Stallone em 1993 rumo a uma recuperação de sua carreira.

Columbia TriStar

Para quem prefere pegar mais leve, há algumas boas opções musicais, como a biografia (OK, não tão leve assim) da cantora Tina Turner; *Funny Lady*, com Barbra Streisand, finalmente chegando em vídeo; e os inéditos *The Five Heartbeats*, sobre um grupo vocal fictício dos anos 60, e *Essa É a Minha Vida*, estréia na direção da roteirista Nora Ephron (*Sintonia de Amor*), com trilha assinada por Carly Simon.

Warner

BOLSA DE VÍDEO

Neste mês, destacam-se os dois filmes de Kieslowski, escolhidos pelos críticos entre várias obras de peso

	Celso Floravante Folha de S. Paulo	Luiz Carlos Merten O Estado de S. Paulo	Wanderley Sanches Veja São Paulo	José Norberto Flesch Folha da Tarde	Maria Angela de Jesus Jornal do Vídeo	Luiz Zini Pires Zero Hora	Marcelo Maia Jornal do Brasil	Roberto Rios TVA	Miguel Barbieri Jr. Diário Popular	Christian Petermann SET	Média
Não Matarás (United)	8	10	10	-	9	7	10	10	7	8	8.7
A Liberdade É Azul (Look)	6	9	10	8	8	8	10	8	-	8	8.3
Um Dia Muito Especial (Orovideo)	8	8	9	-	8	8	7	10	9	8	8.3
Ninotchka (Reserva Especial)	-	7	8	-	9	-	7	10	9	-	8.3
Napoleão (Continental)	7	8	8	-	8	9	-	8	-	-	8.0
A Glória de Meu Pai/O Castelo de Minha Mãe (Abril Vídeo)	7	7	-	-	8	8	7	10	-	7	7.7
A Grande Família de Stephen Frears (Europa)	7	8	8	6	7	-	8	-	-	7	7.3
A História de Qiu Ju (Europa)	7	6	9	8	6	9	7	-	-	6	7.2
O Cheiro do Papaia Verde (Top Tape)	5	7	8	-	-	-	8	8	-	7	7.1
Jogos e Trapaças (Warner)	8	8	-	7	-	-	7	6	7	-	7.1
Quando Fala o Coração (Continental)	-	7	-	6	7	7	-	9	-	6	7.0
O Fugitivo (Warner)	7	7	5	8	7	6	7	7	8	7	6.9
Leolo (Top Tape)	8	0	8	-	7	9	8	4	7	7	6.4
Nada É Para Sempre (Lk-Tel/ Vídeo)	-	7	7	6	6	-	7	6	-	6	6.4
Romance de Outono (Abril Vídeo)	7	6	-	6	7	-	7	4	7	6	6.2

PARADA JANEIRO

BRASIL

1. *Indochina (Indochine)* (Paris)
2. *O Atirador (Sniper)* (Europa)
3. *A Assassina (Point of no Return)* (Warner)
4. *Muito Barulho Por Nada (Much Ado About Nothing)* (Look)
5. *Lua de Fel (Bitter Moon)* (Paris)
6. *Boiling Point - Em Ponto de Bala (Boiling Point)* (Lk-Tel/Vídeo)
7. *Proposta Indecente (Indecent Proposal)* (CIC)
8. *Despertar de Um Homem (This Boy's Life)* (Top Tape)
9. *A Revolta dos Brinquedos (Toys)* (Abril Vídeo)
10. *Um Dia de Fúria (Falling Down)* (Warner)

Fontes: Real Vídeo (SP), Hobby Vídeo (SP), Vídeo Factory (SP), Primeramu's (SP), Scorpius (GO) Cine Vídeo (GO), Star Vídeo (GO), Canal do Vídeo (MG), Cia do Vídeo (MG), Dumont Vídeo & Games (MG), Copa 6 (RJ), Vídeo Shack (RJ), Vídeo Clube Nacional (RJ), Open Vídeo (RS), Back I (RS).

E.U.A.

1. *In the Line of Fire (Na Linha de Fogo)* (Columbia TriStar)
2. *Hard Target (O Alvo)* (MCA/Universal)
3. *Rookie of the Year* (Fox Vídeo)
4. *Last Action Hero (O Último Grande Herói)* (Columbia TriStar)
5. *The Firm (A Firma)* (Paramount)
6. *Sleepless in Seattle) (Sintonia de Amor)* (Columbia TriStar)
7. *The Real McCoy* (MCA/Universal)
8. *Hocus Pocus (Abracadabra)* (Disney)
9. *Robin Hood: Men in Tights (As Loucas, Loucas Aventuras de Robin Hood)* (Fox Vídeo)
10. *The Secret Garden (O Jardim Secreto)* (Warner)

Fonte: *Entertainment Weekly* 04/02/94

Videoteca

Personalidades falam sobre o Oscar em vídeo

Beti Niemeyer

JOSÉ WILKER, ator e diretor de teatro:

"Gosto de rever filmes, mas não me baseio nas premiações do Oscar. Para mim, não passa de um festival da indústria do cinema, no qual algumas estatuetas não têm o destino certo, como o caso de melhor ator em 1969 para John Wayne por *Bravura Indômita* (CIC). Quem deveria ter levado era Dustin Hoffman, por *Perdidos na Noite* (Warner). Gosto muito do cinema da década de 30, *noir*, italiano, como Fellini e Visconti, e japonês. Aproveitando que estou trocando meus cassetes por disc laser, gostaria muito de ter dois títulos que me faltam: *Ludwig, O Último Rei da Bavária* (Continental) e *O Leopardo*, que ainda não saiu em vídeo no Brasil."

Nani Gois

CARLOS ROBERTO TOALDO, jogador da Seleção Brasileira de Vôlei:

"Por falta de tempo, chego a pegar três filmes num final de semana e assistir só a um e meio. Assisto muito aos gêneros comédia e aventura – são os que mais me atraem –, mas por toda propaganda feita e recomendações das pessoas vi *O Último Imperador* (LK-Tel/Vídeo), de Bernardo Bertolucci, ganhador de nove Oscar em 1987. Mesmo assim não gostei; achei extremamente lento, quase parado. Por outro lado, um drama que achei excelente sem ter ganho nenhum prêmio e gostaria de ter em vídeo é *O Óleo de Lorenzo* (CIC). Gostei muito do trabalho de Nick Nolte, sou fã dele."

Pedro Gomes

JOSÉ MOJICA MARINS, o Zé do Caixão, cineasta e produtor:

"Tenho andado muito ocupado com as filmagens do meu mais recente trabalho e às voltas com uma viagem para os EUA e Europa, por isso não acompanhei as premiações recentes. Lembrando dos mais antigos, *Ben-Hur* (Vídeo Arte) – o recordista do Oscar, com onze estatuetas em 1959 –, continua bastante contemporâneo, pois marcou a história da verdade, o nascimento do homem que acredito ter surgido no Egito. Outro filme importante para mim é *Doutor Jivago* (Vídeo Arte) – que levou cinco estatuetas em 1965 –, com Omar Sharif. Apesar de muitos o acharem canastrão, gosto de seu desempenho. Gostaria muito de tê-los em minha videoteca."

SET Recomenda

Por Christian Petermann

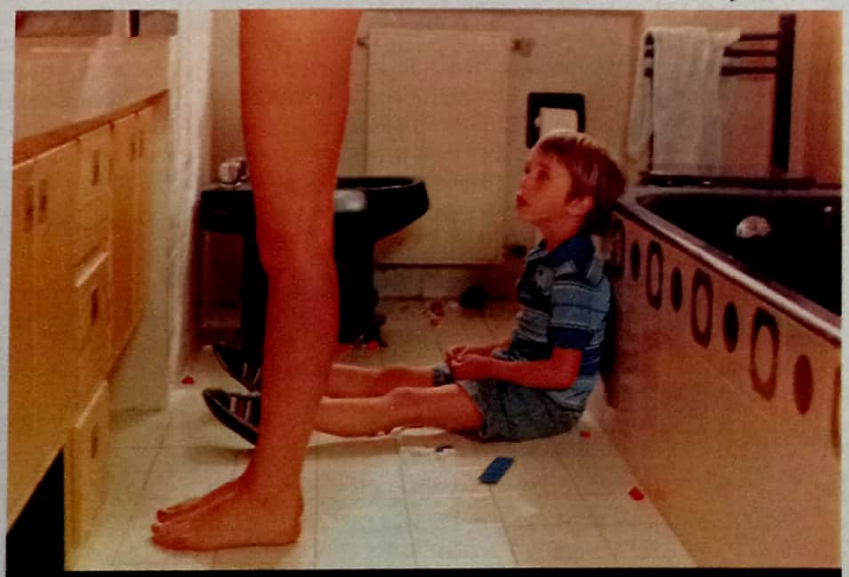
Tesouros Escondidos nas Prateleiras de Sua Videolocadora

PEQUENAS CHAMAS
(Piccoli Fuochi, Itália, 1988) Direção: Peter Del Monte. Com Valeria Golino, Dino Jaksic. 93 min. F.J. Lucas/Concorde.

Peter Del Monte consegue por vezes escapar do ridículo, adjetivo que rege a produção de *Júlia e Júlia*, com Kathleen Turner. Aqui ele trabalha com um entrecho complicado, mas se mantém dono da situação. O universo narrativo do filme é o rico mundo da imaginação infantil. O garoto Dino Jaksic interpreta um menino fechadão, cujos únicos amigos são seus brinquedos, que assumem vida real e o monopolizam com joguinhos de poder e dependência. A situação muda quando a bela Valeria Golino (*Top Gang!*) é contratada como sua babá. Os brinquedos, enciumados, são relegados a segundo plano, e o garoto inicia sua educação sexual com uma relação obsessiva e intransigente. Sem psicologismos baratos, o filme faz questão de não definir os limites entre realidade e fantasia.

NA ESTRADA DA VIDA
(Christian, Dinamarca/França, 1989) Direção: Gabriel Axel. Com Nikolaj Christensen, Nathalie Bruss. 96 min. Paris.

O diretor de *A Festa de Babette* cria aqui uma obra simples e tranqüila, mas sem a magia e a coesão de seu trabalho premiado com o Oscar. De qualquer forma, é sempre interessante acompanhar esta aventura dramática *on the road* de um adolescente que foge de um reformatório em Copenhage, atravessa a França e a Inglaterra e vai parar no Marrocos, onde se apaixona por uma "nativa" e vive uma situação totalmente Romeu e Julieta. Christian, o protagonista, empunha seu violão, comunica-se com os povos através da música e, em troca, degusta pratos e mais pratos da gastronomia típica de cada localidade. Axel parece obcecado por comida, e o espectador faz turismo cultural com um filme belo e espontâneo.


Dino Jaksic admira boquiaberto as pernas de Valeria Golino: grandes chamas

NO TEATRO DA VIDA
(Who Am I This Time?, EUA, 1982) Direção: Jonathan Demme. Com Susan Sarandon, Christopher Walken. 60 min. Nacional.

Depois de *O Silêncio dos Inocentes* e *Filadélfia*, é pertinente conhecer um Demme de começo de carreira, um telefilme curto baseado em conto de Kurt Vonnegut Jr. Nesta obra simpática e irresistível, Sarandon ingressa em um grupo de teatro amador e aproveita a montagem de *Um Bonde Chamado Desejo* para tentar conquistar seu parceiro de palco, um tímido auxiliar de comércio (Walken) que só se solta ao encarnar um personagem (daí o título original, "quem sou desta vez?"). Os dois arrasam. Como se não bastasse, esta pequena e pouquíssimo conhecida pérola conta com uma trilha incidental assinada por John Cale, ex-Velvet Underground.

O MAPA DO OSCAR

Todos os vencedores do prêmio de melhor filme disponíveis nas locadoras

... E O VENTO LEVOU

(Gone with the Wind). EUA, 1939. Direção: Victor Fleming. Com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard, Olivia de Havilland, Hattie McDaniel. 220 min. Vídeo Arte.

Este épico sobre a Guerra Civil e a determinação da jovem Scarlett O'Hara incendiou a imaginação do público à época. Nove Oscar, inclusive de atriz (Leigh), atriz coadjuvante (McDaniel) e direção.

REBECCA, A MULHER INESQUECÍVEL

(Rebecca). EUA, 1940. Direção: Alfred Hitchcock. Com Laurence Olivier, Joan Fontaine, George Sanders. 130 min. Continental.

Estréia de Hitch nos EUA, baseada na obra de Daphne du Maurier. A mulher de um milionário é perturbada pela memória da falecida primeira esposa. Atuações impecáveis e Oscar de fotografia.

CASABLANCA

(Casablanca). EUA, 1943. Direção: Michael Curtiz. Com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman, Paul Henreid, Claude Rains. 102 min. Warner.

Um par romântico inesquecível, a canção "As Time Goes By", diálogos enxutos e elenco perfeito. Oscar também de direção e roteiro.

Casablanca

HAMLET

(Hamlet). Inglaterra, 1948. Direção: Laurence Olivier. Com Olivier, Jean Simmons, Basil Sydney. 153 min. F.J. Lucas/Concorde.

Versão tensa e econômica da obra de Shakespeare sobre o príncipe da Dinamarca atormentado pela visão do espectro de seu pai e pela decadência de seu reino. Quatro Oscar, inclusive de ator (Olivier).

SINFONIA DE PARIS

(An American in Paris). EUA, 1951. Direção: Vincente Minnelli. Com Gene Kelly, Leslie Caron, Nina Foch. 113 min. Vídeo Arte.

Jovem americano tenta a sorte como pintor em Paris. Enquanto isso, oscila entre o amor de uma milionária e o de uma balconista. Belas canções dos irmãos Gershwin e seis Oscar.

O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA

(The Greatest Show on Earth). EUA, 1952. Direção: Cecil B. DeMille. Com Betty Hutton, Charlton Heston, Cornel Wilde, Dorothy Lamour, James Stewart. 153 min. CIC.

Superprodução sobre os bastidores de um espetáculo de circo, com belos números, muita diversão e um famoso desastre de trem.

A UM PASSO DA ETERNIDADE

(From Here to Eternity). EUA, 1953. Direção: Fred Zinnemann. Com Burt Lancaster, Montgomery Clift, Deborah Kerr, Donna Reed, Frank Sinatra. 118 min. LK-Tel/Vídeo.

O beijo mais famoso do cinema acontece num acampamento militar em Honolulu, às vésperas do bombardeio japonês sobre Pearl Harbor. Clássico que levou oito Oscar – incluindo direção e coadjuvantes (Reed e Sinatra).

SINDICATO DE LADRÕES

(On the Waterfront). EUA, 1954. Direção: Elia Kazan. Com Marlon Brando, Karl Malden, Lee J. Cobb, Eva Marie Saint. 108 min. LK-Tel/Vídeo.

Corrupção e conflitos nas docas de Nova York são o pano de fundo desta grande obra. Prêmio do Júri em Veneza e oito Oscar – incluindo direção, ator (Brando) e atriz coadjuvante (Saint).

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

(Around the World in 80 Days). EUA, 1956. Direção: Michael Anderson. Com David Niven, Cantinflas, Shirley MacLaine, Charles Boyer, Marlene Dietrich, John Gielgud, Buster Keaton, Peter Lorre, Frank Sinatra. 167 min. Warner/Brenno Rossi.

Elenco estelar em versão da obra de Verne sobre um nobre que aposta ser capaz de dar a volta ao mundo num balão em 80 dias. Cinco Oscar.

A PONTE DO RIO KWAI

(The Bridge on the River Kwai). Inglaterra, 1957. Direção: David Lean. Com William Holden, Alec Guinness, Jack Hawkins. 161 min. LK-Tel/Vídeo.

A música-tema é irresistível, e este épico sobre um grupo de prisioneiros que, na Segunda Guerra, deve construir uma ponte que servirá ao inimigo japonês continua brilhante. Sete Oscar, incluindo direção e ator (Guinness).

AS NOITES DE CABÍRIA

(Le Notti di Cabiria). Itália, 1957. Direção: Federico Fellini. Com Giulietta Masina, François Perrier, Amedeo Nazzari. 90 min. VTI.

A atuação de Masina faz jus à beleza e à dramaticidade deste filme sobre as ilusões e decepções da prostituta que vive entre a escória mas sonha com um príncipe encantado.

GIGI

(Gigi). EUA, 1958. Direção: Vincente Minnelli. Com Leslie Caron, Louis Jourdan, Maurice Chevalier. 116 min. Warner.

Aprendiz de cortesã se apaixona por homem de quem deveria ser apenas amante. Lindas canções e cenários. Nove Oscar, incluindo direção.

MEU TIO

(Mon Oncle). França, 1958. Direção: Jacques Tati. Com Jacques Tati, Jean-Pierre Zola, Adrienne Servantie. 116 min. Globo Vídeo.

Genial fábula sobre a modernização e a pequena burguesia. Tati, como de hábito, encarna aqui o seu solteirão desocupado, o sr. Hulot. Levou também o prêmio especial em Cannes.

BEN-HUR

(Ben-Hur). EUA, 1959. Direção: William Wyler. Com Charlton Heston, Stephen Boyd, Jack Hawkins, Hugh Griffith. 211 min. Vídeo Arte.

A saga do rico Judá – que, nos primórdios da Era Cristã, simpatiza com a idéia de pôr fim ao domínio romano em Jerusalém – arrebatou onze Oscar, inclusive de direção, ator (Heston) e ator coadjuvante (Griffith). É o recordista em estatuetas.

ORFEU DO CARNAVAL

(Orphée Noir). França/Brasil, 1959. Direção: Marcel Camus. Com Breno Melo, Marpessa Dawn, Lourdes de Oliveira. 100 min. Globo Vídeo.

Baseado na peça *Orfeu da Conceição*, de Vinicius

de Moraes, transpõe o mito de Orfeu para os morros cariocas. Músicas de Vinicius, Luis Bonfá e Jobim. Também vencedor em Cannes.

SE MEU APARTAMENTO FALASSE
(The Apartment). EUA, 1960. Direção: Billy Wilder. Com Jack Lemmon, Shirley MacLaine, Fred MacMurray. 125 min. Warner/Brenno Rossi.

Comédia amarga do mestre Wilder sobre escriturário que empresta seu apartamento para encontros amorosos de seus chefes. Lá pelas tantas, apaixona-se pela amante de executivo da empresa. Cinco Oscar, incluindo direção.

AMOR, SUBLIME AMOR
(West Side Story). EUA, 1961. Direção: Robert Wise, Jerome Robbins. Com Natalie Wood, Richard Beymer, George Chakiris, Rita Moreno, Russ Tamblyn. 155 min. Warner.

Leva Romeu e Julieta para o universo das gangues nova-iorquinas dos anos 50. Grandes canções e coreografias e dez Oscar – incluindo direção e coadjuvantes (Moreno e Chakiris).

LAWRENCE DA ARÁBIA
(Laurence of Arabia). Inglaterra, 1962. Direção: David Lean. Com Peter O'Toole, Omar Sharif, Arthur Kennedy, Alec Guinness, Anthony Quinn. 206 min. LK-Tel/Vídeo.

O'Toole vive o militar, arqueólogo e escritor T.E. Lawrence, que trocou o Exército britânico por um papel-chave na unificação árabe. Sete merecidos Oscar, incluindo direção. A versão em vídeo é a restaurada por Lean.

AS AVENTURAS DE TOM JONES
(Tom Jones). Inglaterra, 1963. Direção: Tony Richardson. Com Albert Finney, Susannah York, Hugh Griffith. 129 min. Look.

Quatro Oscar, incluindo para a direção de Richardson, que lançou em vídeo uma versão remontada. A história de um filho de empregados que é educado pelo seu nobre tutor inglês no final do século 18 continua uma obra ousada e inquieta.

ONTEM, HOJE E AMANHÃ
(Ieri, Oggi e Domanni). Itália/França, 1964. Direção: Vittorio De Sica. Com Sophia Loren, Marcello Mastroianni. 118 min. Century.

Time de primeira em três histórias bem italianas. Na primeira, contrabandista engravida para escapar da prisão; na segunda, ricaça espanta o tédio com escritor pobretão; na terceira, uma promessa atrapalha o trabalho da protagonista.

A Ponte do Rio Kwai

Columbia Pictures

A NOVIÇA REBELDE
(The Sound of Music). EUA, 1965. Direção: Robert Wise. Com Julie Andrews, Christopher Plummer, Eleanor Parker. 174 min. Abril Vídeo.

A história da noviça que cuida dos filhos de um aristocrata antinazista às vésperas da Segunda Guerra parece conto de fadas, mas é baseada em fato real. As canções viraram coqueluche na época. Cinco Oscar, incluindo direção.

O HOMEM QUE NÃO VENDEU SUA ALMA
(A Man for All Seasons). Inglaterra, 1966. Direção: Fred Zinnemann. Com Paul Scofield, Wendy Hiller, Leo McKern, Susannah York, Orson Welles, Robert Shaw. 120 min. LK-Tel/Vídeo.

Reconstituição histórica excelente – embora pesada – sobre o dilema ético que Henrique 8º criou na Inglaterra ao se divorciar de Catarina de Aragão para se casar com Ana Bolena. Seis Oscar, inclusive direção e ator (Scofield).

UM HOMEM, UMA MULHER
(Un Homme et une Femme). França, 1966. Direção: Claude Lelouch. Com Anouk Aimée, Jean-Louis Trintignant. 102 min. Warner.

Piloto de corridas e continuísta de cinema buscam uma nova chance no amor. Romance clássico, vencedor também em Cannes.

NO CALOR DA NOITE
(In the Heat of the Night). EUA, 1967. Direção: Norman Jewison. Com Sidney Poitier, Rod Steiger, Warren Oates, Lee Grant. 109 min. Opção.

Thriller entusiasmante. Steiger levou o Oscar (um dos cinco do filme) no papel do xerife sulista em conflito com detetive negro (Poitier). Marcou época a trilha sonora de Quincy Jones.

Amor, Sublime Amor

Reina

PERDIDOS NA NOITE
(Midnight Cowboy). EUA, 1969. Direção: John Schlesinger. Com Jon Voight, Dustin Hoffman, Brenda Vaccaro, Sylvia Miles. 86 min. Warner.

A história do caipira que vai a Nova York para enriquecer como michê e acaba se ligando a um marginal foi um marco do final dos 60, ao narrar com ousadia a vida na América dos deserdados. Oscar também de direção e roteiro.

PATTON, REBELDE OU HERÓI?
(Patton). EUA, 1970. Direção: Franklin J. Schaffner. Com George C. Scott, Karl Malden, Michael Bates. 169 min. Abril Vídeo.

Um marco das cinebiografias, narra a trajetória do polêmico general George S. Patton e seu comando durante a Segunda Guerra. Sete Oscar, inclusive de direção e ator (Scott).

INVESTIGAÇÃO SOBRE UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA
(Indagine su un Cittadino al di Sopra di Ogni Sospetto). Itália, 1970. Direção: Elio Petri. Com Gian Maria Volonté, Florinda Bolkan, Orazio Orlandi. 114 min. LK-Tel/Vídeo.

Marco do cinema político dos anos 60/70. Volonté é um chefe de polícia que mata a amante certo de sua impunidade. Prêmios do Júri e Crítica em Cannes. Versão dublada em inglês.

OPERAÇÃO FRANÇA
(The French Connection). EUA, 1971. Direção: William Friedkin. Com Gene Hackman, Fernando Rey, Roy Scheider. 104 min. Abril Vídeo.

Investigador tenta deter avanço de uma organização de tráfico de drogas. A famosa seqüência de perseguição é incomparável. Cinco Oscar, incluindo direção e ator (Hackman).

O PODEROSO CHEFÃO
(The Godfather). EUA, 1972. Direção: Francis Ford Coppola. Com Marlon Brando, Al Pacino, James Caan, Richard Castellano, Diane Keaton, Robert Duvall. 175 min. CIC.

A saga do mafioso Don Corleone no submundo dos anos 40/ 50. Cenas clássicas, interpretações idem e trilha genial de Nino Rota. Oscar também de ator (Brando, que recusou o prêmio) e roteiro.

O DISCRETO CHARME DA BURGUESIA
(Le Charm Discret de la Bourgeoisie). França/Espanha/Itália, 1972. Direção: Luis Buñuel. Com Fernando Rey, Delphine Seyrig, Stéphane Audran. 105 min. Sagres.

Acontecimentos bizarros interrompem o jantar de seis burgueses em obra da última fase de Buñuel – que, ajudado pelo ótimo elenco, expõe com grandeza o melhor de seu humor crítico.

Amadeus

Condor Filmes

GOLPE DE MESTRE
(The Sting). EUA, 1973. Direção: George Roy Hill. Com Paul Newman, Robert Redford, Robert Shaw, Charles Durning. 129 min. CIC.

Os protagonistas garantem a diversão na história de dois trapaceiros que tentam passar a perna num mafioso de Chicago. Sete Oscar, inclusive de direção – muito charmosa – e trilha sonora – ótima, com temas de Scott Joplin.

A NOITE AMERICANA
(La Nuit Americaine). França/Itália, 1973. Direção: François Truffaut. Com Jacqueline Bisset, Jean-Pierre Aumont, Valentina Cortese, François Truffaut. 115 min. Warner.

Bela homenagem ao cinema, narra o cotidiano de uma filmagem e as incertezas de um diretor (Truffaut) . Há ainda Bisset, linda, e o talento de Cortese. Vídeo dublado em inglês.

O PODEROSO CHEFÃO PARTE 2
(The Godfather, Part II). EUA, 1974. Direção: Francis Ford Coppola. Com Al Pacino, Robert Duvall, Robert De Niro, Diane Keaton, Talia Shire, Lee Strasberg, John Cazale. 200 min. CIC.

Com a morte de Don Corleone, seu filho assume os negócios. *Flashbacks* explicam os primórdios do império Corleone. Continuação à altura do original. Seis Oscar, incluindo direção e ator coadjuvante (De Niro).

AMARCORD
(Amarcord). Itália/ França, 1974. Direção: Federico Fellini. Com Magali Noel, Bruno Zanin, Pupella Maggio. 127 min. Warner.

A música de Nino Rota embala as recordações da infância de Fellini . Fascistas, transatlânticos, muito cinema e figuras bizarras povoam o clima nostálgico, mas bem-humorado.

UM ESTRANHO NO NINHO
(One Flew Over the Cuckoo's Nest). EUA, 1975. Direção: Milos Forman. Com Jack Nicholson, Louise Fletcher. 134 min. Condor.

Condenado finge-se de louco para ser removido para hospício. Lá ganha a inimizade da enfermeira por incitar a rebeldia. Parábola cruel sobre o poder, levou cinco Oscar – incluindo direção, ator (Nicholson) e atriz (Fletcher).

DERSU UZALA
(Dersu Uzala). URSS/Japão, 1975. Direção: Akira Kurosawa. Com Maxim Munzuk, Juri Solomine. 140 min. Globo Vídeo.

No século 19, caçador mongol fica amigo de pesquisador russo que mapeia as extensões siberianas. Paisagens maravilhosas e uma imensa melancolia regem esta fábula sobre o relacionamento entre os homens e destes com a natureza.

ROCKY, UM LUTADOR
(Rocky). EUA, 1976. Direção: John G. Avildsen. Com Sylvester Stallone, Burgess Meredith, Talia Shire. 119 min. Warner.

Stallone escreveu esta história de um boxeador de segunda linha que enfrenta campeão. O ufanismo abafa algumas das qualidades deste filme. Oscar também de direção e montagem.

O FRANCO-ATIRADOR
(The Deer Hunter). EUA, 1978. Direção: Michael Cimino. Com Robert De Niro, John Cazale, John Savage, Meryl Streep, Christopher Walken. 183 min. VTI.

Cimino levantou muita poeira com sua visão do envolvimento dos EUA no Vietnã. Conduzindo a história, um grupo de metalúrgicos convocados para a guerra. Cinco Oscar, inclusive de direção e ator coadjuvante (Walken).

KRAMER VS. KRAMER
(Kramer Vs. Kramer). EUA, 1979. Direção: Robert Benton. Com Dustin Hoffman, Justin Henry, Meryl Streep. 105 min. LK-Tel/Vídeo.

Publicitário ganha a custódia de seu filho pequeno e luta com a mulher nos tribunais para manter o menino junto a si. Feito para arrancar lágrimas. Cinco Oscar – incluindo direção, ator (Hoffman) e atriz coadjuvante (Streep).

GENTE COMO A GENTE
(Ordinary People). EUA, 1980. Direção: Robert Redford. Com Donald Sutherland, Mary Tyler Moore, Timothy Hutton. 124 min. CIC.

Redford estréia na direção com história de rapaz que recorre à psicanálise para enfrentar a culpa que sente pela morte do irmão. Oscar também de direção, roteiro e ator coadjuvante (Hutton).

MOSCOU NÃO ACREDITA EM LÁGRIMAS
(Moskva Slezam ne Verit). URSS, 1980. Direção: Vladimir Menshov. Com Vera Alentova, Irina Muravyova, Raisa Ryazanova. 150 min. Globo Vídeo.

Nos anos 50, três interioranas mudam-se para Moscou em busca de trabalho e de uma nova vida. Melodramático, lento, mas correto.

CARRUAGENS DE FOGO
(Chariots of Fire). Inglaterra, 1981. Direção: Hugh Hudson. Com Ben Cross, Ian Charleson, Nigel Havers, Alice Krige, Ian Holm, John Gielgud. 123 min. Abril Vídeo.

Missionário escocês e estudante judeu disputam nas pistas de corrida as Olimpíadas de 24. Bela reconstituição de época e cenas de esporte emocionantes deram quatro Oscar a este filme. A trilha sonora de Vangelis é um clássico.

MEPHISTO
(Mephisto). Hungria/Alemanha, 1981. Direção: István Szabó. Com Klaus Maria Brandauer, Ildikó Bansági, Krystyna Janda. 135 min. Poletel.

O personagem Mephisto serve de metáfora para a vida do ator Gustaf Gründgens, que flertou com os nazistas na Alemanha de Hitler. Brandauer tem seu melhor papel em obra marcante, baseada em romance de Klaus Mann.

GANDHI
(Gandhi). Inglaterra, 1982. Direção: Richard Attenborough. Com Ben Kingsley, Candice Bergen, Edward Fox, John Gielgud. 188 min. LK-Tel/Vídeo.

Monumental – e acadêmica – cinebiografia do líder político e espiritual indiano. Oito Oscar, incluindo direção e ator (Kingsley).

LAÇOS DE TERNURA
(Terms of Endearment). EUA, 1983. Direção: James L. Brooks. Com Shirley MacLaine, Debra Winger, Jack Nicholson. 126 min. CIC.

Começa como a crônica de uma relação entre mãe e filha e termina como um drama sobre câncer. Cinco Oscar, incluindo atriz (MacLaine), ator coadjuvante (Nicholson) e direção.

FANNY E ALEXANDRE

(Fanny och Alexander). Suécia/França/Alemanha, 1983. Direção: Ingmar Bergman. Com Gunn Walgren, Ewa Fröling. 188 min. Poletel.

Obra atípica – mas magnífica – de Bergman, narra os acontecimentos que revolucionam a vida de uma rica família sueca no início do século. Levou o Oscar de filme estrangeiro e mais quatro prêmios da Academia.

AMADEUS

(Amadeus). EUA, 1984. Direção: Milos Forman. Com Tom Hulce, F. Murray Abraham, Elizabeth Berridge. 158 min. Condor.

Baseado na peça de Peter Shaffer, criou polêmica ao tratar de forma historicamente discutível a personalidade e a obra de Antonio Salieri, suposto rival de Mozart. Mas a produção é envolvente e tem grandes intérpretes. Oito Oscar, incluindo direção e ator (Abraham).

ENTRE DOIS AMORES

(Out of Africa). EUA, 1985. Direção: Sydney Pollack. Com Meryl Streep, Robert Redford, Klaus Maria Brandauer. 150 min. CIC.

Escritora recorda a vida na África, o casamento com um aristocrata e a paixão por um aventureiro. Baseado em obras autobiográficas da dinamarquesa Karen Blixen, apóia-se no elenco e paisagens deslumbrantes. Sete Oscar, incluindo direção.

A HISTÓRIA OFICIAL

(La Historia Oficial). Argentina, 1985. Direção: Luis Puenzo. Com Norma Aleandro, Héctor Alterio. 112 min. América.

Conta de forma sincera o drama dos desaparecidos políticos durante o regime militar na Argentina. Aleandro arrebata como a professora que descobre a realidade sobre seu país e seu marido.

PLATOON

(Platoon). EUA, 1986. Direção: Oliver Stone. Com Tom Berenger, Willem Dafoe, Charlie Sheen, Francesco Quinn. 120 min. LK-Tel/Vídeo.

Combatente do Vietnã narra a violência e o horror da guerra em cartas à sua avó na primeira parte da trilogia de Stone sobre o tema (completada com *Nascido em 4 de Julho* e *Entre o Céu e a Terra*). Quatro Oscar, incluindo direção.

O ATAQUE

(De Aanslag). Holanda, 1986. Direção: Fons Rademakers. Com Derek De Lint, Marc van Uchelen. 149 min. América.

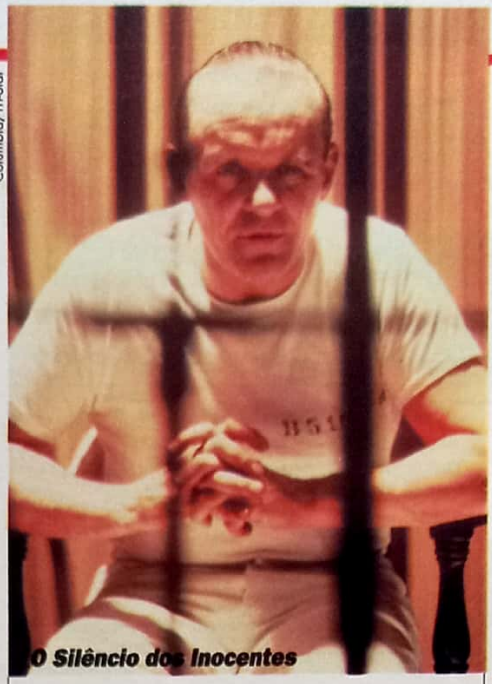
Homem é perseguido pelo fantasma da violência dos oficiais alemães, que na sua infância causaram a desintegração de sua família. Simplista, mas pungente.

O ÚLTIMO IMPERADOR

(The Last Emperor). EUA/Itália/Inglaterra, 1987. Direção: Bernardo Bertolucci. Com John Lone, Joan Chen, Peter O'Toole, Ryuichi Sakamoto. 165 min. LK-Tel/Vídeo.

Magnífica cinebiografia de Pu Yi, o imperador chinês que subiu ao trono em 1908, aos três anos, para logo ficar confinado à Cidade Proibida e, na idade adulta, ser julgado pelo governo comunista. Nove Oscar, inclusive de direção.

Columbia/Tri-Star



O Silêncio dos Inocentes

A FESTA DE BABETTE

(Babette's Gaestebud). Dinamarca, 1987. Direção: Gabriel Axel. Com Stéphane Audran, Brigitte Fedrespiel, Bibi Anderson. 111 min. Look.

No século 19, francesa refugia-se na Dinamarca como empregada de duas irmãs devotas. Ao ganhar na loteria, decide homenageá-las com um estupendo jantar. Explora com delicadeza o conflito entre a austeridade e o prazer.

RAIN MAN

(Rain Man). EUA, 1988. Direção: Barry Levinson. Com Dustin Hoffman, Tom Cruise, Valeria Golino. 140 min. Warner.

Jovem descobre que a herança que esperava foi destinada a seu irmão autista – cuja existência ele ignorava. Profissional, mas melô. Quatro Oscar, inclusive de direção e ator (Hoffman).

PELLE, O CONQUISTADOR

(Pelle Erobreren). Dinamarca/Suécia, 1988. Direção: Bille August. Com Max Von Sydow, Pelle Hvenegaard. 150 min. Vídeo Arte/Alvorada.

No final do século 19, pai e filho emigram da Suécia para a Dinamarca em busca de uma vida melhor. Linda fotografia e a ótima atuação de Von Sydow. Vencedor também em Cannes.

CONDUZINDO MISS DAISY

(Driving Miss Daisy). EUA, 1989. Direção: Bruce Beresford. Com Jessica Tandy, Morgan Freeman, Dan Aykroyd. 99 min. Paris.

A amizade entre uma rica senhora judia e seu motorista negro na preconceituosa Geórgia, a partir dos anos 40. Grandes atuações e quatro Oscar, inclusive o de atriz (Tandy).

CINEMA PARADISO

(Cinema Paradiso). Itália, 1989. Direção: Giuseppe Tornatore. Com Philippe Noiret, Jacques Perrin, Salvatore Cascio. 123 min. LK-Tel/Vídeo.

Cineasta recorda a infância no interior, marcada pela amizade com o projecionista do cinema local. Prêmio especial do Júri em Cannes.

DANÇA COM LOBOS

(Dances with Wolves). EUA, 1990. Direção: Kevin Costner. Com Kevin Costner, Graham Greene, Mary McDonnell. 180 min. Abril Vídeo.

Costner defende valores morais e ecologia em sua estréia na direção. Durante a Guerra Civil, tenente vai para território dominado pelos índios – que ele aprende a respeitar. Sete Oscar, incluindo direção.

A VIAGEM DA ESPERANÇA

(Reise der Hoffnung). Suíça, 1990. Direção: Xavier Koller. Com Necmettin Çobanoglu, Nur Srer. 110 min. VTI.

Narra de forma seca e impiedosa a emigração de uma família turca em direção aos Alpes suíços à procura de uma vida melhor.

O SILÊNCIO DOS INOCENTES

(The Silence of the Lambs). EUA, 1991. Direção: Jonathan Demme. Com Anthony Hopkins, Jodie Foster, Scott Glen. 118 min. LK-Tel/Vídeo.

Para entender a mente de um *serial killer*, agente do FBI "consulta-se" com fascinante psicopata. Tenso e aterrorizante. Oscar também de direção, ator (Hopkins), atriz (Foster) e roteiro.

MEDITERRÂNEO

(Mediterraneo). Itália, 1991. Direção: Gabriele Salvatores. Com Diego Abatantuono, Claudio Bigagli, Giuseppe Cederna. 92 min. Vídeo Arte.

Na Segunda Guerra, soldados italianos são deixados em ilha grega. Levanta a bandeira do pacifismo com humor e locações que deixam o público louco para ser esquecido na Grécia também.

OS IMPERDOÁVEIS

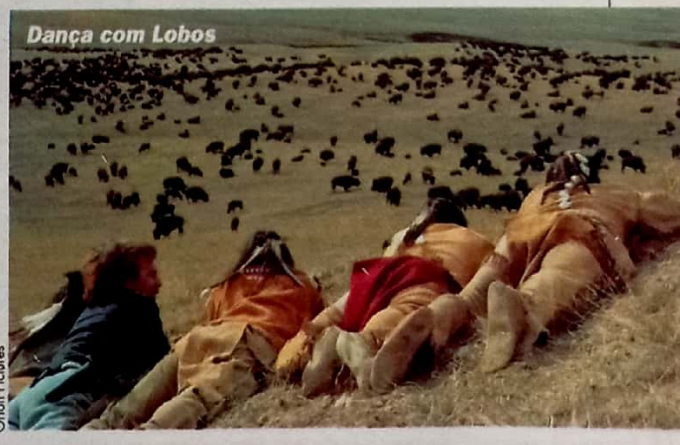
(Unforgiven). EUA, 1992. Direção: Clint Eastwood. Com Clint Eastwood, Gene Hackman, Morgan Freeman, Richard Harris. 130 min. Warner.

Clint ressuscitou o faroeste com história de pistoleiro que volta à ativa para fugir da miséria. Filme amargurado, que usa a violência para fazer um libelo contra os violentos. Quatro Oscar, incluindo direção e coadjuvante (Hackman).

INDOCHINA

(Indochine). França, 1992. Direção: Régis Wargnier. Com Catherine Deneuve, Vincent Perez, Linh Dan Pham. 155 min. Paris.

Épico intimista sobre o fim da presença colonial francesa na região, em paralelo com um trágico triângulo amoroso. Grandiloqüente.



Dança com Lobos

Orion Pictures

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editores-Assistentes: Deborah Peleias, Christian Petermann
Diretor de Arte: Michel Spitale
Editores-Assistentes de Arte: Maria Amélia de Azevedo, Izau Norbertino
Coordenadora de Produção: Sueli Murakami
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Colaboram nesta edição: Texto: Alexandre Ortiz Ramos, Alfredo Sternheim, André Barcinski (Los Angeles), Cesar Garcia Lima, Claudia S. de Lima, Edson Arantes, Ellen Alaver, Fátima Gigliotti, Francisco Costa, Inácio Araújo, José Geraldo Couto, Luiz Carlos Merten, Luiz Nazário, Marcos Smirkoff, Paulo de Góes, Sergio Rizzo, Thales de Menezes, Walter da Silva. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos.

PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Nilo Galdeano Bastos, Ricardo Santos
Gerente: Ana Lúcia Serra
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Mochnacs Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antonio Perissinoto, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ariovaldo Carrera Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **ISSN 0104 -1592,** edição 82, de Abril/1994. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara. 160 - 15º andar - salas 1534/35, Centro, CEP 20020-080, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1486. CP 4816. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista: **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER **Fotolito:** Post Script Artes Gráficas, IVC Fotoline Ltda. Birô de Processamento de Texto e Imagem Ltda.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

NOSSAS DOZE ÚLTIMAS EDIÇÕES

Nº 81/MARÇO 94
Steven Spielberg fala sobre seu último filme; todos os indicados para o Oscar 94; e a estréia do novo caderno de vídeo com mais de 60 lançamentos

Nº 80/ FEVEREIRO 94
Pacino e De Palma em *O Pagamento Final*; a última entrevista de River Phoenix; em vídeo, *Muito Barulho por Nada* e *A Doce Vida*.

Nº 79/ JANEIRO 94
O elenco de *A Época da Inocência*; *The Nightmare Before Christmas*; Emma Thompson e Brad Pitt; em vídeo, Kurosawa.

Nº 78/DEZEMBRO 93
Radiografia do mercado de vídeo; homenagens a Fellini, Vincent Price e River Phoenix; em vídeo, *O Gabinete do Dr. Caligari*.

Nº 77/NOVEMBRO 93
Van Damme protagoniza *O Alvo*, do chinês John Woo; Martin Scorsese em entrevista exclusiva; em vídeo, *Metrópolis* e *Gigi*.

Nº 76/OUTUBRO 93
Visita ao set de *O Fugitivo*; Clint Eastwood e John Malkovich em *Na Linha de Fogo*; em vídeo, o *Blade Runner* integral e *Alien* ³.

Nº 75/SETEMBRO 93
Tom Cruise em *A Firma*; entrevista com Meg Ryan; em vídeo, *Cães de Aluguel*, *A Bela e a Fera* e *Luzes da Cidade*.

Nº 74/AGOSTO 93
Sharon Stone em *Invasão de Privacidade*;os efeitos de *Jurassic Park*; em vídeo, *Perfume de Mulher*, *Perdas e Danos* e *Drácula*.

Nº 73/JULHO 93
Festival de Cannes; Stallone fala sobre *Risco Total*; Johnny Depp; em vídeo, *Soldado Universal* e *Duplo Impacto*, com Van Damme.

Nº 72/JUNHO 93
Dossiê completo sobre *Jurassic Park* e os dinossauros no cinema; *making of* de *Aladdin*; em vídeo, *Nosferatu* e *King Kong*.

Nº 71/MAIO 93
Demi Moore e Adrian Lyne falam de *Proposta Indecente*; Michael Douglas em *Um Dia de Fúria*; em vídeo, *Instinto Selvagem*.

Nº 70/ABRIL 93
Os bastidores de *O Último Grande Herói*; Al Pacino; entrevistas com Richard Gere e Jodie Foster; em vídeo, *Lanternas Vermelhas* e *Hook*.

ATENÇÃO: A DINAP tem apenas os seis últimos números (incluindo o de banca) em estoque limitado

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

CONTIGO: Gente, Atualidades e TV
BIZZ: Rock
SET: Cinema e Vídeo
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

BOA FORMA: Fitness, Beleza e Saúde
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
UAU: Ídolos da Juventude
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
1500 VÍDEOS

Especiais

FAMA
LETRAS TRADUZIDAS
VÍDEO ERÓTICO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604- Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

A CARIBE vai levar você para O CARIBE

Participe desta Promoção!

Apoio: Acessórios METAL CAR

Abra uma revenda CARIBE na sua região.

São mais de 10.000 títulos para você escolher sem se preocupar com os "famosos pacotes", e tudo com PRONTA ENTREGA.

** Aceitamos todos Cartões de Crédito, inclusive para compras feitas por telefone.*

** Remetemos para todo o Brasil.*

** Aceitamos 5 cheques semanais*

** Assessoria para você que está montando sua vídeo locadora.*

*** FITAS NOVAS E USADAS.**

*** ACESSÓRIOS PARA GAME E VÍDEO LOCADORAS.**

MATRIZ - SÃO PAULO - SP
R. Voluntários da Pátria, 1223
Santana - CEP 02011-100
(a 30 metros da estação Carandirú do Metrô)
Fones: (011) 267-9200 / 290-9419
Fone/Fax:(011) 290-9572

FILIAL- SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP
Praça Cônego Lima, 08 - 1- andar
Sala 11 - Centro - CEP 12210-080
Fone:(0123) 23-4096

FILIAL- FLORIANÓPOLIS
R. Arcipreste Paiva, 85 - Sl.303
Ed. Cidade de Florianópolis
ao lado da Catedral
Fone:(0482) 24-2517

Cartas

Vivas à SET!

Quando li a edição nº 2, ano 8, de SET meu desejo foi fazer com todos os críticos da revista o mesmo que o psicopata de *Dirty Harry na Lista Negra* fez com aquela crítica de cinema que escreveu algumas bobagens sobre o filme do diretor Peter Swan. Claro que o meu desejo era fazer tudo fictício, porque para ter o privilégio de ler entrevistas com Al Pacino, Brian De Palma, River Phoenix, Tom Hanks, Jack Lemmon e Peter Greenaway em uma mesma edição é preciso duas coisas: ler uma boa revista e que ela tenha bons críticos. Esclarecendo melhor: para ter esse prazer só sendo assinante de SET, como eu...

Celso Brito
(Abel Figueiredo – PA)

Em primeiro lugar, parabenizo o alto nível das edições mais recentes de SET. Na edição de fevereiro/94, José Emilio Rondeau foi muito sóbrio em sua crítica a *O Pagamento Final*, pois o filme não é tudo aquilo que se esperava. Por fim, a seção *Mito* com Carmen Miranda está sensacional; parabéns a Dulce Damasceno de Brito. Quanto à filmografia de Carmen, existem duas discrepâncias em relação à publicada na edição de abril de 1991 de SET: 1) a ausência dos filmes *Carnaval de 1932 no Rio* e *Sonho de Estrela*, na primeira publicação; 2) *Banana da Terra*, afinal, é de Ruy Costa ou de João de Barro, como consta na edição de 1991?

Fábio Said
(São Paulo – SP)

Caro Fábio, valem as informações publicadas na edição de fevereiro de 1994 de SET.

O que foi que aconteceu com a equipe de SET? A edição de fevereiro está sem dúvida a melhor dos últimos três anos!!! Entrevistas sensacionais (aliás, seis entrevistas sensacionais), fotos boas e textos bem escritos, e a seção *Videolançamentos* superlegal, que ficou excelente com o novo visual.

Vitor L. de Menezes de Andrade
(Belo Horizonte – MG)

Maravilhosa a matéria dedicada à Carmen Miranda na edição nº 2, ano 8. Fiquei muito feliz em saber que finalmente alguém se lembrou de homenagear essa estrela.

Fábio L. Souza Maciel
(Maceió – AL)

Parabenizo SET pelas ótimas últimas edições: primeiro foi a edição sobre o mercado de vídeo no Brasil; depois, *A Época da Inocência*; e em fevereiro, uma edição com a ótima entrevista de Peter Greenaway. Vocês estão chegando à perfeição.

Marcone Carvalho
(Fortaleza – CE)

SET está cada vez mais bonita, completa, moderna, graficamente maravilhosa e com textos mais inteligentes. Um exemplo é a edição de fevereiro/94, a qual nos contemplou com as entrevistas de Al Pacino e Jack Lemmon e a homenagem à nossa maior estrela: Carmen Miranda. Aproveito para sugerir uma seção *Mito* com Rudolph Valentino.

Onássis Luis Alves
(Campinas – SP)

O ator Rudolph Valentino foi enfocado na seção Mito *da edição de setembro de 1988.*

Em primeiro lugar, quero parabenizá-los pelo exemplar de fevereiro/94, em especial a reportagem sobre *O Pagamento Final*. Aproveito a oportunidade para sugerir uma reportagem sobre Stephen King.

Ramiro Ronchetti
(Erechim – RS)

Pode aguardar que Stephen King já está em nossa pauta.

Achei ótima a entrevista com Tom Hanks na edição nº 2, ano 8, sobre *Filadélfia*. Ele demonstra mais uma vez por que é chamado de coringa pelos diretores e deveria ter recebido o Oscar por sua atuação em *Big – Quero Ser Grande*. Hanks prova com o personagem Andrew Beckett que cada vez mais supera a si próprio. Gostei também da última entrevista com River Phoenix, e Dulce Damasceno de Brito deu um toque bem brasileiro na seção *Mito*.

Milena Larissa de Azevedo
(Natal – RN)

Apesar da matéria com *O Pagamento Final* estar atrasada, a edição de fevereiro/94 só merece aplausos: as entrevistas com River Phoenix, Tom Hanks, Peter Greenaway; a excelente qualidade da crítica de Alfredo Sternheim em seu texto sobre *O Renascer de uma Mulher*, em que faz uma criteriosa comparação entre as atuações de Judy Hollyday e Melanie Griffith; Luiz Carlos Merten também criticou com conhecimento o filme *Muito Barulho por Nada*; e, por fim, a especial matéria com Carmen Miranda em *Mito*.

Fúlvio Torres Flores
(São Paulo – SP)

Simplesmente maravilhosa a entrevista com River Phoenix na edição nº 2, ano 8, de SET. Seguro, sensível e inteligente, River nos brindou com respostas profundas, de rica simbologia, o que só aumentou nosso pesar por sua perda. Pena que nem todos estejam à altura, como parece ser o caso do autor dos comentários na abertura da entrevista, no mínimo lamentáveis, tais como "falou compulsivamente, tropeçando nas idéias". Por quê? Preferia respostas rápidas, rasteiras e óbvias? Ou ainda, "revelando seu lado místico" e "premonitoriamente...". Por acaso nunca ouviu falar em linguagem metafórica? Podemos deduzir que: ou o jornalista não entendeu o que leu, o que é surpreendente, ou pensou que nós não entenderíamos, o que é ofensivo. Resta supor que tenha aproveitado para expressar uma visão pessoal negativa do ator. Neste caso, imagino que seu nome seja J. E. Rondeau. Acertei?

Ivana de Souza
(Natal – RN)

Cara Ivana: J.E. Rondeau não é o autor da apresentação da entrevista, e sim eu, Deborah Peleias. Quanto aos meus comentários que você listou em sua carta: como a entrevista foi editada, ela pode não ter passado o quanto River Phoenix realmente "tropeçou" nas idéias, fato ainda mais visível no texto em inglês enviado pelo entrevistador. Em segundo lugar, não quis ser ofensiva em momento algum em relação ao ator, de quem me considero fã nº 1. Terceiro, jamais considerei o leitor como alguém inferior aos meus conhecimentos da língua portuguesa. Espero sinceramente ter desfeito o mal-entendido.

Divergência

Lua de Fel não é suspense (nº 2, ano 8, seção *Videolançamentos*). É drama erótico!

Renato Jobim
(Vitória – ES)

Caro Renato, Lua de Fel é um drama erótico que se conduz pelo suspense. Então, pode ser considerado do gênero suspense.

Fora do Circuito Comercial

Parabenizo-os por estarem fazendo desta, ainda, uma grande revista. Mas manisfesto minhas críticas, tanto quanto meus elogios. Por que será que certos filmes que são bastante comentados, apreciados pela crítica e pelo público sofrem uma certa discriminação por parte desta revista, dando a eles tão pouco espaço? É o caso de *A Liberdade É Azul*, *Amor e Sedução*, *O Piano*, dentre outros. E não é de hoje que noto isso. É importante dizer que, apesar de esses filmes não serem campeões de bilheteria ou sensações da temporada, têm um público fiel e respeitável e que quer saber mais sobre eles. Nada mais justo, não?

Jônathas Santana
(Ananindeua – PA)

Correio Entre os Leitores

Quero contatar fãs da série *Twin Peaks*.

Álvaro Ricardo de Souza Jr.
Rua das Paineiras, 903,
CEP 04771-080
(São Paulo – SP)

Chegou o mais novo fanzine de cinema. Escrevam.

Cinema Mundi
Travessa Prosperidade, 49/1004,
CEP 21211-010
(Rio de Janeiro – RJ)

Fã-clube *Tartarugas Ninja*. Acervo de fotos e reportagens.

Adalberto dos Santos
Av. B, 156-A, CEP 69043-050
(Manaus – AM)

Troco correspondência com amantes da Sétima Arte.

Corina Bauer
Rua José Provezi, 95,
CEP 89095-260
(Blumenau – SC)

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

- A Firma
- Risco Total
- Feita Por Encomenda
- E Outros

• PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
• PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
• PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
• GARANTIA E QUALIDADE

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 358 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel: (011) 298-1120
(011) 298-8161
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

7ª. ARTE
VÍDEO SHOP
FITAS NOVAS E USADAS
VENHA NOS CONHECER!

LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS.
- Risco Total
- Perseguição na Fronteira
- Feita Por Encomenda
- A Firma • Cante Com Aladin
- E Outros

Catálogos a partir de CR$ 2.900,00
Cheques pré-datados sem juros.
Aceitamos permuta: telefones e carros.
Remetemos para todo o Brasil.
Horário: segunda a sexta das 8:30 às 19:00 hs sábado das 8:30 às 18:00 hs.
Ganhe estojos novos e usados.

Av. Cruzeiro do Sul, 2619 - Sala 12 - 2º-A
Santana - São Paulo - SP - CEP 02030-100
Ao lado do Metrô Carandirú - Tel.: (011) 267-5567

HAWAI
HOME VÍDEO
FITAS NOVAS E USADAS

- Feita Por Encomenda
- A Firma • Cante Com Aladin
- Risco Total
- Perseguição na Fronteira
- E Outros

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(próximo ao Metrô Carandiru)

Tel.: (011) 290-4330

ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

• Voltamos a financiar a partir de 30 dias com juros bancários!
• Toda linha de acessórios
• Pagamentos com cheques semanais sem juros
• Aceitamos automóvel e telefone como forma de pagamento.

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE VITAS
AGORA TUDO EM
GAMES NOVOS E USADOS!
PROMOÇÃO!
LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS!

- A Firma • Cante Com Aladin
- Risco Total
- Feita Por Encomenda
- Persiguição na Fronteira
- E Outros

- Catálogos a partir de CR$ 2.900,00
- Garantia total das fitas
- Melhor qualidade
- Ganhe estojos novos e usados

• Cheques pré-datados sem juros
• Remetemos para todo o Brasil

Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 18:00 horas
Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

FITAS DE VÍDEO

Novas • Seminovas • Usadas
Grande quantidade de títulos

Atendemos colecionadores, particulares e montamos vídeo locadoras
Aceitamos todos os Cartões de Crédito, inclusive por telefone)

PLANETA NORTE

Fone:
(011) 578-5727
(011) 584-5723
R. Dos Buritis, 257
Metrô Jabaquara

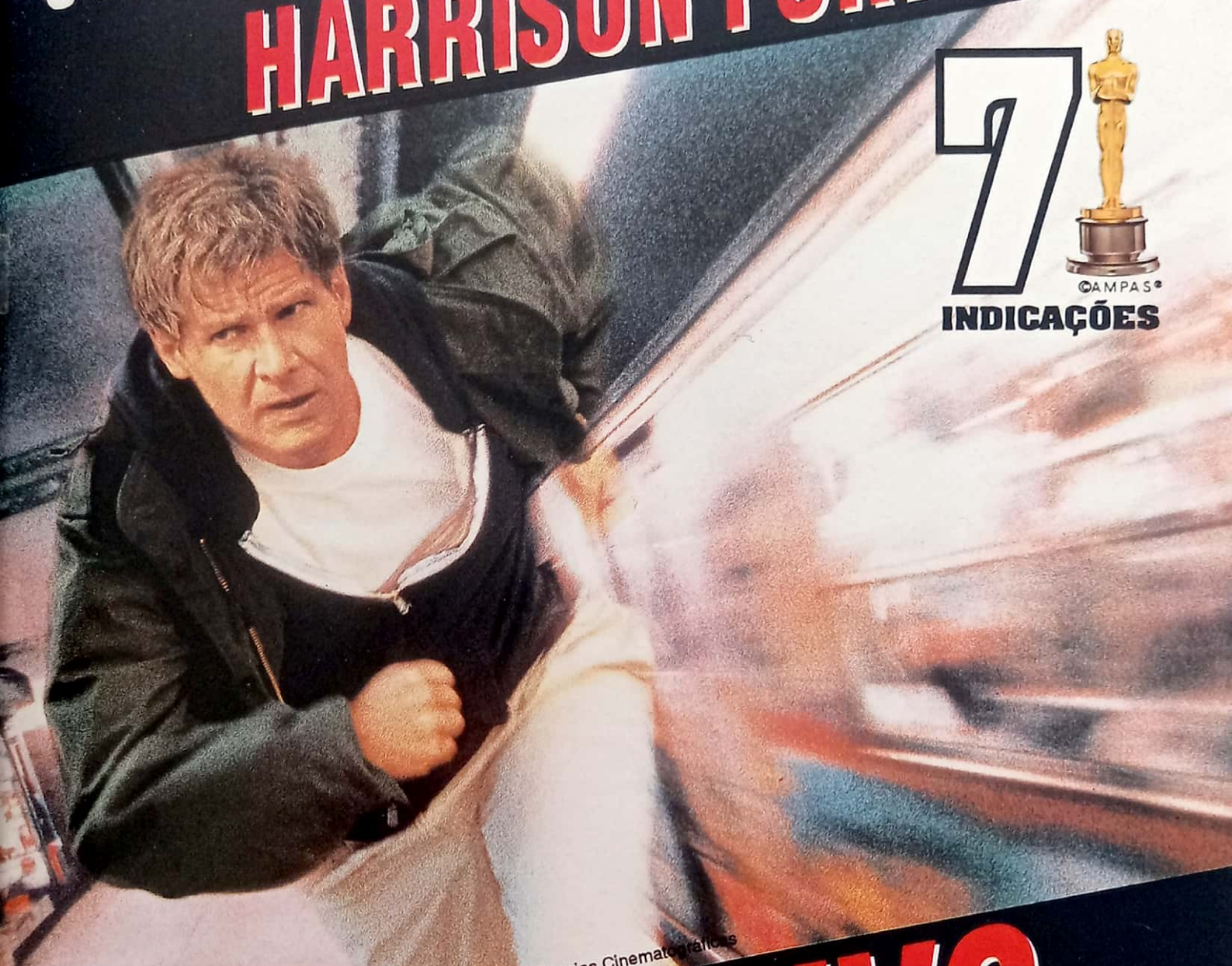
SET

LUXÚRIA INDÔMITA

John Wayne e Marlene Dietrich em
A Pecadora (*Seven Sinners*, 1940),
de Tay Garnett

"O ASTRO DO SÉCULO"
(Associação Nacional de Exibidores de Cinema dos EUA)

HARRISON FORD



7 ©AMPAS®
INDICAÇÕES

"Oscar" é marca registrada e marca de serviço da Academia de Ciências Cinematográficas

O FUGITIVO

7 INDICAÇÕES AO OSCAR
- MELHOR FILME
- MELHOR ATOR COADJUVANTE (TOMMY LEE JONES)
- FOTOGRAFIA
- MONTAGEM
- EFEITOS SONOROS
- TRILHA SONORA ORIGINAL
- SOM

GLOBO DE OURO
VENCEDOR
•Melhor Ator Coadjuvante
TOMMY LEE JONES

INDICAÇÕES
•Melhor Ator
HARRISON FORD
•Melhor Diretor

DUBLADO E LEGENDADO

JÁ DISPONÍVEL NA SUA LOCADORA

WARNER HOME VIDEO

CLINT EASTWOOD

JOHN MALKOVICH • RENE RUSSO

NA LINHA DE FOGO

COLUMBIA PICTURES E CASTLE ROCK ENTERTAINMENT APRESENTAM UMA PRODUÇÃO APPLE/ROSE UM FILME DE WOLFGANG PETERSEN
CLINT EASTWOOD JOHN MALKOVICH RENE RUSSO "NA LINHA DE FOGO" DYLAN McDERMOTT GARY COLE FRED DALTON THOMPSON
E JOHN MAHONEY CO-PRODUZIDO POR BOB ROSENTHAL TRILHA SONORA DE ENNIO MORRICONE MONTAGEM ANNE V. COATES, A.C.E. CENOGRAFIA LILLY KILVERT
DIRETOR DE FOTOGRAFIA JOHN BAILEY, A.S.C. ARGUMENTO DE JEFF MAGUIRE PRODUTORES EXECUTIVOS WOLFGANG PETERSEN, GAIL KATZ E DAVID VALDES
PRODUZIDO POR JEFF APPLE DIRIGIDO POR WOLFGANG PETERSEN

CASTLE ROCK